



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO - PPGE
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MÁRCIA CRISTIANE FERREIRA MENDES

**Memórias e Práticas Educacionais da Educadora
Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário
educativo da Paraíba (1916 – 1962)**

**JOÃO PESSOA-PB
AGOSTO/2012**

MÁRCIA CRISTIANE FERREIRA MENDES

Memórias e Práticas Educacionais da Educadora Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário educativo da Paraíba (1916 – 1962)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE (Stricto Sensu), do centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

Linha de Pesquisa: História da Educação

Orientador: Prof. Dr. Charliton José Dos Santos Machado

JOÃO PESSOA – PB
AGOSTO/ 2012

MÁRCIA CRISTIANE FERREIRA MENDES

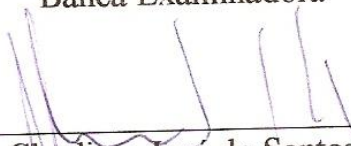
**Memórias e Práticas Educacionais da Educadora
Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário
educativo da Paraíba (1916 – 1962)**

Dissertação defendida em 22/08/2012

Orientador: Charliton José dos Santos Machado

Mestranda: Márcia Cristiane Ferreira Mendes

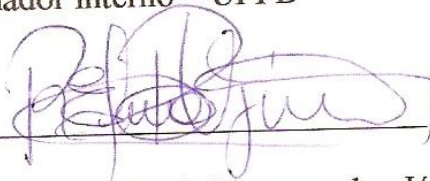
Banca Examinadora



Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado
Orientador – UFPB



Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia da Silva Nunes
Examinador interno – UFPB



Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Examinador externo – UECE/UFC

Prof.ª Dr.ª Fabiana Sena - UFPB
(1º Suplente)

DEDICATÓRIA

A Deus
e aos meus pais,
Mamédio das Graças Mendes e
Cristina Ferreira Mendes.

“Nunca alguém me olhou assim com tanta emoção.
Quando ouço as suas vozes escuto a mesma canção.
Que vocês cantavam, quando eu chorava sem querer dormir.
E com lágrimas vocês oravam por mim.
Palavras de amor, palavras de paz,
são momentos que eu não esquecerei jamais, jamais [...]” (EYSHILA)

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por ter me capacitado e me guiado nesses dois anos como aluna de mestrado. “Como Agradecer a Jesus o que fez por mim? Sem eu merecer vem provar o seu amor sem fim. As vozes de milhões de anjos, não poderiam expressar: A gratidão que vibra em meu ser; Pois tudo devo a Ti”. (Igreja Adventista do Sétimo Dia).

Aos meus irmãos, Marcos Mendes, Márcio Mendes e Marcelo Mendes por estarem presentes nessa minha caminhada.

Aos meus sobrinhos Rebecca Guimarães Mendes, Marcos Valentim de Lima Mendes, Renato Mendes e mais um novo integrante da Família: Guilherme Henrique Cartaxo Mendes. Amo como se fossem meus próprios filhos.

Aos meus tios paternos e maternos por terem contribuído em minha trajetória acadêmica e de vida.

Ao meu Amigo, professor e orientador Dr. Charliton José dos Santos Machado, por me incentivar a dedicar-me a pesquisa historiográfica. Agradeço por repartir seus conhecimentos, colocando em nossas mãos as ferramentas com as quais abriremos novos horizontes.

A Profa. Dr. Maria Lúcia da Silva Nunes, pelas orientações transmitidas, através da qualificação. Foram de extrema relevância suas observações e foram todas seguidas à risca!

Ao Prof. Dr. Elmo Vasconcelos, por ter aceitado gentilmente participar da minha qualificação e da minha banca de defesa. Muito obrigada!

À professora Adelaide Alves Dias, pelo carinho e amizade. Agradeço pelas oportunidades que me foram abertas e também por contribuir em minha aprendizagem nesse processo acadêmico.

A minha amiga e irmã Viviane Freitas da Silva, por ter me aguentado por tanto tempo, desde a graduação até o mestrado, espero ter sempre sua amizade. Ainda vamos trilhar

muitos caminhos juntas. Deus a abençoe! “Emoção, eu sei floresce, nestes corações amigos. Tantas situações vividas, tão preciosas nunca mais se esquecem. Ser amigos é pra sempre como eterno é o nosso Deus...” (Prisma Brasil).

A Tatiana Medeiros pela amizade. Acredito que Deus envia pessoas certas em momentos certos das nossas vidas.

Aos amigos que conquistei no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – Cleomar Barbosa, Rosilene Farias, Maria das Graças Nonato e Rosângela Chrystina Fontes de Lima e aos meus colegas da turma 30 e os professores que passaram nesta turma.

A CAPES pelo apoio financeiro e incentivo às pesquisas científicas.

Ao Instituto Histórico Geográfico da Paraíba – IHGP, a Fundação Nacional Espaço Cultural - FUNESC e a Fundação José Américo por nos fornecer os arquivos impressos para a pesquisa.

Aos entrevistados que contribuíram de forma significativa para esta dissertação: João Pereira Gomes Filho, José Otávio de Arruda Melo, Linalda de Arruda Melo, Analice de Miranda Peregrino, Haroldo Humberto Lucena, Maria Marta Dieckman, Hermano Dantas Pereira Gomes, Eleonora Dantas Aguiar. Obrigada pelo carinho e a preocupação para que eu obtivesse as informações necessárias para construir com construção da memória desta educadora que dedicou sua vida a educação paraibana.

RESUMO

O estudo aqui apresentado objetivou investigar, historicamente, a memória das práticas educacionais da professora Argentina Pereira Gomes, reportando-se ao marco temporal de 1916-1962, período correspondente aos anos de sua atuação docente na capital da Paraíba. Adotou-se uma metodologia que manteve ligada ao emprego da História Oral, especificamente, a terceira Geração dos Annales, a Nova História Cultural, por se tratar de uma pesquisa biográfica. Para fundamentar a pesquisa recorreu-se também às fontes bibliográficas de Burke (2010), Avelar (2007), Thompson (1992), Meihy e Holanda (2007) e Nóvoa (1995). O corpus documental foi composto por fontes secundárias e primárias coletadas nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), na Fundação Espaço Cultural (FUNESC), Fundação José Américo e no Arquivo das Escolas Extintas, da Primeira Região de Ensino. Na FUNESC, houve uma dedicação especial às leituras do Jornal A União, órgão da imprensa oficial da Paraíba. No IHGP e na Fundação Casa de José Américo de Almeida, trabalhou-se com as leituras das revistas Era Nova, Manaíra e Revista do Ensino, correspondendo os anos de 1916-1962. Ao examinar as práticas educacionais da professora Argentina Pereira Gomes, proporcionadas pelas fontes orais e impressas, possibilitou-se discorrer também sobre sua origem, e sua formação educacional na Parahyba do Norte, o que contribuiu para perceber o contexto educacional que a referida educadora estava inserida e as mudanças ocorridas na sociedade conforme as renovações políticas do país, especificamente com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. Tais percepções também puderam ser vistas a partir de suas publicações na Revista do Ensino, datado de 1932 e 1937, revista mantida pelo governo estado da Paraíba, e que a mesma discute sobre as novas metodologias de ensino proposto pela Escola Nova, contrariando ao ensino tradicional que estava posto. Por fim, compreende-se a dedicação de Argentina Pereira Gomes à educação brasileira, deixando um forte legado, revelado através da memória de ex-alunos, familiares, amigos, nas suas publicações em revistas e nos jornais onde mencionam sobre sua trajetória educacional.

Palavras-chave: Educação. Educadora. Memórias. Escola Nova.

RESUMEN

El estudio aquí presentado tuvo como objetivo investigar, históricamente, la memoria de las prácticas educacionales de la profesora Argentina Pereira Gomes, reportándose al marco temporal de 1916-1962, período correspondiente a los años de su actuación docente en la capital de Paraíba. Se adoptó una metodología que se mantuvo ligada al empleo de la *Historia Oral*, específicamente, la tercera *Geração dos Annales*, la *Nueva Historia Cultural*, por tratarse de una investigación biográfica. Para fundamentar la investigación se recurrió además a las fuentes bibliográficas de Burke (2010), Avelar (2007) y Nóvoa (1995). El corpus documental fue compuesto por fuentes secundarias y primarias recolectadas en los acervos del *Instituto Histórico y Geográfico Paraibano* (IHGP), en la *Fundação Espaço Cultural* (FUNESC), *Fundação José Américo* y en el *Arquivo das Escolas Extintas*, de la *Primeira Região de Ensino*. En la FUNESC, hubo una dedicación especial a las lecturas del periódico *A UNIÃO*, órgano de la prensa oficial de Paraíba. En IHGP y en la *Fundação Casa de José Américo de Almeida*, se trabajó con las lecturas de las revistas *Era Nova*, *Manaíra* y *Revista do Ensino*, correspondiendo a los años de 1916-1962. Al examinar las prácticas educacionales de la profesora Argentina Pereira Gomes, proporcionadas por las fuentes orales e impresas, se hizo posible discurrir también sobre su origen, y su formación educacional que la referida educadora estaba insertada y los cambios ocurridos en la sociedad conforme las renovaciones políticas del país, específicamente con la publicación del *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* en 1932. Tales percepciones también pudieron ser vistas a partir de sus publicaciones en la *Revista do Ensino*, con fechas de 1932 y 1937, revista mantenida por el gobierno del Estado de Paraíba, y que la misma discute sobre las nuevas metodologías de enseñanza propuestas por la *Escola Nova*, contrariando a la enseñanza tradicional que estaba puesta. Por fin, se comprende la dedicación de Argentina Pereira Gomes a la educación brasileña, dejando un fuerte legado, revelado a través de la memoria de ex alumnos, familiares, amigos, en sus publicaciones en revistas y en los periódicos donde mencionan su trayectoria educacional.

Palabras clave: Educación. Educadora. Memorias. *Escola Nova*.

LISTA DE ANEXO

ANEXO A: Dados bibliográficos da professora Argentina Pereira Gomes.....	104
ANEXO B: Arquivo Público do Estado da Paraíba.....	105
ANEXO C: Homenageando Argentina Pereira Gomes após sua morte.....	106
ANEXO D: Professora Argentina Pereira Gomes.....	107
ANEXO E: Quadro de funcionamento de escolas cedida pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba.....	108
ANEXO F: Autorização de funcionamento da escola Estadual de Ensino Fundamental Profa. Argentina Pereira Gomes.....	109
ANEXO G: Continuação da documentação do anexo F da Autorização de funcionamento da escola Estadual de Ensino Fundamental profa. Argentina Pereira Gomes.....	110
ANEXO H: Publicação de um artigo da professora Argentina Pereira Gomes na Revista do Ensino.....	111
ANEXO I: Publicação de outro artigo da professora Argentina Pereira Gomes na Revista do Ensino.....	113
Anexo J: Publicação de Artigo no Jornal o Norte da Paraíba: Dedicção à arte de ensinar.....	121

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Argentina Pereira Gomes.....	31
Figura 2: Inauguração da Escola Estadual Argentina Pereira Gomes.....	31
Figura 3: Escola Estadual Professora Argentina Pereira Gomes.....	33
Figura 4: Jubileu Sacerdotal do Arcebispo da Paraíba.....	43
Figura 5: Pedra Fundamental da Escola Normal lançada em 1874.....	45
Figura 6: Escola Normal localizado a Praça João Pessoa, onde Argentina Pereira Gomes lecionou.....	45
Figura 7: Escola Normal, hoje abriga o Tribunal de Justiça.....	46
Figura 8: Casa atual onde residiu Argentina Pereira Gomes e Carmelita Pereira Gomes.....	47
Figura 9: Imposto Predial e Territorial - IPTU- da casa onde morava Argentina Pereira Gomes.....	47
Figura 10: Igreja Nossa Senhora de Lourdes.....	48
Figura 11: Família de Argentina Pereira Gomes, após o falecimento de seu pai.....	49
Figura 12: Grupo Escolar Eptácio Pessoa antes da ampliação 1870/1920.....	54
Figura 13: Grupo Escolar Eptácio Pessoa após ampliação Jan/1937.....	55
Figura 14: Grupo Escolar Eptácio Pessoa tirada em Jan/2012.....	55
Figura 15: Argentina Pereira Gomes e o Colégio Nossa Senhora das Neves.....	57
Figura 16: Livro Colégio Nossa Senhora das Neves.....	58
Figura 17: Basílica de São Pedro –Vaticano – Roma/Itália.....	59
Figura 18: Grupo Escolar Thomas Mindello.....	72
Figura 19: Capa da Revista do Ensino.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EPENN	Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste
FUNESC	Fundação Espaço Cultural
HISTEDBR	História e Sociedade na Educação no Brasil
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba
IPHAEP	Instituto Histórico e Artístico do Estado da Paraíba
JAC	Juventude Ação Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNIPÊ	Centro Universitário de João Pessoa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: OS CAMINHOS DE UM HISTORIADOR DA EDUCAÇÃO.....	12
1.2. A Nova História Cultural e os estudos biográficos.....	17
1.3. Procedimento de pesquisa e fonte.....	26
1.4. Detalhamento e organização da pesquisa.....	29
 CAPÍTULO 2: ARGENTINA PEREIRA GOMES: percurso na educação paraibana	37
2.1. Biografando a educadora Argentina Pereira Gomes.....	37
2.2. A atuação profissional de Argentina Pereira Gomes em João Pessoa- PB.....	50
 CAPÍTULO 3: ESPAÇOS DE MUDANÇAS: ARGENTINA PEREIRA GOMES E O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA.....	61
3.1. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova no Brasil: Fernando de Azevedo.....	62
3.2 A difusão dos ideais do Escolanovismo na Parahyba do Norte.....	70
3.3. O olhar de Argentina Pereira Gomes sobre o movimento da Escola Nova na Paraíba.....	77
 Considerações Finais.....	92
Referências.....	95
Fontes Documentais Impressas e escritas.....	100
Fontes Orais.....	101
Anexos.....	103
Apêndices.....	122

CAPÍTULO I

OS CAMINHOS DE UM HISTORIADOR DA EDUCAÇÃO

[...] No que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades [...]. (PERROT, 2005, p.14)

A epígrafe acima nos revela a importância da construção da História das Mulheres e indica, ainda, que são poucos os estudos que apontam o seu papel como protagonista nos grandes acontecimentos: guerras, revoluções etc. Nesse sentido, o nosso estudo objetiva aprofundar a história e memória de Argentina Pereira Gomes, trazendo à tona os conflitos existentes entre educação tradicional e os nascentes movimentos renovadores do início do século XX, ligando, assim, suas contribuições nesse debate à educação paraibana.

Assim, os acontecimentos, especificamente no passado, tem sua relevância porque nos falam de coisas e pessoas admiráveis; de pessoas comuns que lutaram cotidianamente em prol de um ideário de vida pessoal e coletiva e que devem ser lembradas ao longo da história como acontecimentos a serem conhecidos e compreendidos.

As histórias de pessoas comuns ou que tiveram suas vozes silenciadas ganharam espaços nas pesquisas históricas, mostrando o retrocesso, avanços e rupturas no fazer da historiográfico. Como afirma Pinheiro:

Fortalecem-se, portanto, os estudos relativos à história da educação, observando as questões da mulher ou de gênero (normalistas, intelectuais e professoras), da criança, da infância e do trabalho por eles realizados no passado e no presente, os estudos étnicos (negros e índios na escola formal)[...] É como se a constatação acerca daqueles que foram dominados, vencidos e silenciados pela história tradicional tivesse se exaurido, sendo, portanto, necessário identificar mais amiúde quem eram e quais são estes excluídos, silenciados... e pequenos. Ocorreu, de certa forma, a preocupação com a história vista de baixo.(PINHEIRO, 2011, p. 258).

Dessa forma, os estudos biográficos, disponibilizados pelas academias, têm proporcionado ao campo da História da Educação consideráveis contribuições, trazendo à baila a memória de pessoas que, de alguma forma, ficaram esquecidas na historiografia brasileira e paraibana. Sobre essa questão, Ferrarotti (1988, p.18) acrescenta, ainda, que os estudos biográficos revelam o reaparecimento dos sujeitos, face às estruturas e aos sistemas:

Se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual.

Essas breves considerações sustentaram o interesse em pesquisar a memória e as práticas educativas da educadora Argentina Pereira Gomes a partir de dois momentos de realização acadêmica, quais sejam: o primeiro, quando tivemos contato com a “Escola Estadual Professora Argentina Pereira Gomes”, ainda na condição de estagiária do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), entre os anos de 2007-2009. O segundo momento, como bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq, sob a orientação do Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado, através do projeto intitulado: “Educação e Educadoras na Paraíba do Século XX: práticas leituras e representações”¹, desenvolvido a partir do segundo semestre de 2008 ao primeiro semestre de 2009. O objetivo central do referido projeto era desvelar as memórias e as práticas das educadoras que fizeram história na Paraíba no Século XX.

Assim, na condição de estagiária e, posteriormente, bolsista de iniciação científica, buscamos nos aproximar e conhecer quem foi essa educadora, homenageada como patronesse da referida instituição escolar. Como resultado dessa investigação, elaboramos o nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)², intitulado: “Da memória à história: Argentina Pereira Gomes e as suas contribuições à Educação Paraibana”, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), também sob a orientação do professor Dr. Charliton José dos Santos Machado.

¹ Todos esses documentos se encontram digitados e disponíveis no acervo do grupo de pesquisa “História, Sociedade e Educação” – HISTEDBR, da Pós-Graduação em Educação – PPGE, Centro de Educação da (UFPB), para socialização das pesquisas científicas.

² O trabalho de Conclusão de Curso: *Da memória à história: Argentina Pereira Gomes e as suas contribuições à Educação Paraibana*, está à disposição no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) aos graduandos e pesquisadores.

Devido ao limitado tempo despendido para o desenvolvimento do TCC, após a conclusão, constatamos lacunas, tais como: aprofundamentos nas fontes impressas; pesquisas em outras bibliotecas públicas e privadas, além da necessária continuidade de investigação no Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP) e na Fundação Espaço Cultural da Paraíba – (FUNESC). Também, fazia-se necessário identificar outros personagens, em particular, ex-alunos e familiares que mantiveram contatos com a educadora Argentina Pereira Gomes ao longo de sua trajetória de docente.

Segundo Duarte (1995), os obstáculos fazem parte de todo o processo de interpretação e pesquisa histórica e, conseqüentemente, transforma-se em relevantes produções que impulsionam superar os desafios, à medida que exige do pesquisador atentar novamente aos detalhes despercebidos e a leitura nas entrelinhas das fontes. Nessa perspectiva, o que esperamos alcançar neste estudo são os detalhes que ficaram submersos ou despercebidos em outros estudos. Ou seja, apontamos aqui a necessidade de se revisitar ou questionar as próprias fontes. Sobre essa questão afirma Passos:

O historiador está inserido em um tempo que constantemente lhe sugere questões, gerando muitas vezes o desconforto da exigência de retomar antigas perguntas e rever procedimentos, embora haja também a satisfação de realizar a revisão de muitas das certezas que tinha sobre a história de um passado recente. (2008, p. 189)

Portanto, o interesse em retomar a pesquisa acerca das práticas educativas de Argentina Pereira Gomes, como falamos anteriormente, partiu do pouco tempo destinado ao desenvolvimento do TCC e da revelação de outros documentos escritos por esta educadora, aos quais até então não tínhamos ainda tido acesso, ou seja, tomado conhecimento.

Diante dos desdobramentos que as fontes impressas e orais nos proporcionaram, os novos indícios nos impulsionaram a analisar a prática desta educadora num patamar de uma construção maior e mais profunda, em nível de mestrado, na perspectiva de reconstruir e articular uma leitura do passado ao momento presente por nós vivenciado como pesquisadora. Assim, compartilhamos com Goodson (1995, p. 75), ao afirmar que:

Ver o indivíduo em relação à história do seu tempo, permitindo-nos encarar a interseção da história de vida com a história da sociedade,

esclarecendo assim escolhas, contingências e opções com o que se depara o indivíduo.

Assim, entre as fontes não investigadas à época do TCC, destacamos um artigo que analisamos nesta pesquisa, de autoria de Argentina Pereira Gomes, intitulado *Princípios Básicos do Methodo Didactico*, publicado em 1937 na *Revista do Ensino*³. A descoberta desta fonte nos impulsionou a necessidade de realizar o levantamento de outras fontes escritas, além, dos relatos de memórias de familiares, ex-alunos e amigos.

Considerando o documento supracitado, surgiram algumas questões: qual a relação dos conteúdos abordados por Argentina Pereira Gomes com os princípios da Escola Nova? Quais os impactos do movimento da Escola Nova na Paraíba? Que contribuições se evidenciam do escolanovismo na educação paraibana da época?

Estes questionamentos foram postos na análise no terceiro capítulo deste estudo, em particular, quando nos debruçamos sobre as ideias e práticas educativas de Argentina Pereira Gomes. Assim, as fontes escritas nos levaram ao encontro com este sujeito e, também, com os discursos e teses propagadas pelo Movimento da Escola Nova no Brasil, certamente, com repercussão na Paraíba.

Nesse sentido, no presente trabalho, propomos uma análise acerca da história e memória das práticas educacionais de Argentina Pereira Gomes, reportando-nos ao marco temporal de 1916-1962, período correspondente aos anos de sua atuação docente na capital da Paraíba.

Acerca do recorte dessa memória, nos reportamos a Alberti (2004), para quem em termos de investigação histórica, defende que é impossível reproduzirmos a memória de um sujeito, tal qual como aconteceu, pois, se assim o fosse gastaríamos o mesmo tempo que ocorreram os fatos. Sobre essa questão acrescenta Alberti (2004, p.13):

Começamos com uma imagem certamente familiar a muitas pessoas: se quiséssemos fazer um filme reproduzindo passo a passo nossa vida, tal qual como ela foi, sem deixar de lado os detalhes, gastaríamos ainda uma vida inteira para assisti-lo: repetir-se-iam, na tela, os anos, os dias, as horas da nossa vida. Ou seja, é impossível assistir ao que passou, seguindo a continuidade do vivido, dos eventos e das emoções. E o que vale para nossas vidas vale evidentemente para o passado de uma

³ Revista localizada no arquivo do Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP).

forma geral: é impossível reproduzi-lo em todos os meandros e acontecimentos os mais banais, tal qual realmente aconteceu.

Através das fontes com que tivemos contatos e foram investigadas em nossa pesquisa, pudemos evidenciar que Argentina Pereira Gomes, natural de Carpina – PE nasceu em 1889⁴, ano de advento da República no Brasil. Seus pais migraram com os filhos para a Parahyba do Norte, época em que a educadora ainda era criança. A sua formação educacional ocorreu em maior parte na capital paraibana, criando, certamente, um laço forte na referida cidade litorânea.

Encontramos, também, indícios e evidências de que a atuação profissional de Argentina Pereira Gomes ocorreu nas principais instituições escolares da capital do estado, entre elas: a Escola Confessional Nossa Senhora das Neves, a Escola Normal e o Liceu Paraibano.

Nessas instituições de ensino, a educadora dedicou mais de 40 anos de atuação docente, tendo o seu reconhecimento através do título de patronesse, na Escola Estadual Professora Argentina Pereira Gomes. Trajetória educativa que almejamos alcançar neste estudo, ao analisar as fontes orais e os documentos impressos que se encontram nos arquivos públicos e privados.

Portanto, o trabalho de investigação intitulado Memórias e Práticas educacionais da educadora Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário educativo da Paraíba (1916 – 1962) constituiu-se de um reencontro com a referida educadora, através das fontes que focam, em particular, as práticas educativas. Através das fontes orais e escritas buscaremos recompor uma parcela de sua participação histórica e educacional na sociedade paraibana. Para os desdobramentos do objetivo geral da pesquisa perseguimos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Desvelar a memória da educadora Argentina Pereira Gomes;
- 2) Relacionar aspectos de sua prática educativa com as tendências renovadoras (ao movimento da Escola Nova);

⁴ Não foi possível encontrar informações sobre sua infância por falta de fontes documentais impressas e orais.

- 3) Discutir as contribuições da educadora no campo educacional paraibano, através de suas práticas sociais e educacionais registradas em jornais, livros e revistas no período de 1916 e 1962, e pelas narrativas dos seus ex-alunos e familiares;

As construções dos citados objetivos nos possibilitaram o desencadeamento da organização deste estudo aqui apresentado, buscando assim, evitar as paixões ou ufanismos sobre o sujeito/objeto perscrutado. Enfim, nos colocamos no desafio de trazer com esta investigação contribuições historiográficas acerca da trajetória educacional e, sobretudo, das práticas de ensino a partir da personagem Argentina Pereira Gomes.

1.2. A Nova História Cultural e os Estudos Biográficos

[...] Durante as duas últimas décadas, vários historiadores, trabalhando em uma ampla variedade de períodos, países e tipos de história, conscientizaram-se do potencial para explorar novas perspectivas do passado, proporcionado por fontes [...](BURKE, 1992, 40).

A partir desta epígrafe como referência, somos tomados pela concordância de que, através dos documentos (fontes) nos aproximamos dos acontecimentos da história. Em sua configuração mais ampla, os mesmos podem ser descritos e analisados a partir de inúmeras perspectivas e possibilidades: decretos, cartas, relatórios, cadernos pessoais, anotações escolares, romances, entrevistas de história oral, etc. Podemos assim afirmar que este é um dos pontos chave tratados pela terceira geração dos *Annalles*, a denominada Nova História Cultural, que provocou a necessidade de interrogar os documentos (fontes) e, por conseguinte, propor novas interpretações na pesquisa histórica.

Le Goff e Nora (1988), personagens emblemáticas desse novo campo de abordagem no século XX, sugerem também a relevância de se apontar para os novos problemas e os novos objetos. Por isso, os documentos, sendo eles impressos e/ou orais, ganham um novo significado para o historiador da atualidade. Sobre esse processo Pinheiro ressalta que:

Assim, é com essa última acepção que o termo ganhou uma representatividade singular no contexto de um dos mais relevantes movimentos de renovação historiográfica, processada a partir dos meados do século XX. Todavia, a expressão associou-se, ou melhor,

foi associada a outras duas, quais sejam: problema e objeto, formando assim, uma tríade emblemática do referido movimento que passou a ser conhecido, genericamente, como História Nova. (2011, p. 247).

Seguindo essa perspectiva apontada por Pinheiro, sustentamos que este estudo acompanha o percurso teórico-metodológico da NHC, destacando o enfoque à história das mulheres. Como afirma Burke (2010, p. 90):

[...] Os historiadores anteriores dos Annales haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher de fora da história, ou exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral, já que haviam obviamente mencionados as mulheres de tempo em tempo [...].

É importante ressaltar que apesar de reconhecer a necessidade dessa trajetória (das gerações dos annales), focamos, em especial, o movimento desencadeador das pesquisas biográficas e, portanto, da redescoberta cultural dos sujeitos seguindo assim, a trajetória educacional de Argentina Pereira Gomes num tempo e espaço próprio da sua atuação.

Ao falar sobre a NHC é importante lembrar que essa terceira geração dos Annales ocorreu nos idos dos anos de 1960, inicialmente, sob a liderança intelectual dos estudiosos Burguière e Revel e posteriormente, consolidando-se através da agregação de outros nomes de grande relevo no campo da história da França, como assegura Burke:

Em 1972, quando Braudel aposentou-se da Presidência da VI seção, ocupada, em seguida, por Jacques Le Goff; e em 1975, quando a velha VI seção desapareceu e Le Goff tornou-se o presidente da reorganizada École des Hautes Études en Sciences Sociales, sendo substituído, em 1977, por François Furet. (BURKE, 2010, p. 89).

É fundamental registrar que na década de 1970, historiadores como Braudel vão ampliar e dimensionar a pesquisa no campo ora denominado História das Mentalidades.

Um dos seguidores de Braudel, Philippe Ariès, tratou em suas pesquisas de aprofundar questões relacionadas aos fenômenos dos sujeitos em sua construção histórica: nascimentos e morte, por exemplo. Em sua tese ganha vigor o sentido histórico e cultural da infância como objeto de investigação.

[...] Outros historiadores criticaram Ariès por estudar a evolução europeia, apoiando-se tão somente em evidências quase que exclusivamente limitadas à França, e por não distinguir com mais clareza entre as atitudes dos homens e das mulheres, das elites e do povo comum. Pelo sim, pelo não, foi uma contribuição de Ariès colocar infância no mapa histórico, inspirar centenas de estudos sobre a história da criança em diferentes regiões e períodos, e chamar atenção de psicólogos e pediatras para uma nova história. (BURKE, 2010, p. 93)

A morte também foi outro fenômeno pesquisado por Ariès. Segundo ele, em diversos momentos vividos pela humanidade, o conceito sobre a morte foi se versificando, no sentido de que, para alguns a morte se relaciona a parada do batimento do coração (morte física), para outros a morte pode acontecer espiritualmente. Desta forma:

Seus últimos anos foram dedicados a estudos sobre as atitudes perante a morte, focalizando de novo um fenômeno da natureza retratado pela cultura, a cultura ocidental [...] Seu alentado livro, *L’homme devant la morte*, distingue, num panorama de seu desenvolvimento sob uma muito longa duração, quase mil anos, uma sequência de cinco atitudes, que vão desde a “morte demanda” da baixa idade média, uma visão definida com um “compósito de indiferença, resignação, familiaridade e ausência de privacidade”, ao que ele chama de “morte invisível” (la morte inversée) [...] (BURKE, 2010, p. 93)

O que percebemos com estes exemplos, evidenciando claro deslocamento no campo da história, são, certamente, mudanças na perspectiva de pensamento acerca dos problemas e objetos históricos. Nesse cenário, a História das Mulheres ganha espaço e vigor no campo da História das Mentalidades.

No aspecto teórico-metodológico, a História das Mentalidades e a História Social não se fragmentam, porém, elas fazem cruzamentos entre si, por entender sua interdisciplinaridade inovadora.

Nesse cenário de consolidação das pesquisas acerca dos novos objetos históricos, destacamos neste estudo Argentina Pereira Gomes, uma educadora de vida comum que dedicou mais de 40 anos à educação paraibana. Na construção subjetiva da sua formação estiveram presentes valores patriarcais: educação como sentido da maternidade, da extensão do lar, da vocação. Podemos com isso indagar: que contribuições a História das Mentalidades nos traz para pensar sobre a construção moral

e educacional da mulher nos primórdios do século XX? Por que a História das Mulheres ainda encontra-se em processo de elaboração?

Assim, a terceira geração como a primeira, também criticavam a forma de fazer história, baseando-se por acontecimentos dos grandes homens e heróis. Nessa singularização de foco e engrandecimento dos personagens e figuras masculinas de destaque nas sociedades, as crianças, mulheres, os negros e outros personagens permaneciam excluídos da história (MACHADO, 2005). O que autor busca evidenciar é que na historiografia oficial ainda são incipientes as narrativas de pessoas comuns, ou as vozes desses sujeitos. Essa mudança de condição começa o alargamento das fontes, proporcionando uma aproximação com outras vozes silenciadas.

Assim, sob um novo prisma fundamentado pela terceira Geração dos *Annales*, a denominada NHC, passou-se a valorizar os objetos, as fontes e os problemas de pouca ou invisível repercussão na história.

Acerca da importância do citado campo teórico-metodológico, destaca-se Chartier, para quem:

O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias e os indivíduos. [...] O olhar se desviou das regras impostas para as suas aplicações inventivas, das condutas forçadas para as ações permitidas pelos recursos próprios de cada um: seu poder econômico, seu acesso à informação. (CHARTIER, 1994, p. 98).

A terceira Geração dos *Annales* em sua relevante tarefa de ampliação do conceito de fontes históricas propiciou a retomada dos sujeitos em sua leitura micro-social, colocando em evidência a necessidade da retomada produções biográficas no campo da História e, no nosso caso mais específico, na história da Educação.

É importante ressaltar, também, a observação de Nunes e Carvalho (1993), ao entender como profícua a aproximação entre a Nova história Cultural e a História da Educação, em especial, pela primeira se constituir em campo de investigação de temas e objetos que até então eram exclusivos dos historiadores da educação, a exemplo, das biografias de educadores, que ocorre num processo de elaboração nos diversos espaços

em que vivenciam a sua vida pessoal e profissional. Ainda sobre essa questão, Freitas e Oliveira (2011, p.108) indicam que:

Coaduna-se com essa perspectiva, o fato de nos últimos 40 anos a História haver incorporado perspectivas e elementos de três diferentes gerações da *Escola dos Annales*, a partir das quais a Nova História e a Nova História Cultural passaram a inserir novas tendências historiográficas no âmbito da História da Educação, que passou a valorizar cada vez mais os sujeitos esquecidos da História [...]

Dialogando com essa nova abordagem, nos apoiamos na potencialidade da pesquisa de cunho biográfico, no sentido de produzir uma aproximação com a formação, à construção da profissão e, especialmente, às práticas pedagógicas desenvolvidas por Argentina Pereira Gomes, sujeito objeto deste estudo, considerando a singularidade das experiências e marcas empreendidas em suas trajetórias pessoais e coletivas. Sobre essa questão Leite também acrescenta que:

São significativas as biografias que, ao conseguir delinear as características individuais do biografado, apresentam uma relação dialética entre o contexto social e a atuação de aproximação ou distanciamento do indivíduo desse contexto. (LEITE, 1984, p.12).

Os estudos biográficos, conforme Avelar (2007), na condição de marco dentro da história também teve seus momentos de altos e baixos. As crises existentes nas produções biográficas se deram pelo fato dos historiadores trazerem uma história factualista, e esquecendo-se das histórias comuns dos contextos que os sujeitos estão envolvidos.

Enquanto forem escritas as histórias dos indivíduos, como as de César, Alexandre, Lutero ou Voltaire, e não a história de todos, sem exceção, de todos os homens que tomam parte de um acontecimento, será impossível não atribuir aos indivíduos uma força que obriga outros homens a dirigirem sua atividade para um fim único. (AVELAR, 2007, p. 284).

Contudo, somente a partir da década de 1960 a biografia cresce e toma um lugar central na produção historiográfica, devido a análises realizadas trazendo não apenas fatos cronológicos, mas, evidenciando as tensões existentes entre os sujeitos e os jogos de interesses nas estruturas sociais. Como afirma Avelar (2007, p. 47): “A preocupação

da historiografia francesa com o biográfico cresceu por volta da década de 60, repercutindo entre os historiadores do mundo todo”.

Nesse processo de conhecimento das produções biográficas que articulam o indivíduo ao seu contexto histórico, destacamos nessa perspectiva de análise, algumas personagens femininas: Nísia Floresta Brasileira, escrita por Constância de Lima Duarte e a biografia da Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX, escrita por Roderick Barman. A intenção de pesquisar essas biografias foi de contribuir para o entendimento do papel da mulher na sociedade e seus desdobramentos no contexto social e político do século XVIII e XIX, bem como, seus posicionamentos perante os conflitos entre os gêneros, algo que Argentina Pereira Gomes também vivenciou no século XX, dada a predominância do patriarcalismo.

Na perspectiva de compreender esse novo campo de produções historiográficas em torno do indivíduo como objeto de análise, Avelar (2007, p. 56) acrescenta:

As novas produções biográficas têm procurado rejeitar a ideia de uma vida linear e coerente para os seus personagens, privilegiando facetas diversificadas de suas existências, numa constante transição do social ao individual, do inconsciente ao consciente, do público ao privado, do familiar ao político, do pessoal ao profissional, sem tentar reduzir todos os aspectos da biografia a um denominador comum.

Segundo Barman (2005), no estudo desenvolvido acerca da biografia da Princesa Isabel do Brasil, as fontes de referência foram os relatos pessoais através de suas cartas e escritos de memórias, em particular, a escrita de si, reveladoras das ideias e pensamentos da personagem investigada. O estudo buscou dar voz a própria personagem, no sentido de responder a complexas redes entre gênero e poder no século XIX, ou seja, a dinâmica de exploração e desigualdade social entre homens e mulheres na sociedade da época.

Acerca das produções biográficas e dos debates que têm crescido em torno desta temática, fizemos um levantamento a partir do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e no programa de Pós-Graduação em Educação PPGE - UFPB, no sentido de compreender os avanços dessas produções em nosso meio acadêmico. Os anos pesquisados foram de 2005 a 2010.

Ao buscar no banco de dissertações e teses pelas palavras-chave: “Memórias”, percebemos que foram registrados 89 trabalhos, sendo que destes, 5 se trataram de

memórias de mulheres que foram usadas como objeto de pesquisa. Como mostra quadro a seguir:

Autor	Título da Dissertação	Ano de publicação	Instituição de ensino
1. Sandra Luciane França da Silva	Resgate das Memórias lúdicas de educadores do ensino fundamental I, em uma escola privada de Maringá-PR.	2007	UEL/EDUCAÇÃO
2. Ieda Ramona do Amaral	Concepções e práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras aposentadas (1985-2005)	2008	UFMT/EDUCAÇÃO
3. Beatriz Nunes Santos e Silva	Memórias e histórias de professores: múltiplos caminhos de formação	2008	UNITRI/EDUCAÇÃO SUPERIOR
4. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida	Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944)	2009	UNB/HISTÓRIA
5. Margarete Nunes Santos Gomes	Caprichos e trapiches: memórias das ex-trabalhadoras da atividade fumageira em conceição do Almeida-BA (1960-1980).	2010	UNEB/HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL

Em outro momento de pesquisa ainda no banco de dissertações, procurando por “História de Vida”, de 2005 a 2010, foram registrados 85 trabalhos, sendo que destes 5 são (auto) biografias de sujeitos educativos, enquanto os demais focavam o sujeito na perspectiva de análise das instituições escolares e outro estudo de caso.

Autor	Título da Dissertação	Ano de publicação	Instituição de ensino
1. Márcia Berenice Pereira André	Histórias de vida de professoras: analisando escritas autobiográficas de professoras em formação	2005	UFPEL/EDUCAÇÃO
2. Georgina Quaresma Lustosa	Trajetórias de vidas profissionais: histórias de professores das séries iniciais do ensino fundamental	2006	FUFPI/EDUCAÇÃO
3. Lisiane Sias Manke	Docência leiga história de vida de professoras primárias (Pelotas, 1960 - 1970)	2007	UFPEL/EDUCAÇÃO
4. Helena Plaszewski Facin	Histórias e memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha (1920-1999)	2008	UFPEL/EDUCAÇÃO
5. Jussara Cassiano Nascimento	Professoras alfabetizadoras: as narrativas (auto)biográficas entrelaçando fios da formação	2008	UNIRIO/EDUCAÇÃO

Ao analisar o quadro entre os anos de 2005 a 2010 relacionados às 85 (oitenta e cinco) publicações sobre história de vida, percebemos que em dois momentos o aumento desses trabalhos ligados a este tema é bem significativo. No ano de 2005 foram publicados apenas dois trabalhos e ano posterior aumentaram para 10 trabalhos. Em outro momento, em 2007, foram publicados apenas nove trabalhos, no ano seguinte o aumento foi considerável, passando para 27 publicações. Como demonstra o quadro a seguir nas cores amarelas:

Ano	Quantidade de trabalhos publicados
2005	2
2006	10
2007	9
2008	27
2009	21
2010	16

Outra questão que devemos ressaltar é que estas análises comparativas foram realizadas em todos os trabalhos apresentados no portal da Capes ao escolher o tema para busca, observamos cada uma das publicações e no final restringimos o que se relacionava à memória e história de vida de educadores.

Nas dissertações defendidas no PPGE entre 2005 a 2011, somaram-se 106 trabalhos, sendo que apenas 03 tratavam sobre memórias de mulheres e são trabalhos biográficos. Segundo o quadro a seguir:

Autor	Título da Dissertação	Ano de publicação
Daniella de Souza Barbosa Suassuna	Teresa Aquino: Histórias e memórias do debate educacional da gerontologia na Paraíba (1991-2005)	2009
Tatiana de Medeiros Santos	Magistério em Declínio: Histórias e memórias de ex-alunas do magistério do colégio Nossa Senhora das Neves (1970)	2009
Maria do Socorro Soares Costa e Silva	Memórias: práticas sociais, culturais e educacionais de mulheres louceiras em Cajazeiras - Paraíba.	2010

Portanto, a partir das leituras e análises desenvolvidas com as obras levantadas, em particular, as que foram desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação foi ficando evidente para o nosso estudo em tela, o valor da história e memória da atuação educacional da personagem Argentina Pereira Gomes, o que nos permitiu pela elaboração teórica de cunho biográfico, compreender o passado, os estilos de ensinar, as práticas pedagógicas, inseridas numa apreensão mais global, sem perder de vista a dimensão da sua singularidade como sujeito histórico do seu tempo.

1.3. Procedimento de Pesquisa e fontes

Este trabalho convergiu numa análise de cunho biográfico fundamentado pela Nova História Cultural. Compreendendo a relevância do trabalho de mestrado, fez-se necessário levantar fontes acerca da atuação de Argentina Pereira Gomes, desvelando suas contribuições para a educação paraibana, a partir de um contexto em que estava inserida, considerando que o final do século XIX e primórdios do XX estava severamente marcado e tomando como parâmetro do Movimento da Escola Nova.

Para tanto, como indicamos inicialmente, o corpus documental da investigação envolveu as fontes impressas contidas nos arquivos públicos e privados, além das fontes orais, levantadas a partir das entrevistas temáticas realizadas com ex-alunos, amigos e familiares. Como afirma Samara e Tupy, em referência aos documentos que auxiliam nas investigações históricas:

[...] os documentos históricos assumem, hoje, as formas mais diversas, abordam diferentes conteúdos e podem ser encontrados em lugares mais variados. Uma afinidade de registros apresenta-se disponível atualmente para o trabalho do historiador. Cada vez mais acessíveis, as informações sobre determinado tema provem das mais diversas origens: jornais, revistas, livros, noticiários de rádio e televisão, filmes, documentários, internet, anedotário, linguagem e oralidade, entre tantas outras, constituem apenas alguns exemplos [...] (2007, p. 67).

Assim, analisamos os documentos disponíveis nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), na Fundação Espaço Cultural (FUNESC), Fundação José Américo e no Arquivo das Escolas Extintas, da Primeira Região de Ensino. Na FUNESC, nos detivemos na leitura do Jornal A União, órgão da imprensa

oficial da Paraíba. No IHGP e na Fundação Casa de José Américo de Almeida, trabalhamos com as leituras das revistas *Era Nova*, *Manaíra* e *Revista do Ensino*, correspondendo os anos de 1916-1962.

Contudo, diante dos levantamentos nestes acervos públicos e privados houve algumas dificuldades na coleta de dados, tais como, encontrar fontes impressas e escritas deixadas por esta educadora, devido ao seu falecimento em 1962. Esse fato temporal nos distanciou do acesso a documentos, em particular, nos arquivos pessoais da própria educadora. Assim, percebemos no início da investigação que as fontes orais existiam em maior número, quando comparadas com as fontes impressas. Porém, ao longo da pesquisa foram surgindo outras fontes, a exemplo: publicações de autoria da própria educadora Argentina Pereira Gomes.

Relevantes objetos deixados por Argentina Pereira Gomes: livros, mobiliários, diários, cadernos de anotações, álbum de fotografia etc., não foram preservados pela família ou amigos próximos, supostamente por não haver uma compreensão da importância para a história e memória da educação da Paraíba.

Nesse aspecto, Samara e Tupy afirmam que os documentos muitas vezes não estão visíveis ao pesquisador ou não existem mais, devido à falta de conservação e que estes são traços deixados pelos homens. Assim: “A história se faz com documentos. Documentos são os traços que deixaram os pensamentos e os atos dos homens do passado. Entre os pensamentos e os atos dos homens, poucos deixaram traços visíveis [...]”. (SAMARA; TUPY, 2007, P.16).

Dadas as dificuldades de acesso às fontes impressas, fomos ao encontro de ex-alunos e familiares que conviveram com Argentina Pereira. Sobre essa iniciativa de pesquisa, nos adverte Alberti (2004, p. 23):

Só convém recorrer à metodologia de história oral quando os resultados puderem efetivamente responder a nossas perguntas e quando não houver outras fontes disponíveis – mesmo entrevistas já realizadas – capazes de fazê-lo.

Dessa forma, procurando entender a relevância da referida técnica para a produção de conhecimento biográfico, recorreremos às análises de Thompson (1992), Meihy e Holanda (2007) e Nóvoa (1995), haja vista a importância que os citados

estudiosos atribuem as narrativas dos sujeitos na reconstrução ou ressignificação de acontecimentos vivenciados, através das inúmeras experiências pessoais e profissionais.

De acordo com Meihy (1996, p.11), é impossível apontar um lugar no globo em que as pessoas não estejam fazendo História Oral. Assim, este pensamento nos faz refletir que somos movidos por histórias individuais e coletivas. Cada indivíduo constrói a sua trajetória de vida e que a oralidade está presente tanto na cotidianidade como na transmissão de uma cultura.

Sobre a tradição da História Oral, é necessário entender como esse campo de pesquisa passou a ser compreendido como técnica. Para aqueles que começam adentrar neste ramo da história, percebemos que não é uma técnica recente, como afirma Thompson: “[...] na verdade, a história oral é tão antiga quanto à própria história. Ela foi à primeira espécie de história”. (Thompson, 1992, p. 45).

Segundo este autor, a História Oral esteve latente entre os povos, através das tradições orais conservando a cultura de um povo ou de uma tribo. Assim, descreve Thompson: “Havia também portadores-de-tradição das aldeias, que, mais frequentemente do que os especialistas da corte continuaram a transmitir as tradições até hoje”. (THOMPSON, 1992, p. 47).

As tradições orais perpetuaram por muito tempo entre as tribos, essa era a forma de conservar a sua própria cultura. Percebe-se que com a chegada da escrita a memória passou a ser mantida pelo registro escrito. Nesse contexto vem restringir outro acontecimento na história, a passagem das tradições orais para a escrita. Neste reverso da história, as transmissões das culturas agora passariam a ser registradas em livros e pergaminhos, ou seja, estes portadores de tradições estavam encarregados a passar todo o seu conhecimento para os letrados e estudiosos para fazer o registro de suas memórias na qual teriam a função de interpretá-la e reescrevê-la.

Não obstante, o relato de Haley prova, com grande vigor, o prestígio de que desfrutava o historiador oral, antes que a disseminação da documentação nas sociedades letradas tornasse supérfluos esses momentos públicos da revelação histórica. Não podemos mais distinguir, como os suaíles, entre os “mortos vivos”, cujos nomes ainda são lembrados na tradição oral, e os inteiramente esquecidos. (THOMPSON, 1992, p. 50).

Não podemos dizer diante das modificações através do tempo que a escrita tomou o lugar da oralidade e nem a oralidade tomou o lugar da escrita, pois cada uma

tem sua funcionalidade e a história oral esteve e está presente entre as pessoas, inclusive nas produções biográficas, através dos relatos dos sujeitos. O que afirmamos é que a escrita também auxiliou na permanência da história. Cada um tem sua relevância metodológica, como sugere Alberti:

Reconhecer os paradigmas que estão na base do sucesso da história oral não implica renunciar a sua capacidade de ampliar o conhecimento sobre o passado. Ao contrário, saber em que lugar nos situarmos ao trabalhar com determinada metodologia ajuda a melhor aproveitar seu potencial. A ideia central de fundo aqui é: história oral não é solução para tudo; convém ter claro onde ela pode ser útil e delimitar sobre o que vale a pena perguntar. (2004, p. 22).

Nesse campo, segundo a citada autora, a história oral também teve seu momento de crise, pois, nem todos os estudiosos aceitam essa forma construir a história. Porém, embora alguns pesquisadores neguem a sua presença e sua importância em suas produções, principalmente, como os sociólogos e antropólogos, ela está presente em relatos e entrevistas utilizadas pelos mesmos. “Contudo, todos eles podem estar escrevendo história; e, sem dúvida, estão provendo à história. Por motivos diferentes, também os historiadores profissionais provavelmente não pensam em seu trabalho como “história Oral””. (THOMPSON, 1992, p. 104).

1.4. Detalhamento e organização da pesquisa

O sentido do retorno ao passado pelas narrativas e versões dos que conviveram com Argentina Pereira Gomes, bem como, através das fontes orais e impressas, nos aproximou das práticas pedagógicas e das ideias da educadora, num dado contexto histórico por ela vivenciado. Sobre essa questão, Machado (2010, p. 24) acrescenta que se trata de:

[...] uma história de vida, porém, construída no cenário social, em torno de pessoas e a partir das experiências cotidianas e dos acontecimentos em torno de trajetórias de vida, estabelecendo, assim, uma relação de inteligibilidade que se entrelaça sob a particularidade do tempo e do espaço.

Um destaque dessa experiência com a visibilidade de sujeitos esquecidos da história ressaltamos a contribuição de Ginzburg (2006) em suas longas pesquisas, procurando, incansavelmente, novas formas de indagar a história, de explorar a pluralidade de questões, quando da elaboração do paradigma indiciário. Para este autor, o procedimento de pesquisa é relacionar que a história também é feita através de outros documentos, tais como a oralidade, as cartas, as leituras etc. Tarefa realizada com êxito em sua memorável obra “O queijo e os vermes”.

Ao pesquisar a trajetória de Argentina Pereira Gomes, os documentos que foram encontrados ganharam um novo sentido, pois, nos permitiram compreender o contexto vivido e os seus posicionamentos diante da educação de uma época.

Assim, durante o processo da pesquisa, posterior a coleta das fontes escritas, nos empenhamos em localizar os sujeitos que mantiveram ligação direta ou pessoal com a referida educadora. Ainda na pesquisa de TCC entrevistamos os seus sobrinhos de primeiro grau: Maria Martha Dieckman e Hermano José Dantas Gomes, personagens de uma aproximação afetiva por longo tempo de vida da educadora. Seus ex-alunos: o historiador paraibano, José Otávio de Arruda Mello, que conviveu por quatro anos (1951-1955) com a educadora, na condição de ex-aluno. O Vice-Reitor do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, Osvaldo Trigueiro do Vale, aluno desta mesma época. A professora Linalda de Arruda Melo, de próxima convivência com a citada educadora, na condição de ex-aluna no Liceu Paraibano, entre os anos de 1948-1951, e na convivência cotidiana fora do espaço escolar.

Outra personagem relevante desta pesquisa foi Analice de Miranda Peregrino, filha do ex-prefeito de João Pessoa – PB, José de Borja Peregrino⁵, informante que nos proporcionou em 2009, a partir da sua entrevista, o primeiro contato com a fonte iconográfica de Argentina Pereira Gomes. Acreditamos que esta imagem foi a mesma utilizada por ocasião da inauguração da Escola Estadual de 1º Grau Professora Argentina Pereira Gomes, como mostra a figura abaixo.

⁵ José de Borja Peregrino nasceu em Pernambuco – PE. Exerceu cargo de prefeito de João Pessoa de 1931 a 1934, foi secretário de estado da Justiça e Vice-Governador da Paraíba. Morreu aos 42 anos por complicações cardíacas deixando 10 filhos.



Figura 1: Argentina Pereira Gomes
Fonte: Arquivo Pessoal de Analice de Miranda Peregrino

A imagem que foi cedida para inauguração da Escola Estadual Professora Argentina Pereira Gomes, hoje não se encontra mais na citada instituição escolar, embora tenha recebido seu nome como homenagem por sua dedicação à educação paraibana.



Figura 2: Inauguração da Escola Estadual Argentina Pereira Gomes.
Fonte: Arquivo Pessoal de Analice de Miranda Peregrino.

A Escola Estadual Prof.^a Argentina Pereira Gomes foi oficializada pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, pelo Decreto 10.013, ano de 1976 e autorizado o seu funcionamento pelo Conselho Estadual de Educação da Paraíba na resolução Nº 33/1982⁶. Em outro documento nos foi informado à permissão de funcionamento por dois anos pelo Conselho Estadual de Educação da Paraíba no Parecer nº. 39/82, exonerado no processo de nº. 131/82, na resolução Nº 33/1982, ver anexo F e G. Até a conclusão desta dissertação não foi possível encontrar documentos que comprovassem o início de sua fundação, com exceção de um documento que foi cedido pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba nos indicando sua regularização temporária. Vale salientar que esta instituição de ensino ainda funciona na capital paraibana, na Rua Camilo de Holanda, centro de João Pessoa - PB, próxima ao Liceu Paraibano, onde Argentina Pereira Gomes passou bastante tempo dedicando-se ao ensino Paraibano.

Ao voltar a Secretária de Educação do Estado da Paraíba no dia 5 de Abril de 2012, nos foi fornecido outros dados referente à autorização de funcionamento desta instituição de ensino, o mesmo diz que foi autorizada com Decreto Nº. 3353 de 18 de Agosto de 1977, ver anexo Logo abaixo mostramos a atual Escola Estadual de Ensino Fundamental Profa. Argentina Pereira Gomes.

⁶ Essa informação foi dada oralmente por uma funcionária da Secretaria Estadual de Educação da Paraíba, no dia 20 de março de 2009. Não tivemos acesso ao documento, embora a funcionária estivesse com o mesmo em mãos.



Figura 3: Escola Estadual Professora Argentina Pereira Gomes
Fonte: Arquivo pessoal de Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva

Com a retomada deste estudo, realizamos novas entrevistas com todos estes informantes e com Eleonora Dantas Aguiar, amiga de Argentina, a partir de novas questões indicadas pela problemática da pesquisa atual. Segundo Meihy e Holanda (2007), a história oral tem seus desafios, e um deles é está diante dos personagens vivos, captando as informações em tempo real, colocando-os em situação de diálogo. Esta orientação metodológica nos proporcionou um confronto com os documentos revelados e como se trata de lembranças de um passado remoto, é possível que os mesmos entrevistados recordem novos acontecimentos, contribuindo assim, com o estudo da memória biográfica educacional investigada.

As entrevistas realizadas com os citados informantes tiveram uma duração média de 1 (uma) hora, pois, se tratavam de uma conversa e não uma imposição de pesquisa. Por mais que já tivéssemos um roteiro previamente formulado em consonância com os objetivos do nosso projeto, muitas questões novas foram sendo tecidas nas narrativas, exigindo da pesquisadora uma atenção redobrada não só à fala, mas, também, aos gestos.

Para Holanda e Meihy (2007) a formulação de documentos através de registro eletrônico faz parte do objetivo da história oral. Assim, pedimos a permissão registrada em um documento formal e assinado pelos depoentes ou informantes, possibilitando o registro e o uso da entrevista na publicação final do nosso estudo. Assim, tivemos a preocupação de arquivar as gravações efetivadas em aparelho de MP4 e fotografar os citados personagens no momento da pesquisa realizada, guardando assim, uma memória da própria atividade de investigação oral. Sobre essa questão, as citadas autoras acrescentam:

Não se produz, contudo, história oral por vias indiretas, como por telefone ou internet, por exemplo. O contato direto, de pessoa a pessoa, interfere de maneira absoluta nas formas de exposição das narrações. Por outro lado, a ausência de interlocuções pessoal faz com que sejam menos espontâneas as declarações e, pior do que isso, demandam variações narrativas que seriam diferentes. (HOLANDA; MEIHY, 2007, p. 19)

A partir desse contato direto como os entrevistados, percebemos que estes ainda carregam traços do período em que viveram os acontecimentos do século XX, em especial, quando se referiam às ideias e práticas pedagógicas realizadas pela educadora Argentina Pereira Gomes.

No processo de realização das entrevistas pudemos perceber nas narrativas dos personagens informantes o apego aos costumes de uma época, aos valores éticos e morais cultivados na formação familiar e escolar. Por isso, a dificuldade para discorrer sobre questões relacionadas ao mundo privado ou pessoal da educadora Argentina Pereira Gomes, restringindo-se, em regra, às informações relativas à atuação docente num espaço e tempo determinado de convivência. Cabendo a nós, na condição de pesquisadora respeitar o posicionamento dos entrevistados.

As entrevistas nos aproximaram, também, de outras dimensões da vida da referida educadora, mesmo não estando supostamente envolvida aos movimentos políticos, tais como: a luta pela emancipação feminina e a consagração do voto da mulher a partir da constituição de 1934. Pudemos identificar através das pesquisas nos arquivos da FUNESC e IHGPE, nos Jornais a União, sobre a trajetória de vida de Argentina Pereira Gomes, a participação de outras mulheres nos movimentos

feministas, como Albertina Correia de Lima, Lilia Guedes, Olivina Olivia Carneiro da Cunha, no turbulento período de ascensão da República Nova e do Estado Novo.

Após as questões e detalhamentos apresentados, organizamos o nosso estudo da seguinte forma: no primeiro capítulo são narrados os processos e passos de construção do objeto de pesquisa, ou seja, o primeiro contato com projetos e pesquisas na linha de História da Educação e com a referida educadora, através das fontes impressas, orais e iconográficas e, principalmente, a relevância do desvelamento da memória da referida educadora e o seu retorno como sujeito/objeto desta pesquisa.

Na construção do primeiro capítulo foi delineado o marco temporal da pesquisa, a definição das fontes, os recursos metodológicos da pesquisa. Por se tratar de uma pesquisa em história da educação, estaremos apoiados nos fundamentos teórico-metodológicos da Nova História Cultural, abordando as produções biográficas, bem como, a utilização da técnica da História Oral, por compreender sua importância na produção de outras fontes e seu entrecruzamento com os diversos documentos escritos fornecidos por familiares e identificados em instituições públicas e privadas.

No segundo capítulo, destacaremos a trajetória de vida e de formação da educadora Argentina Pereira Gomes, no que se referem a sua origem, seus familiares, as influências que recebeu para tentar entender os fatores que a levaram a prosseguir no magistério e a sua prática no ambiente escolar. O cenário histórico em que estava inserida, no século XIX e XX, e a sua luta educacional, no cenário de conflitos de ideais. Ressaltamos neste capítulo que apesar de ter nascido em Carpinas, interior de Pernambuco, a referida educadora passou a residir na Parahyba do Norte ainda criança, fortalecendo os laços de formação pessoal e profissional na capital paraibana.

No terceiro e último capítulo, analisamos as práticas de ensino de Argentina Pereira Gomes, a partir das fontes impressas e depoimentos orais de ex-alunos, amigos e familiares analisados. Por ter dedicado mais de 40 anos à educação paraibana, fez-se necessário, no nosso entendimento, visibilizar outros personagens que acompanharam de perto a atuação de Argentina Pereira Gomes em tempos e espaços distintos. Este capítulo foi estruturado, também, a partir de um relevante texto escrito por Argentina Pereira Gomes em dezembro de 1937, década de 1930, o qual preconizava os métodos didáticos renovadores que tomavam corpo e aceitação no Brasil da época. A autora já se referia ao debate em torno de um novo sistema de educacional, que ganhava força no nascente Movimento da Escola Nova, trazido por educadores brasileiros, tais como

Fernando de Azevedo, Anízio Teixeira e Lourenço Filho e outros, no memorável manifesto de 1932. No texto em análise, a educadora além de criticar o sistema de ensino em curso, toma posição pela renovação pedagógica, algo que indica a sua participação no cenário das ideias dos renovadores.

O que sugere Nóvoa (1995), é que não há como desprender o objeto de estudo do seu contexto, principalmente quando se trata de sujeitos. E na atuação de Argentina Pereira Gomes como educadora já se mencionava o Movimento Feminino liderado por Bertha Lutz, bem como, a criação da Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino. Além disso, Argentina Pereira Gomes acompanhou de perto os movimentos em torno do assassinato de João Pessoa, algo que corroborou para a ascensão Varguista à presidência do Brasil. Ainda, Argentina Pereira Gomes vivenciou a consagração do voto feminino em 1934, na Constituição Federal Brasileira, mesmo não tendo manifestado posição a favor ou contra em relação a esses acontecimentos.

Assim, com a sistematização destes capítulos, com os procedimentos e fundamentação da pesquisa que almejamos o que foi proposto na pesquisa, trazendo à baila a história e memória da prática educacional de Argentina Pereira Gomes no cenário paraibano do século XX. Ou seja, como sugere o autor acima, recolocando-a como personagem de uma época, no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação.

CAPÍTULO II

ARGENTINA PEREIRA GOMES: percurso na educação paraibana

Desses papéis, a memória reconstrói lembranças de lugares, de pessoas e de práticas sociais como um velho álbum de família, cujos retratos permitem reconstruir o ontem, o antes e o antes de antes de ontem. (LACERDA, 2003, p. 27)

2.1. Biografando a educadora Argentina Pereira Gomes

Partindo da epígrafe acima, podemos afirmar que os documentos possibilitam voltar ao passado, fazendo novas interpretações dentro da história e proporcionando que as lembranças sejam revividas, através das fontes documentais e orais, a exemplo do exercício de investigação que empreendemos na elaboração da história e memória da educadora Argentina Pereira Gomes (1916-1962).

Para compreender a prática de ensino e a trajetória de vida de Argentina Pereira Gomes foi preciso realizar um levantamento histórico de reconstituição da sua origem familiar e da sua formação profissional na Parahyba do Norte no período definido, algo possibilitado a partir das narrativas dos entrevistados e dos documentos impressos. Na busca por fontes que indicasse a vida pessoal e educacional desta personagem foi sendo tecida a sua biografia.

A partir das fontes investigadas, podemos indicar que Argentina Pereira Gomes nasceu na cidade de Carpina, sertão pernambucano, em 26 de Janeiro de 1894⁷. Ainda pequena, mudou-se com os pais e irmãos para a cidade da Parahyba do Norte, a atual João Pessoa⁸. Como Relata o documento fornecido pela professora da Escola Estadual Profa. Argentina Pereira Gomes: “Iniciou a sua vida em Carpinas, Pernambuco, com nove anos. Em João Pessoa – PB continuou os seus estudos ingressando na Escola Normal oficial do estado”. (JULIETA, P. 1, 2009). O que supomos diante dos documentos analisados (ver anexo A), é que Argentina Pereira Gomes passou uma parte de sua infância em Pernambuco e a outra, na cidade da Parahyba do Norte.

⁷ Documento cedido pela educadora da Escola Estadual Professora Argentina Pereira Gomes.

⁸ Não conseguimos identificar nos documentos investigados, a exata idade da educadora quando migrou com os familiares à Parahyba do Norte, embora indique os informantes que essa mudança tenha ocorrido quando ainda era criança.

Os pais de Argentina Pereira Gomes foram João Gregório Pereira Gomes e Capitulina Pereira Gomes. Eles tiveram ao todo nove filhos: Manuel Adolpho Pereira Gomes, Valfrido Pereira Gomes, Olímpio Pereira Gomes, João da Mata Pereira Gomes, Vital Pereira Gomes, Vitaliana Pereira Gomes, Carmelita Pereira Gomes e Jesuína Pereira Gomes. A maioria dos filhos nasceram e viveram na cidade da Parahyba do Norte.

Nos relatos dos ex-alunos, familiares e amigos, não foi possível identificar informações relativas à infância de Argentina Pereira Gomes e nem de seus irmãos, a exemplo das instituições escolares que frequentaram ou foram alfabetizados na cidade de Floresta dos Leões, hoje atual Carpina – Pernambuco e o cotidiano desta família. Todavia, as fontes indicam que as mudanças geográficas ocorreram devido às adversidades enfrentadas por seu pai, João Gregório Pereira Gomes, após a falência resultante da administração com jogos de azar.

Em entrevista a esta pesquisa de mestrado, Maria Martha Dieckman, sobrinha em primeiro grau da biografada, discorreu sobre o citado episódio e acrescentou que João Gregório Pereira Gomes, na condição de bicheiro, pois era ele que bancava financeiramente os prêmios aos apostadores, e devido a uma artimanha de um dos apostadores, perdera o engenho que herdara da família, numa época em que a palavra de um homem tinha mais importância do que qualquer documento escrito:

Tinha uma história que ele perdeu tudo que tinha, perdeu o engenho no jogo do bicho. O que vendia o jogo do bicho fez uma safadeza, vinha por trem a notícia, então, jogaram na certeza, mas ele soube que tinha sido por safadeza, mas como ele estava bancando, ele pagou e por isso, ele foi à falência. (Maria Martha Dieckman, entrevista concedida em 02/06/2009).

Em relação ao processo migratório, prática comum, inclusive, entre as famílias tradicionais falidas, afirma Cambi:

[...] A época da industrialização é também a época de grandes migrações, de deslocamento ideológicos, de lutas de classe duríssimas e frontais que o Estado não consegue (nem quer) conter e orientar.[...]. (1999, p. 378-379)

A mudança e permanência da família Pereira Gomes na Parahyba do Norte possibilitou, entre outras coisas, a consolidação educacional dos filhos. O exemplo da filha Argentina Pereira Gomes, que passou a estudar na tradicional Escola Normal do Estado.

Inserida nesta tradicional instituição de ensino (ver anexo B), Argentina Pereira Gomes, “em 1916 concluiu o Curso Normal, sendo logo após nomeada professora primária com exercício em Borborema, até 1919” (Nº55, Parahyba, 28 de janeiro de 1916). Sobre essa experiência o sobrinho relata:

Tintina foi primeiro professora no interior. Quando ela se formou foi nomeada numa escola no interior [...] Quando ela chegou nessa cidade do interior [...] um senhor foi lá para falar com ela [...] foi para casa que alugavam um quarto [...] ela foi com esse senhor, que tirou o chapéu: professora! cumprimentou com o chapéu na mão, eu vim para a senhora assinar meu violão! Tintina bem novinha tinha acabado de se formar e disse: mas eu não sei tocar violão! A senhora não é professora? Não é a professora que chegou? Aí Tintina foi explicar a ele que não era professora de violão e sim de português...(risos). Um professor naquela época era um professor com letra maiúscula. (Maria Martha Dieckman, entrevista concedida em 20/03/2012).

A partir desta narrativa, podemos destacar a relevância que se atribuía ao papel da professora na sociedade da época, apesar dos poucos vencimentos que instituía a profissão do educador. Outra questão a se observar é que Escola Normal como espaço de formação, constituía-se em ponto de referência para o começo da profissionalização feminina no Brasil e no mundo. A princípio esta instituição de ensino se deu na Europa, na França em 1865, posteriormente é que veio para o Brasil. Faria Filho citando a realidade particular do seu estado, argumenta que “o regulamento que estabelece a preferência da professora para o ensino primário – é o meio de abrir à mulher mineira uma carreira digna e proporcionar-lhe ensejo de ser útil à pátria”. (FARIA FILHO, 2000, P. 107-108)

Ou seja, mulheres como Argentina Pereira Gomes, ainda muito jovens, estavam sendo preparadas para atuarem no magistério. Esta era uma forma de começar a inserir as mulheres no contexto social, e supostamente, conter os movimentos que vinham

acontecendo no mundo em relação aos direitos femininos, sendo liderados no Brasil por Bertha Lutz e por outras feministas. Quando mencionamos que esta era forma de conter os movimentos femininos, queremos na verdade afirmar que, desde o século XIX, as mulheres já vinham, mesmo em uma parcela menor, manifestando-se em prol da participação sufragista, ou seja, da reivindicação por uma cidadania educacional e política. Acerca desta afirmação Pinto assevera:

Desde suas primeiras manifestações, ainda no século XIX o movimento foi muito particular, pois desafiou ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público – portanto, dos direitos como cidadã – e também as propostas revolucionárias, que viam na luta das mulheres um desvio da pugna do proletariado por sua libertação. (PINTO, 2003, P. 9).

Bertha Lutz⁹, pode-se dizer, que obteve destaque na causa feminina por ter se mobilizado em criar um movimento integrado, que procurasse reivindicar de forma pacífica os direitos femininos, como o voto, a profissionalização das mulheres, o direito a educação tanto elementar como superior. Um dos resultados do movimento foi a criação da Federação Pelo Progresso Feminino em 1922 no Brasil. A influência que recebeu da Europa criou bases para que liderasse a marcha feminista no solo brasileiro, conforme citação abaixo:

No Brasil, da mesma forma, a primeira fase do feminismo teve como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos, mediante a participação eleitoral, como candidatas e eleitoras. Esta luta esteve definitivamente associada ao nome de Bertha Lutz, que exerceu uma inegável liderança durante a década de 1920 e se manteve ligada às causas da mulher até sua morte em avançada idade, na década de 1970. (PINTO, p. 13, 2003)

No contexto paraibano, algumas feministas, em regra, educadoras, tiveram suas presenças marcadas na Associação Paraibana pelo Progresso Feminino, fundada em 1933. Esta associação mantinha ligação com a Federação Pelo Progresso Feminino liderada por Bertha Lutz, no Rio de Janeiro. Entre as paraibanas que eram associadas a este movimento e que tivemos contato através das pesquisas na (FUNESC), no

⁹ Bertha Lutz nasceu em São Paulo no dia 2 de agosto de 1894, se formou em Zoóloga e estudou Ciências Naturais em Paris, na Sorbonne.

(IHGP)¹⁰, destaque para Lylia Guedes, vice- presidente, Olivina Carneiro da Cunha e a oradora Albertina Correia Lima¹¹.

Apesar de Argentina Pereira Gomes não ter militado diretamente em prol das causas femininas, a sua participação na história paraibana não deixou de ser menos importante, pois, dedicou mais de 40 anos a educação paraibana, lecionando em instituições de renome como o Liceu Paraibano e a Escola Nossa Senhora das Neves. Segundo Maria Martha Dieckman, a vida da educadora voltou-se prioritariamente ao magistério. (Entrevista concedida em 20/03/2012).

Com fervorosa formação católica, a educadora engajou-se no movimento da Ação Católica e das suas ramificações, entre eles, a Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Estudantil Católica (JUC) e Juventude Independente Católica (JIC).

Ela também fez parte do movimento cristão. Ela participava do Juventude Operária Católica; Juventude Estudantil e Juventude Independente. (Hermano José Dantas Gomes, entrevista concedida em 20/03/2012)

O movimento “Ação Católica” foi um movimento político, criado no Brasil a partir de 1932, vivenciado pela Juventude Feminina Católica e pela Juventude Católica Brasileira (1935), bem como, a Liga Feminina Católica. O modelo adotado veio da Itália, com a intenção de recristianizar a população, devido a vários acontecimentos que surgiram na primeira metade do século XX, tais como, o Nazismo (Alemanha), o Fascismo (Itália), a Revolução Russa e a Revolução Industrial.

Um dos lemas do movimento “Ação Católica” era acordar o Brasil do seu período de inércia e tentar provocar na população a consciência de seus direitos como cidadão livres de ideologias nefastas. Por isso, a Igreja Católica tentou se reorganizar partindo da força Juventude como movimento de renovação dos seus princípios.

¹⁰ A pesquisa ocorreu no âmbito projeto de pesquisa: *Educação e Educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações*, vinculado ao grupo de pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR-GT/PB).

¹¹ Estas educadoras citadas também foram objetos de publicações em grandes eventos, tais como, o XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN), III seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença. Intitulados: *Albertina Correia de Lima: contribuições no cenário educacional e político da Paraíba (1889-1975)*; *Lylia Guedes: memórias de uma educadora e feminista paraibana (1900-1974)*; *Tecendo Memórias Educacionais Paraibanas: Olivina Olívia Carneiro da Cunha (1886 – 1977)*. Todas estavam envolvidas na defesa dos direitos femininos de uma época.

A Ação católica se deu em dois momentos distintos: a primeira, pela Ação Católica Geral (1932-1949) e a segunda, pela Ação Católica Especializada (1950-1967). Em regra, como mencionado anteriormente, sob a fidelidade Papal, o objetivo geral, era enfrentar as ideologias e teses que se contrapunham aos dogmas do Catolicismo Cristão.

A Ação Católica Especializada atuava dentro dos movimentos jovens, com a criação das: Juventude Ação Católica (JAC); Juventude Estudantil Católica (JEC); Juventude Independente Católica (JIC); Juventude Operária Católica (JOC); Juventude Universitária Católica (JUC).

Conforme o J. Júnior (1999, p. 16), o meio interfere na educação, por isso que eles buscavam que os jovens atuassem sua fé nos lugares onde passavam: “É evidente que a Bélgica e a França – países onde primeiro se insistiu na importância pedagógica do “meio” na educação da fé”. Foram estes que serviram de modelos para a criação da JAC, JEC, JIC, JOC, JUC. O projeto da Ação Católica Especializada foi interrompido pela ditadura militar a partir de 1964, devido à luta entre movimentos civis e o status quo do exército brasileiro:

Numa visão Geral, fica claro que os “movimentos” juvenis especializados, dos quais falamos, tiveram vigência de 1950 a 1967, quando foram extintos, no Brasil, pela hierarquia e pela repressão política da ditadura do golpe militar. (J. JÚNIOR, 1999, p. 18).

Além do enfrentamento a ordem militar estabelecida, o fim do movimento “Ação Católica” se deu, entre outras questões, pelo enfraquecimento da adesão juvenil a este movimento nos anos de 1960. Em contrapartida, a juventude brasileira da época foi decisivamente influenciada pelos festivais de músicas populares, o cinema novo, o teatro, as mobilizações políticas, etc.. Como assegura J. Júnior (1999, P. 24):

Vivia-se, na época da extinção da Ação Católica Especializada, uma efervescência juvenil nunca vista. Olhe-se o mapa mundial das agitações juvenis de 1968. E o que faz a hierarquia da Igreja Católica brasileira? Em vez de sentar-se junto ao jovem para tentar compreender o novo que se vinha gestando, também na dimensão da fé, a hierarquia recua e entra no espírito do “golpe”, com a preocupação de que aquilo que a juventude católica estava descobrindo não era ortodoxo... Neste sentido, a morte da Ação Católica foi triste.

Nesse cenário, Argentina Pereira Gomes vivenciou os momentos de ascensão e declínio da “Ação Católica Especializada”. Todavia, não presenciou a derrocada deste, devido ao fato de ter falecido nos primórdios da década de 1960.

Durante o período de ascensão da “Ação Católica Especializada”, Argentina Pereira Gomes sempre esteve engajada no movimento, a exemplo das festividades do Jubileu Sacerdotal, ocorrido em 1931, na capital paraibana, em homenagem ao Arcebispo D. Moisés Coelho. Como informa o Jornal A União, que, também, cita os personagens da imagem abaixo:

Ontem, á tarde, recebemos a visita da exma. Sra. Myriam Bezerra de Almeida, general Oliveira Leite, cônego João de Deus e professora Argentina Pereira Gomes que, em nome da Comissão Central das homenagens a D. Moisés Coêlho, tiveram a gentileza de pessoalmente memorar condignamente a passagem do jubileu sacerdotal do seu ilustre Arcebispo[...] (Jornal A União, 1931, p.5)

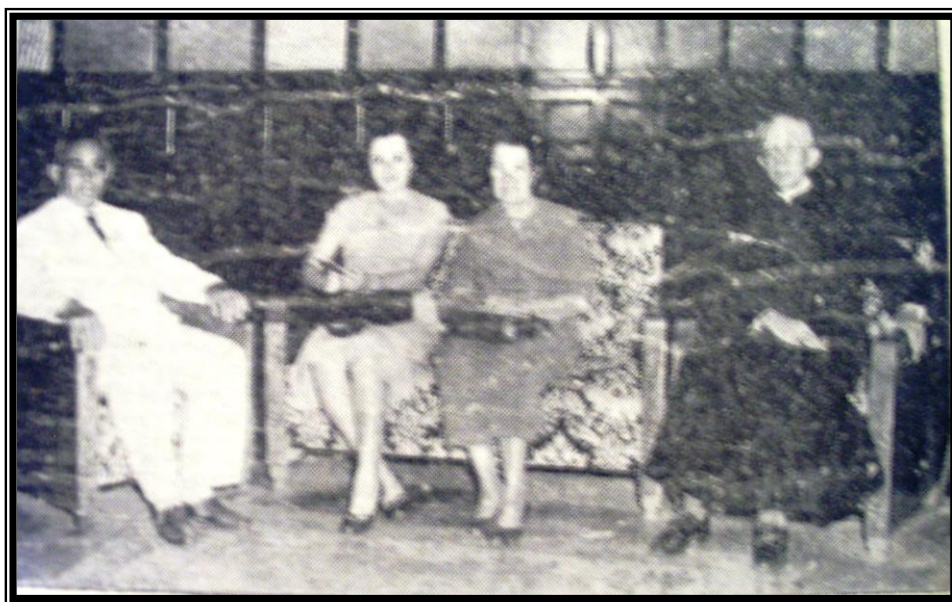


Figura 4: Jubileu Sacerdotal do Arcebispo da Paraíba
Fonte: Jornal A União de 1931, p. 5

Vale destacar que a profissão de professora foi considerada acessível e aceita para as mulheres com as bênçãos da Igreja Católica, pois, a mesma permitia que estas concilhassem trabalho e família, haja vista que ao trabalhar fora do doméstico, apenas em um turno, possibilitava a manutenção da sua responsabilidade com as tarefas do lar e a criação dos filhos. Acerca disso Louro afirma que:

Aos poucos vão sendo articulados e rearranjados argumentos que guardam alguma sintonia com o passado religioso da atividade, isto é, atributos ditos femininos vão se ligar ao caráter sacerdotal da docência e ajudarão a construir a representação da mestra: dedicada, modelo de virtudes, desapegada dos interesses egoístas, vigilantes e etc. (1997, p.3).

Nesse sentido, pensar a formação educacional de Argentina Pereira Gomes exige também de nós pesquisadores, uma breve leitura das reformas educacionais que aconteceram no Brasil e que foram influenciadas pelo iluminismo, em particular, pelas formulações da Escola Normal no Brasil, a partir do século XIX.

De acordo com Saviani (2011), as reformas educacionais, especificamente no ensino primário, se tornou uma preocupação do Governo Federal, pois, até então o ensino primário era financiado pelos estados e municípios. A intenção do governo era de sanar o analfabetismo no Brasil e elevar o nível cultural do povo brasileiro. Para concretizar as reformas almejadas por Capanema, foram criados em 1938 a Comissão Nacional do Ensino Primário, que tinha a função de organizar as diretrizes que iriam nortear todo o currículo nacional tornando o ensino homogêneo. Nesse sentido, a criação da Escola Normal auxiliaria na preparação dos professores na busca de tentar melhorar o ensino primário no Brasil.

Na Paraíba, especificamente, no ano de 1874, foi criado o primeiro Externato (Escola Normal) pelo presidente da província, o Barão do Abiaí, pai da educadora Olivina Olivia Carneiro da Cunha, posteriormente homenageada como patronesse de uma instituição escolar na capital da Paraíba, localizada na Av. Duarte da Silveira 450, centro, João Pessoa – PB, ao lado do Liceu Paraibano.

Como falamos anteriormente, a Escola Normal no Brasil e na Paraíba constituiu-se no primeiro espaço em que as mulheres puderam exercer uma carreira profissional. A exemplo, da educadora Argentina Pereira Gomes. De acordo com Pinheiro:

Apesar de ter sido criado em 1874, o Externato (Escola) Normal da Parahyba do Norte foi instalada solenemente em 7 de abril de 1885 e teve seu regulamento publicado em 14 de Janeiro de 1886. Entretanto, desde os meados do século XIX ocorreram diversas tentativas, por parte dos gestores públicos, em formar/profissionalizar a carreira de magistério, seja com a criação da cadeira de ensino normal, seja com a criação da cadeira de Pedagogia, ambas no interior do Liceu Paraibano. (PINHEIRO, p. 18, 2008).

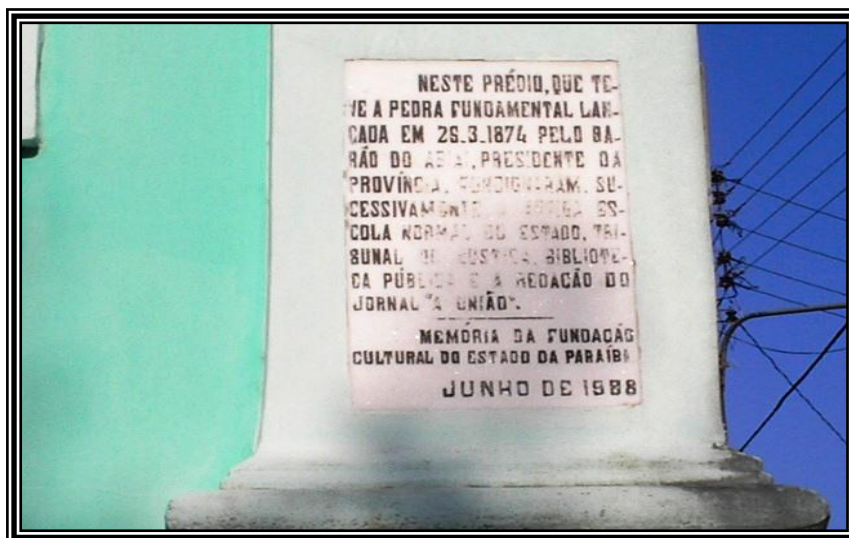


Figura 5: Pedra Fundamental da Escola Normal lançada em 1874.
Fonte: Arquivo Pessoal de Antônio Carlos Ferreira Pinheiro.

Em 1917, a Escola Normal, no Governo de Camilo de Holanda¹², mudou-se para a Praça João Pessoa, onde abriga atualmente o Tribunal de Justiça da Paraíba. Nesse mesmo edifício funcionou entre os anos de 1917 a 1919.

O segundo prédio onde passou a funcionar a Escola Normal, teve início de sua construção em 1917. Apresenta imponentes linhas neodóricas (variação do neoclássico), contudo, sofreu algumas modificações na sua fachada, em particular o seu frontispício, quando foram substituídos os emblemas relacionadas à educação pelo atual emblema (balança e lex), referente a justiça. Contudo, foi o seu interior que mais sofreu modificações quando passou a abrigar, em 1939, o Tribunal de Justiça. (PINHEIRO, p. 22, 2008).

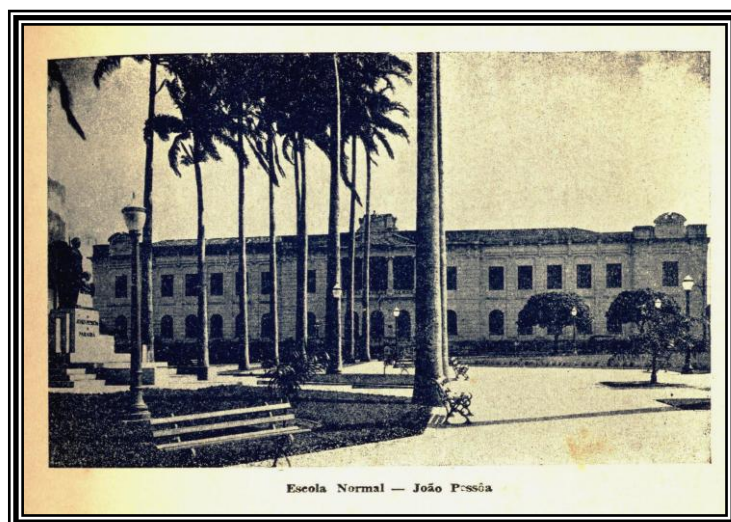


Figura 6: Escola Normal localizado a Praça João Pessoa, onde Argentina Pereira Gomes lecionou.
Fonte: Arquivo Pessoal de Antônio Carlos Ferreira Pinheiro.

¹² Camilo de Holanda foi governador do estado da Paraíba, de 22 de outubro de 1916 a 22 de outubro de 1920.



Figura 7: Escola Normal, hoje abriga o Tribunal de Justiça.
Fonte: Arquivo Pessoal de Márcia Cristiane Ferreira Mendes

O prédio que abrigou a Escola Normal neste período se encontra em perfeita conservação, pois, nele se localiza um dos pontos turísticos de João Pessoa – PB, o Tribunal de Justiça do Estado Paraibano, como identificamos na figura acima.

Estudando e, posteriormente, lecionando na capital do estado, a educadora normalista e religiosa, Argentina Pereira Gomes residiu, segundo o Pr. João Pereira Gomes Filho: “morando ali de frente para a Igreja Nossa Senhora de Lourdes”. (João Pereira Gomes Filho, em 02/01/2009). A referência da citada igreja contribuiu para que encontrássemos a antiga residência de Argentina Pereira Gomes. Esta igreja, ainda hoje, é frequentada por vários políticos, educadores e mulheres da alta sociedade paraibana. Os ex-alunos José Otávio de Arruda Mello, Linalda de Arruda Mello e Analice de Miranda Peregrino, nos indicaram que a educadora residiu na Av. João Machado, 121, centro de João Pessoa-PB, próximo a esta Igreja¹³, e por esta ser devota aos princípios católicos, facilitou sua presença constante na referida instituição religiosa.

¹³ Igreja Nossa Senhora de Lourdes.



Figura 8: Casa atual onde residiu Argentina Pereira Gomes e Carmelita Pereira Gomes, localizada na Av. João Machado, 121, centro, João Pessoa-PB.

Fonte: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva.

De acordo com Maria Martha Dieckman:

[...] era uma casa imensa, tinha sete quartos. Quando morreu Tintina, Carmelita disse: o que vou fazer com essa casa enorme? Aí ela separou. Ficou somente o portãozinho e o resto todo ela vendeu. (Maria Martha Dieckman, em 02/06/2009).

Da citada residência ainda consta no Imposto Predial e Territorial – IPTU o nome da proprietária Carmelita Pereira Gomes, irmã de Argentina Pereira Gomes. Assim, para ficar registrado este fato, fotografamos o documento da primeira e única residência da educadora na capital da Paraíba.

REVENIDOR PARA USO DA RCT ☐ AUSENTE ☐ END. INSUFICIENTE ☐ END. DESEMPREGADO ☐ END. DESCONHECIDO ☐ Nº INEXISTENTE ☐ NÃO PROCURADO ☐ NÃO HA DISTR. DOMIC. ☐ RECUSADO POR DATA: / /	REVENIENTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA ENDEREÇO: C/DESA 1.177 BARRIO: AGUIFRIA C.P. 5001-000 JOÃO PESSOA - PB	SEED 991215555-GRUB PMJP - SEFIN FOMENTO
DESTINATÁRIO CONTRIBUINTE: CARMELITA PEREIRA GOMES 22.105.0069.0000.000 AV. JOÃO MACHADO 00121 CENTRO 58013-522 JOÃO PESSOA PB		

ESTE BLOQUETO PODE SER PAGO EM QUALQUER BANCO ATÉ O VENCIMENTO.

Todo seu

Figura 9: Imposto Predial e Territorial - IPTU- da casa onde morava Argentina Pereira Gomes.



Fonte: Arquivo Pessoal de Márcia Cristiane Ferreira Mendes.

Figura 10: Igreja Nossa Senhora de Lourdes Localizado na Av. João Machado, centro, João Pessoa-PB.

Fonte: Arquivo pessoal de Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva.

Na atual Avenida João Machado ainda são encontrados vários casarões e palacetes. Por esta também ter sido considerada uma área nobre, residiam padres, educadores, intelectuais e políticos. Não só por também por ser considerada área nobre, mas por apresentar traços de urbanização e modernização, tendo características de uma avenida em reta, como afirma Silva (2009, p.24):

Durante o período em que os holandeses ocuparam Frederickstadt (1634-1654) não aconteceram mudanças substanciais no domínio urbanístico. Com expulsão dos batavos a cidade pouco a pouco foi aumentando sua urbanidade. Seu traçado seguia linhas retas, a exemplo da rua cadeia (hoje Visconde de Pilotas), rua Direita (hoje Duque de Caixias) e Rua Nova (hoje General Osório). Até o nome da cidade mudou[...]

Durante toda a sua vivência e moradia na Avenida João Machado, Argentina Pereira Gomes esteve em contato com vários personagens da intelectualidade da Paraíba, entre eles, monsenhor Pedro Anísio e as também educadoras Olivina Olívia Carneiro da Cunha e Tércia Bonavides.

Além do espaço de aglutinação de amigos, de admiradores, alunos, educadores, poetas e escritores, constituía-se, em especial, o espaço da família Pereira Gomes. Na

citada residência nasceram e cresceram os filhos. Lugar de longa vida e morte dos genitores da educadora.



Figura 11: Família de Dona Argentina Pereira Gomes, após o falecimento de seu pai João Gregório Pereira Gomes em 1931, na casa da Av. João Machado, João Pessoa – PB.

Fonte: Álbum de Família de Maria Martha Dieckman

Na imagem acima, constatamos um momento especial da tradicional família Pereira Gomes, em sua residência na tradicional Avenida João Machado. Na referida imagem: da esquerda para a direita, os seus irmãos Vital Pereira Gomes, Carmelita Pereira Gomes e Argentina Pereira Gomes (identificada coma seta), além de Jesuína Pereira Gomes, Lauro Pereira Gomes e a sobrinha Hermelinda Pereira Gomes. Na segunda fila, da esquerda para a direita, Maria das Mercês Dantas Gomes, casada com Vital Pereira Gomes, Vitalina Pereira Gomes, no centro, Dona Capitulina Pereira Gomes, viúva de João Gregório Pereira Gomes e pai de Argentina Pereira Gomes, Luiza Pereira Gomes, casada com Manoel Adolfo Pereira Gomes e pai de João Pereira Gomes. As crianças que estão na terceira fila, contando a partir da esquerda para a direita, são: Maria Martha Dieckman, João Valdeir Dantas Gomes, Hermano José Dantas Gomes, Maria Georgina Dantas Gomes e Maria da Anunciação Dantas Gomes.

No seu mosaico de história de vida e formação docente, Argentina Pereira Gomes nos conduziu por uma memória ainda em construção. A exemplo das suas irmãs, vivenciou uma cultura familiar, educacional e religiosa bastante rigorosa, sob o absoluto controle patriarcal. De acordo com Maria Martha Dieckman:

O pai era muito carrasco. Não casou nenhuma filha. Meu avô era pequeno, mas era brabo. Os filhos homens todos saíram de casa, inclusive, o meu pai, foi para Rio Grande do Sul, Porto Alegre, todos foram embora, porque ele era muito rígido e as filhas não casaram. Nenhuma casou, porque não podia namorar, como é que podia casar? Na época já se namoravam por bilhetinhos ou por passar na janela e dá uma espiada e nem isso podia? Não casou! (Maria Martha Dieckman, entrevista concedida em 20/03/2012).

De vida regrada por uma cultura educacional e religiosa, Argentina Pereira Gomes dedicou-se intensamente as atividades docentes, condição que ofuscou, certamente, outras escolhas em sua vida, tomando assim o magistério como uma atividade de vocação, por conseguinte, de amor, de entrega e doação. A educadora faleceu em 10 de Abril de 1962, deixando um grande legado à educação e a formação dos paraibanos.

2.2 A atuação profissional de Argentina Pereira Gomes na cidade de João Pessoa - PB

Com o início da profissionalização das mulheres no Brasil, o magistério foi tido pela sociedade como uma profissão pertinente ao sexo feminino, pelo fato de serem considerados sujeitos afetivos e maternos e, estas características eram vistas como necessárias para a educação das crianças. Saviani (2011, p. 222) afirma que:

Se a educação deve formar a consciência moral do cidadão, então a mulher, zelosa protetora desses princípios no lar, é quem melhor pode estendê-lo aos jovens. Se existe a necessidade de se formar a nação, a mulher é o centro da unidade menor da sociedade, sobre a qual se assenta o edifício social. Se a educação trabalha com crianças, que dependem de carinho e cuidados especiais, então nada como a mulher! Estava aberto o caminho para a feminização da atividade escolar.

Ainda a respeito do mercado de trabalho feminino, centrado na concepção de que era reservada para as mulheres apenas a função do magistério, ressaltamos que até meados do século XIX, a docência fora exercida em grande parte por homens, como

afirma Almeida (1991), e o direcionamento das mulheres ao magistério, segundo a historiadora, deu-se pelas características que eram consideradas inerentes ao feminino, tais como: afetividade e maternidade, condições históricas que foram sendo modificadas, em especial, no século XX, com o crescimento e ampliação das escolas normais do Brasil.

Argentina Pereira Gomes, após a sua chegada a Parahyba do Norte (ver anexo A) foi matriculada na Escola Normal do estado, instituição a qual concluiu os estudos em 1916¹⁴ e, após a referida formação ocupou o espaço profissional que naquele cenário histórico começava a se consolidar à mulher no exercício do magistério.

Ressaltamos, que a ocupação do magistério como profissionalização feminina constituiu-se numa ocupação pública até então incipiente para a mulher, ainda assim, não representava uma ruptura nos costumes morais, culturais e éticos do século XX. Exemplo disso, a Dra Bertha Lutz, líder dos movimentos sufragistas da época, defendia o direito a educação e ao voto como uma conquista da cidadania, porém, sem alteração profunda nos modelos vigentes.

Em relação aos ideais e as bandeiras preconizadas por Bertha Lutz, assevera Pinto (2003, p. 14):

[...] A luta pela inclusão não se apresenta como alteração das relações de gênero, mas como um complemento para um bom andamento da sociedade, ou seja, sem mexer com a posição do homem, as mulheres lutavam para ser incluídas como cidadãs. Esta parece ser a face bem-comportada do feminismo brasileiro no período.

Vivendo sob as tradições da sua época, Argentina Pereira Gomes adentrou mercado de trabalho feminino pela formação do magistério, lecionando a disciplina de português nas seguintes instituições de ensino: Liceu Paraibano, Escola Nossa Senhora das Neves e Grupo Escolar Eptácio Pessoa.

A dedicação ao ensino da língua portuguesa constituiu-se uma marca da sua formação docente, passando a outras gerações da sua família, a exemplo do sobrinho neto, João Pereira Gomes Filho, educado sob as mesmas mensagens dadas por

¹⁴ Essa informação foi fornecida pela professora da Escola Estadual Professora Argentina Pereira Gomes que encontrou em seus materiais escolares bem antigos um documento impresso digitado, repassando-nos uma cópia.

Argentina Pereira Gomes. Segundo ele, a educadora “abriu desde cedo, o leque da intelectualidade na família Pereira Gomes”. (Entrevista concedida em 02/01/2009).

Nas palavras ainda deste entrevistado, a influência de Argentina Pereira Gomes para a família foi muito forte, pois, deixou como herança o gosto pelo estudo, pela poesia e pelas regras gramaticais. Além disso,¹⁵ recebeu ensinamentos tanto religiosos quanto escolarizados, haja vista, competia a tia avó o reforço escolar permanente em sua residência. Não só João Pereira Gomes recebeu instruções de formação advindas da tia, bem como, os demais sobrinhos:

João Pereira Gomes morou um tempo quando a mãe dele morreu e o pai dele morava nessa época em Manaus e ele ficou um tempo com Tintina. Com Tintina e as irmãs [...] a gente não podia falar errado na frente dela que ela corrigia [...] Agente dizia: eu vou pra Recife. Ela dizia: Você não vai para Recife, você vai a Recife, porque você não vai ficar lá [...] Na frente dela tínhamos que sempre falar correto. (Maria Martha Dieckman, entrevista concedida em 20/03/2012).

O cuidado e a atenção da educadora Argentina Pereira Gomes com os sobrinhos eram de constantes, principalmente, com João Pereira Gomes, que conviveu com ela desde a infância, e que devido ao zelo da educação da tia herdou o gosto pela língua portuguesa e pelos estudos. Assim,

[...] foi a partir dela que meu pai, por exemplo, foi influenciado a aprender Latim logo cedo, para poder melhor entender o Inglês, o português, ao ponto de saber a missa decorada, a missa do Monsenhor Pedro Anísio. E o meu pai foi coroinha do Senhor Pedro Anísio influenciado por Argentina Pereira Gomes. (João Pereira Gomes Filho, entrevista concedida em 02/01/2009).

Em 1916, Argentina Pereira Gomes foi nomeada como professora da cadeira mista do ensino primário na cidade de Borborema, no Brejo paraibano, (ver anexo B), cargo que exerceu até o ano de 1919.

¹⁵João Pereira Gomes se formou em Direito, foi promotor de Justiça, desembargador, fez doutorado na Alemanha, e ao voltar ao Brasil, assumiu as seguintes progressões: a Casa Civil do Governador Dorgival Terceiro Neto, a casa Civil do Governador Clovis Bezerra e a Casa Civil de Tarcisio Burity. Foi professor Universitário na área de Prática Forense no curso de Direito da UFPB, após a sua aposentadoria, assumiu a chefia do setor Jurídico do Paraíba Crédito Imobiliário. (FILHO, 02/01/2009)

Assim, os professores que passavam pela Escola Normal eram obrigados a exercer sua profissão por pelo menos um ano no ensino primário nas cidades do interior da Paraíba, algo que ocorreu com Argentina Pereira Gomes. Esta medida tinha como objetivo melhorar a qualificação dos professores e a educação nos centros rurais do estado.

[...] fica claro, que a escola rural modelo, de fato, não tinha por finalidade “fixar” homens/mulheres no campo, apesar de caber-lhe formar professores, que seriam, provavelmente, encaminhados para trabalhar no campo em cidades do interior. [...](PINHEIRO, 2006, P. 141).

Segundo Pinheiro (2006), essa necessidade surgiu no período de 1930, na tentativa de auxiliar o fortalecimento da economia agrária que estava em declínio. O que também preocupou aos governantes da época foi a formação de flagelados nos centros urbanos, causado pela substituição de importações, pois muitos migravam sem ter nenhuma qualificação ou preparação para atuarem nas indústrias.

Nesse sentido, após a sua experiência profissional no interior, Argentina Pereira Gomes regressa à capital, sendo então nomeada professora do Grupo Escolar Epitácio Pessoa.

Percebemos que diante desse processo os professores não fixavam residência no interior da Paraíba, não consolidando um dos objetivos do governo, ou seja, a permanência de professores nos centros rurais.

Na verdade, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos gestores da educação pública na Paraíba foi o de fixar, no interior do Estado – principalmente, na região sertaneja -, os professores. Muitos dos quais, ao atingirem melhor nível de qualificação, com frequência solicitavam transferência para cidades maiores do agreste ou da região do Brejo (Campina Grande, Areia etc) e, principalmente, para a capital, João Pessoa. Cabe registrar que, desde o início da década de 1920, tal problema já era considerado preocupante pelo então governador Solon de Lucena, que assim se pronunciou diante da Assembleia Legislativa, em 1921.(PINHEIRO, 2006, P. 141)

O Grupo Escolar Epitácio Pessoa, segundo os documentos disponibilizados pelo Projeto de Extensão, vinculado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal da Paraíba, intitulado Projeto “Memória de João Pessoa”, registra em seu acervo histórico imagens históricas da capital e nelas, pudemos perceber que o

Grupo Escolar Eptácio Pessoa passou por várias reformas, conforme as mudanças que aconteciam nos governos do estado e que a educadora, certamente, acompanhou:

O Grupo Escolar Eptácio Pessoa está localizado à Rua Monsenhor Walfredo Leal s/n, ocupa a ponta da quadra formada por esta e as ruas Olavo Bilac e dos Bandeirantes. Funcionou a princípio neste local, até que no governo de Camilo de Holanda, foi construído o primeiro edifício do grupo, projetado por Fiorilo e inaugurado a 24 de Fevereiro de 1918. Na administração de Gratuliano de Brito (1923/1935) passou por uma série de melhoramentos. Em 1936, na gestão de Argemiro de Figueiredo, foi ampliado e reformado sendo as obras concluídas no ano seguinte. Durante algum tempo, funcionou neste imóvel o complexo educacional Roger Tambiá e atualmente, no anexo, se acha instalado o Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro de João Pessoa. (Memória João Pessoa, 2006, <http://www.memoriajoaopessoa.com/acervo/acervo_g/34_grupo_escolar_epitacio_pessoa/grupo_escolar_epitacio_pessoa.pdf>)

As imagens abaixo, nos mostram as duas reformas que aconteceram no Grupo Escolar Eptácio Pessoa, atendendo ao movimento deflagrado da urbanização da capital do estado:



Figura 12: Grupo Escolar Eptácio Pessoa antes da ampliação 1870/1920



Fonte: Memória João Pessoa

Figura 13: Grupo Escolar Epitácio Pessoa após ampliação Jan/1937

Fonte: Projeto “Memória de João Pessoa”.



Figura 14: Fotografia do Grupo Escolar Epitácio Pessoa tirada em Jan/2012

Fonte: Pertence ao álbum da pesquisadora Márcia Cristiane Ferreira Mendes.

Em 1928, Argentina Pereira Gomes participou do concurso público para a cadeira de língua portuguesa da Escola Normal. Nesse processo, disputou a vaga com o advogado Demétrio de Toledo. O Jornal *A União*, de 11 de abril, de 1962, em sua

reportagem informa o documento, por ocasião da morte da referida educadora, rememorando o significado desse histórico concurso:

A banca examinadora classificou ambos os candidatos. E talvez até tivesse sentido uma dificuldade: - saber verdadeiramente quem levara mais vantagem; se o bacharel Demétrio de Toledo, perspicaz e culto, ou a professora Argentina Pereira Gomes, acentuadamente modesta, estudiosa, lúcida, que surpreendera a todos com magníficas provas. (Jornal A União, 11 Abril, 1962).

Esse processo não só é relatado no referido Jornal, mas, também, na entrevista de Analice de Miranda Peregrino, que enfatiza esse acontecimento como um marco na história da educação paraibana:

O fato mais importante era quando ela fez o concurso que não houve nem primeiro e nem segundo lugar foi igual os dois subiram ao mesmo tempo, porque não podiam dá o segundo lugar dado ao conhecimento.” (Analice de Miranda Peregrino, entrevista concedida em 23/03/2009).

Nas pesquisas realizadas até então, não há indícios que comprovem outra ocorrência que iguale ou sobreponha o que aconteceu no citado concurso, em que são nomeados a partir do ponto de vista dos examinadores, dois candidatos, Argentina Pereira Gomes e Demétrio de Toledo a vaga de português, reconhecendo a potencialidade intelectual dos candidatos, dando o primeiro lugar e, logo em seguida, nomeando-a para a vaga de Português da Antiga Escola Normal.

No Jornal e nos documentos levantados apontam apenas a data do concurso, o que não indica a data de suas nomeações na Escola Normal, já que o fato foi noticiado no Jornal A União, como um marco na história paraibana.

Em 1928 na condição de ex-aluna, Argentina Pereira Gomes retorna agora a instituição na condição de professora da cadeira de língua portuguesa, a qual havia sido aprovada por concurso público na instituição, algo que se constituía de uma relevante conquista intelectual da Paraíba da época.

Em outras fontes obtivemos a informação de que a educadora Argentina Pereira Gomes também lecionou no Colégio Nossa Senhora das Neves, porém, até o presente momento não temos documentos oficiais que indiquem de forma efetiva o período de

exercício na citada instituição de ensino. As fontes imagéticas apontam para a presença da educadora em atividades festivas.



Figura 15: Argentina Pereira Gomes e o Colégio Nossa Senhora das Neves

Fonte: RIBEIRO, Domingos de Azevedo. Colégio de Nossa Senhora das Neves. João Pessoa: s/e, 1976.

Na fotografia acima, identificamos a presença da educadora em evento realizado pelo Colégio Nossa Senhora das Neves, na ocasião do lançamento do livro do professor Domingos de Azevedo, em 1976, em sua obra intitulada: *Colégio de Nossa Senhora da Neves*. Neste estudo memorialístico, o autor demonstra em seus escritos, a presença da educadora na festividade com personagens importantes da educação da época:

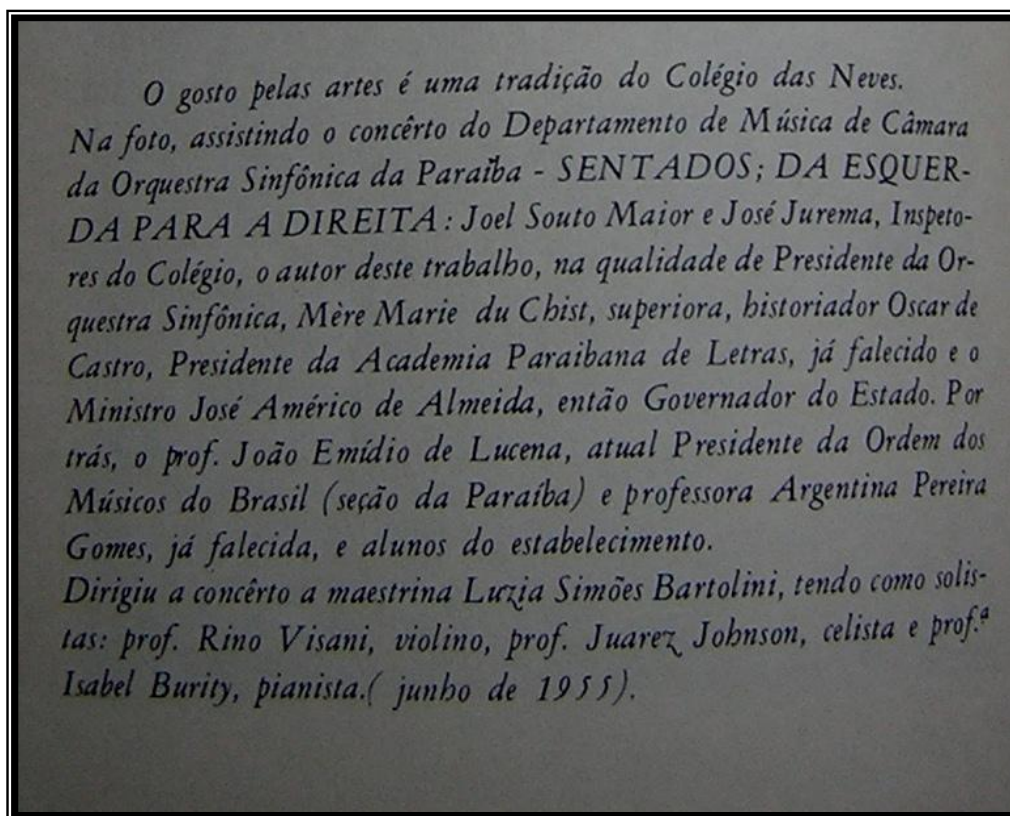


Figura 16: Livro Colégio Nossa Senhora das Neves

Fonte: RIBEIRO, Domingos de Azevedo. Colégio de Nossa Senhora das Neves. João Pessoa: s/e, 1976.

Sobre o Colégio Nossa Senhora das Neves¹⁶, podemos afirmar que este foi criado em 1857, sendo uma instituição de ensino exclusivamente para mulheres. Em sua dissertação de Mestrado intitulada: *Magistério em Declínio: histórias e memórias de ex-alunas do magistério do colégio Nossa Senhora das Neves* (1970), Santos (2009) traz à baila informações sobre esta instituição confessional de ensino, administrada pela Igreja Católica, que encerrou as suas atividades em 2002 e, atualmente, abriga a Faculdade de Ciências Médicas.

De uma maneira geral, além da educadora de ideias firmes, podemos afirmar que a trajetória intelectual de Argentina Pereira Gomes foi marcada não só nos espaços institucionalizados de ensino, mas, também, pelos encontros que aconteciam na casa do

¹⁶ O colégio Nossa Senhora das Neves encontra-se situado na Praça Dom Ulrico, nº 56, João Pessoa – PB, ao lado da Catedral Nossa Senhora das Neves.

Monsenhor Pedro Anísio. O religioso foi um educador influente de uma geração, entre as quais, a referida educadora.

Na residência do Monsenhor Pedro Anísio dedicava-se aos estudos teológicos, filosóficos e gramaticais, momento de conagração intelectual e que reunia grandes nomes de educadores que lecionaram no Liceu Paraibano, inclusive, Argentina Pereira Gomes: “[...] Eram grupos de estudos de leituras na linha de reflexão filosófica na casa do Monsenhor Pedro Anísio. [...] Muitas vezes era ela que expunha, era o passatempo dela”. (João Pereira Gomes Filho, em 02/01/2009). Esses encontros podem ser comparados aos saraus¹⁷. Neste caso as reuniões serviam para somar seus conhecimentos filosóficos, principalmente, relacionado à religião e a língua portuguesa, já que lecionavam esta disciplina nas instituições escolares em que trabalhou.

Com forte formação religiosa, no Ano Santo Romano, a educadora vivenciou em 1959, a experiência da peregrinação do dia do martírio, em Roma, Jerusalém e Compostela. De acordo com Maria Marta Dieckman e Hermano José Dantas Gomes, essa condição religiosa era muito evidente, como se identifica na imagem abaixo:



Figura 17: Basílica de São Pedro –Vaticano – Roma/Itália
Fonte: Álbum de Fotografia de Maria Martha Dieckman

¹⁷ Saraus era uma reunião amigos, com a finalidade de expor poemas, músicas, filmes e filosofia.

Nos anos de 1950, em face das dificuldades de acesso, a viagem era feita em navios, exigia-se grandes despesas, algo que comprova os esforços empreendidos pela educadora na realização desse sonho católico-cristão.

[...] Era tipo uma excursão. Ela juntou dinheiro, eu me lembro bem, eu morava em Recife na época. Era de navio. Naquele tempo viajava mais de navio do que de avião. Naquela época não era turbina, não era de hélice. Ela foi pegar o navio no porto de Recife [...] (Maria Martha Dieckman, entrevista concedida em 02/06/2009).

Além dessa realização turística religiosa, a educadora demandou esforços para participar de outros encontros religiosos, a exemplo do Movimento da Ação Católica que acontecia no Rio de Janeiro, capital do Brasil. Segundo a entrevistada, a educadora “buscava a perfeição cristã, isso era o objetivo dela e por isso eu acho que a gente, o maior número de amizades que ela fez, buscava com ela acompanhar o anseio dela” (Analice de Miranda Peregrino, em 14/05/2009).

Assim, a trajetória desta educadora foi, certamente, marcada por histórica e decisiva participação no magistério da Paraíba, bem como, da formação católica. Uma condição que demarcou a sua identidade.

Portanto, de uma maneira geral, ao concluir este segundo capítulo, podemos afirmar que a trajetória desta educadora foi marcada por uma decisiva participação no magistério da Paraíba, bem como, de uma formação conceitual do catolicismo ao longo de uma vida. Nesse sentido, nos apoiamos em Nóvoa, quando este preconiza que a prática docente depende daquilo que somos como pessoa, por ritmos e tempos próprios, valores, ideias, vivências e histórias, sendo assim, segundo este autor, impossível separar o “eu profissional do eu pessoal” (NÓVOA, 1995, p.17).

CAPÍTULO III

ESPAÇOS DE MUDANÇAS: ARGENTINA PEREIRA GOMES E O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA

Assim, a aurora de uma verdadeira renovação educacional [desponta no horizonte em 1930, tendo por princípio servir aos] interesses do indivíduo, [não pela] concepção burguesa [que o mantém em] sua autonomia isolada e estéril, resultante da doutrina do individualismo libertário; [a] escola socializada [seria erguida com base no] espírito de disciplina, solidariedade e cooperação, [exprimindo uma] profunda obra social [que ultrapassaria] largamente o quadro estreito dos interesses de classes (MANIFESTO, 1932, p. 40-41)

As mudanças ocorridas no cenário político e educacional no Brasil, entre as décadas de 1920/1930, influenciaram vários intelectuais a pensar em uma educação renovada e a consequência imediata foi à criação de um documento chamado de Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932.

Argentina Pereira Gomes, diante do contexto em que viveu foi fortemente influenciada por esse movimento renovador, o que verificamos, através de dois escritos deixados por esta educadora na Revista do Ensino (falta). Neste cenário, a educação brasileira vinha clamando por um novo método de ensino, em que sua didática fosse voltada também para o aluno.

A instituição escolar sempre acompanhou as mudanças da sociedade, pois, a mesma é considerada uma miniatura desta, e no movimento renovador a escola entrou como uma força que impulsionou o progresso, época também da expansão do desenvolvimento industrial no país, o que Valdemarin afirma:

A concepção de escola como miniatura da sociedade, que se tornaria uma palavra de ordem do movimento de educação renovada, é aqui apresentada com definições bastante claras: trata-se de integrar a escola à sociedade, introduzindo a relação ativa com o conhecimento, própria das ocupações sociais colaborativas, como método escolar. (2010, p. 35).

O espaço escolar e sua estrutura sempre foram considerados como ponto chave para toda e qualquer mobilização e transformação, e não seria diferente com o

movimento de restauração do sistema educacional proposto pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. “A necessidade de adaptar-se à mudança e reagir a ela deve ser mantida na escola, considerada efetivamente como parte do processo e não uma organização na qual se aprendem lições”. (VALDEMARIN, 2010, p.34).

Assim, o ideário erguido por este movimento visava uma educação que favorecesse a todos, sem distinção de raças, credos e classes. Ou seja, que levassem em consideração os aspectos cognitivos e afetivos no processo de desenvolvimento infantil.

Todavia, para compreender como se deu esse processo de construção do manifesto e a influência que Argentina Pereira Gomes recebeu do mesmo foi preciso analisar também o que o antecedeu nas esferas social, econômico e educacional, levando a ganhar força entre alguns líderes intelectuais, a exemplo de Fernando de Azevedo.

Sendo assim, discorreremos, inicialmente, neste capítulo, com o personagem Fernando de Azevedo e o seu papel junto aos outros intelectuais signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova para posteriormente adentrar e entender os rumos tomados por Argentina Pereira Gomes diante desse movimento renovador e suas repercussões enfrentadas no Estado da Paraíba.

3.1. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova no Brasil: Fernando de Azevedo

Desde a colonização, a educação no Brasil foi pensada pelos moldes europeus. O que significa que “O ideário civilizatório iluminista irradiava-se, a partir da Europa, para boa parte do mundo, e, também, para o Brasil”. (FARIA FILHO, 2010, p. 135). Conforme Schneider (2005), o país viveu por muito tempo sob uma falsa ideia de nacionalidade legitimada pela Europa. Por isso, a nação brasileira veio reivindicar, através de projetos políticos uma cultura própria, sem intervenção de outros países, e que levasse em conta o tipo de população que se configurou após as misturas de raças. “[...] um caráter nacional não se procura, não se inventa, não se acolhe; nasce espontaneamente, bebe-se com o leite da vida, respira-se o ar da pátria”. (SCHNEIDER 2005, p. 460).

Nesse contexto, o Brasil assumiu reformas que foram acontecendo de forma isolada e segundo Inácio Filho e Silva (2010), alguns desses projetos educacionais se

deram em estados importantes da federação, como: São Paulo, em 1920, pelo autor Sampaio Dória; em 1923 no Ceará por Lourenço Filho; Em 1925, sob os ideais de Anísio Teixeira, na Bahia. Em 1927 no estado de Minas Gerais, sendo o autor Francisco Campos e Mário Casasanta; 1928 no Distrito Federal por Fernando de Azevedo; Em 1928 por Carneiro Leão no estado de Pernambuco; 1930 novamente em São Paulo de autoria de Lourenço Filho.

Portanto, um dos pontos importantes que contribuiu fortemente para o movimento de renovação foi à reforma do decreto de nº. 3281, de 23 de Janeiro de 1928, que impulsionou a ideia de unificação do sistema escolar já descrita por Fernando de Azevedo¹⁸, Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, levando em consideração a função social da escola. Dessa forma:

Tem-se considerado como um ponto culminante no movimento de renovação educacional no Brasil a reforma de 1928 no Distrito Federal, que se tornou o foco mais intenso de irradiação das novas ideias e técnicas pedagógicas. Alguns historiadores da educação não hesitaram mesmo em afirmar que, com a reforma consubstanciada no decreto nº 3.281, de 23 de Janeiro de 1928, se entrou resolutamente numa fase nova da história da educação nacional [...] Atribuindo novos fins, nacionais, sociais e democráticos, ao sistema de educação, procedeu o reformador à renovação das técnicas e dos processos que deviam cariar, como instrumentos, em função dos objetivos que se propunha atingir e que atuavam sobre todo o conjunto, e se esforçou por fornecer, pela reforma, às escolas de todos os graus e tipos uma base concreta de serviços técnicos e administrativos, para uma educação mais eficiente e que realmente se estendesse a todos. (AZEVEDO, 1996, p. 651-652).

Assim, após o decreto outorgado por Fernando de Azevedo em 1928, as mudanças na sociedade foram acontecendo, o que no ano 1930, foi marcado por um novo momento na história brasileira, no seu contexto econômico, social, político e educacional. Esse período foi liderado pelo Presidente da República Getúlio Vargas, entre os anos de 1930 a 1945, e em relação à educação, este instituiu o órgão “Ministério da Educação e Saúde”, bem como, a reorganização do ensino superior e o Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

¹⁸ Nasceu em 19 de abril de 1882, no interior do Rio Grande do Sul, no município de São Borja e filho de Manuel do Nascimento Vargas e de Cândida Francisca Dorneles Vargas.

O fato é que, a partir da República e, mais fortemente, após a Revolução de 1930 – e, no bojo desta, com a legislação conhecida como Reforma Capanema, que inclui, entre outras disposições interessantes para a educação profissional, o decreto lei que criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e a Lei Orgânica do Ensino Industrial, ambos de 1942 -, a educação profissional será cada vez mais escolarizada e cada vez mais mantida, embora como modalidade apartada, enlaçada à educação geral. (CASTANHO, 2007, p.54).

Os rumos da educação foram se dando de forma desordenada o que Lourenço Filho, em 1931, começa a pensar novas formas de administrar e avançar com a instrução pública no Brasil, criando Bibliotecas, organizando os serviços técnicos, proporcionado pelo clima de modernização, o que continua com as seguintes reformas:

[...] o ensino normal e profissional; institui o uso testes para a organização das classes seletivas e imprime vigoroso impulso ao cinema educativo, aos serviços de estatística e às associações periescolares. (AZEVEDO, 1996, P. 655).

Nesse momento de reestruturação da educação, as propostas do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, foram sendo articuladas e Fernando de Azevedo, juntamente com outros líderes da intelectualidade brasileira, uniram seus ideais proporcionando um novo caminho para a educação. Como afirma Venâncio Filho (1989, p. 38):

[...] Daí surgiu a ideia de um documento que representasse o ideário desse novo sistema, e que permitisse realmente ao país encontrar novos caminhos no campo educacional. Foi inegavelmente Fernando de Azevedo o líder desse movimento, ao qual se aglutinaram entre outros educadores renovadores, como Anísio Teixeira e Lourenço Filho [...]

A obra de Fernando de Azevedo “A cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil” foi relevante para entender os rumos desse movimento e compreender também quem liderou esse novo pensamento de renovação educacional, cuja intenção era tentar solucionar os problemas relacionados à educação, por entender que este era principal caminho para modernizar o Brasil. Como afirma Azevedo (1996, p. 660):

Dessa situação de perplexidades e hesitações, como de suspeitas e divergências, é que nasceu, num dos grupos em que se dividiu a

assembleia a idéia de confiar ao autor desta obra a incumbência de, como reformador a interprete da nova corrente de pensamento pedagógico, “consubstanciar num manifesto os novos ideais e fixar dessa maneira o sentido fundamental da política brasileira e de educação.

O grupo de intelectuais que participaram da elaboração do movimento de renovação e de unificação do sistema educacional, juntamente com Fernando de Azevedo, foi: Afrânio Peixoto, A. de Sampaio Doria, Anísio, Spinola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessôa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr, J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco, Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecilia Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme, Raul Gomes. Estes vinham se mostrando no cenário intelectual do Brasil o que permitiu a união desse movimento.

Dessa situação de perplexidades e hesitações, como de suspeitas e divergências, é que nasceu, num dos grupos em que se dividiu a assembleia a ideia de confiar ao autor desta obra à incumbência de, como reformador e intérprete da nova corrente de pensamento pedagógico, consubstanciar num manifesto os novos ideais e fixar dessa maneira o sentido fundamental da política brasileira de educação. (AZEVEDO, 1996, p.660).

Os objetivos que percorreram a reforma do Movimento dos Pioneiros da Educação Nova partiram da defesa do princípio de laicidade; a nacionalização do ensino; a organização da educação popular, urbana e rural; a reorganização da estrutura do ensino secundário e do ensino técnico e profissional; a criação de universidades e de institutos de altura, para o desenvolvimento dos estudos desinteressados e da pesquisa científica; a obrigatoriedade escolar e estabelecer para as crianças o direito à educação integral;

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de acordo com Azevedo (1996) ampliou a visão de que a Educação deveria atingir a todos de forma universal e para que pudesse acontecer às transformações não deveria priorizar uma parte da população ou se estruturar apenas em alguns territórios, como foi relacionado desde a década de 1920. Por isso, os objetivos descritos no manifesto procuravam amenizar e solucionar problemas relacionados à educação da sociedade vigente.

O processo modernização da nação brasileira e de formalizar os objetivos do Movimento dos Pioneiros da Educação Nova, os grupos escolares, o ensino secundário, o ensino superior, foram tendo que se adequar a essas novas realidades, ressaltando que:

Os grupos escolares foram responsáveis por um novo modelo de organização escolar do início da República, o qual reunia as principais características da escola graduada, um modelo utilizado no final do século XIX em diversos países da Europa e nos Estados Unidos para possibilitar a implantação da Educação Popular. O Decreto Estadual nº. 248, de 26 de Setembro de 1894 – Regimento Interno das Escolas Públicas de São Paulo – consolida a estrutura o funcionamento das escolas públicas desse Estado, passando os grupos escolares de São Paulo a serem modelos para todo país. (INACIO FILHO E SILVA, 2010, p. 230).

Na intenção de constituir uma educação forte e tentar formar indivíduos para atuarem em cargos importantes no Brasil, o plano Geral da educação priorizou o ensino secundário, sendo que neste nível de ensino foi destinado a uma parcela da sociedade, pois através deste foi formado a elite brasileira, haja vista que os prepararia para adentrar ao ensino superior¹⁹, por isso, apenas uma camada da sociedade conseguiria se formar nas primeiras faculdades de Direito e Medicina. A escola secundária foi destinada a adaptar todas as inteligências a uma forma rígida de educação, para um aparelho flexível e vivo, organizado para ministrar a cultura geral e satisfazer às necessidades práticas de adaptação a variedade dos grupos sociais.

O governo que instituiu o ensino universitário no Brasil não podia deixar de enfrentar a reconstrução do ensino secundário, sobre cuja solidez e eficiência repousa todo o ensino de nível superior, profissional ou desinteressado: uma semana depois, 18 de abril de 1931, assinava o chefe do Governo Provisório, por proposta de Francisco Campos, o decreto nº. 19.890, que imprimiu ao ensino secundário a melhor organização que já teve entre nós, elevando-o de um simples “curso de passagem” ou de instrumento de acesso aos cursos superiores, a uma instituição de caráter eminente educativo, aumentando-lhe para sete anos a duração do curso e dividindo-o em duas partes – a primeira, de cinco anos, que é a comum e fundamental, e a segunda, constituída de um curso complementar, de dois anos, destinada a uma adaptação dos estudantes às futuras especializações profissionais. (AZEVEDO, 1996, p. 656).

¹⁹ O estatuto das universidades brasileiras foi traçada no decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931.

O espírito de renovação foi ganhando forças, mas mesmo assim, houve dificuldades de reestruturar o ensino secundário e superior. Como mencionamos no parágrafo anterior, por mais que existissem intenções de aperfeiçoar estes níveis de ensino, a educação superior se configurou apenas de formar profissionais e não numa formação científica.

Se essas elites, recrutando-se em camadas sociais e situações que variavam constantemente, não constituíam nem podiam constituir uma camada cerrada e perfeitamente organizada de intelectuais, não é menos verdade que, com uma formação cultural orientada no “interesse da profissão”, haviam adquirido e conservado esses modos e formas de pensamento e de experiência, ligados a uma formação tradicionalmente profissional, que as inabilita a dominar do alto e em todos os seus aspectos os problemas de educação e de Cultura. Elas nunca tiveram, por isso, uma consciência viva, e muito menos profunda, da necessidade de criação de instituições universitárias no Brasil, calcando-as em formas antigas ou modelando-as segundo formas novas. (AZEVEDO, 1996, p. 669).

A construção do documento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova procurou em suas bases, tomar conhecimento da realidade brasileira, o que essas observações foram importantes para formar seus objetivos e o que este teria de ultrapassar para que a renovação tão desejada acontecesse:

A situação atual, criada pela sucessão periódica de reformas parciais e frequentemente arbitrárias, lançadas sem solidez econômica e sem uma visão global do problema, em todos os seus aspectos, nos deixa antes a impressão desoladora de construções isoladas, algumas já em ruínas, outras abandonadas em seus alicerces, e as melhores, ainda não tem termos de serem despojadas de seus andaimes. (MANIFESTO, 1932, p. 1).

Ressaltamos ainda que para entender esse movimento de renovação educacional foram necessárias várias análises, pois, nem tudo está explícito nas produções bibliográficas, por isso, a relevância de recorrer a livros, teses, dissertações e jornais da época, com o objetivo de interpretar e trazer novos conhecimentos para a história brasileira.

Nesse aspecto, destacamos que o termo Escola Nova surgiu a partir da criação da Revista Escola Nova, em 1930, nome que foi substituído à Revista Educação, editada pela Diretoria-Geral do Ensino Paulista, sob o comando de Lourenço Filho, sendo de

circulação mensal. A Revista Educação, historicamente se confunde com os termos genéticos de Educação Nova e Escola Nova, ambas seguiram o movimento de renovação. Todos os que participaram do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova contribuíram significativamente com publicações de artigos nestas revistas.

A finalidade da Revista Escola Nova era de propagar e incentivar a renovação do sistema educacional, tendo como base o pragmatismo de Dewey, de tornar educação universal. Como afirma:

A expressão simbolicamente introduzida por Thompson atravessou a década, retomada diversas vezes por diferentes reformadores, até que, em 1930, mais precisamente em outubro editada pela Diretoria-Geral do Ensino Paulista, sob o comando de Anízio Teixeira [...] recém chegado dos Estados Unidos procurava esclarecer por que a “Escola Velha” já não satisfazia e por que era preciso abraçar a “renovação escolar” (CUNHA, 2010, p. 265)

Anízio Teixeira foi um dos intelectuais que teve um contato direto com o filósofo John Dewey, influenciado também pela educação Norte-Americana, por ter estudado por vários anos em Universidades dos Estados Unidos, ficando entusiasmado com seus pensamentos revolucionários de Educação e por entender que a educação institucionalizada deve ser acessível a todos. Por muitas vezes tentou trazer Dewey para o Brasil, o que não obteve êxito pela força política de direita. Como afirma Viana Filho (1990, p. 32):

Tudo mudaria na vida de Anízio – à vocação religiosa sobrepunha-se a vocação do educador, que não mais o abandonou, pondo raízes mais fundas, e sobre as quais se levantaria uma nova personalidade. Para muitos dos seus amigos e companheiros, entre os quais Hermes Lima, Nestor Duarte e Jaime Ayres, todos agnósticos e liberais, era uma ventura vê-lo libertando-se das peias ultramontanas. Anízio libertava-se. Libertava-se graças às leituras de Dewey, filósofo que na América revolucionava a educação. Tendo frequentado a Columbia University mais ou menos na mesma época, Gilberto Freire recordou as aulas do filósofo dizendo-as “verdadeiros acontecimentos”. Ao que acrescentou por duas vezes tentando sem êxito ajudar Dewey a visitar o Brasil, como desejava. As portas somente se abriram para a direita.

A educação estava totalmente estruturada pelos moldes tradicionais o que a Escola Nova reagiu de forma contrária a essa velha estrutura dos serviços educacionais exercidos no século XIX e XX, artificial e verbalista. As propostas para a educação proporcionou uma nova estrutura se organizou para a coletividade em geral, reconhecendo as aptidões naturais do indivíduo. “Ela tem por objeto, organizar e desenvolver os meios de ação durável com o fim de dirigir o desenvolvimento natural e integral do ser humano em cada uma das etapas de seu crescimento”. (MANIFESTO, 1932, p.5).

Como afirma Azevedo (1996), o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova iria romper as tradições excessivamente individualistas da política do país, fortalecer os laços de solidariedade nacional, manter os ideais democráticos de nossos antepassados e adaptar a educação, com a vida.

Ao pensar nas propostas da Escola Nova, principalmente o ensino leigo não podia deixar de mencionar que estas sugestões receberam críticas da Igreja, pois a Escola Nova mantinha em seu discurso a separação da igreja na educação, o que historicamente conhecemos que a instrução pública foi dirigida inicialmente pela Igreja Católica. O que “nesse mesmo ano, três representantes do pensamento católico criticam acerbamente as novas tendências em um folheto editado pelo centro D. Vital de São Paulo, *Pedagogia da escola nova*”. (AZEVEDO, 1996, p. 655).

O conflito com esses dois grupos mantiveram abertamente até 1937, com o golpe de Estado dado por Getúlio Vargas, às reformas foram acontecendo de forma centralizada e controlada pelo governo central. Começa-se um período ditatorial de Getúlio Vargas. Nesse momento o movimento renovador encontrou barreiras, afirmando que:

As revoluções estão cheias de velhos que impedem a obra renovada (observava um); é preciso, pois, rejuvenescer a revolução para que se rejuvenesça a política. Homens e moços e realizadores para as posições (reclamava outro). Estamos em face de um conflito entre duas mentalidades, uma que luta porque está morrendo, outra que luta porque está nascendo”, concluía um terceiro, por outras palavras que todas indicavam o obstáculo às vezes invencível oposto pela rotina e pela tradição à instauração de idéias renovadoras. (AZEVEDO, 1996, p. 664).

Portanto, toda a reforma que a antecedeu ao Movimento dos Pioneiros da Educação Nova, contribuiu para reavaliar a educação no Brasil e como esta estava se consolidando. O que contribuiu para perceber medidas necessárias para uma nova estruturação escolar no Brasil. Uniram-se propostas de vários intelectuais com o pensamento de renovar a educação e modernizar o país através dela, por isso que esse movimento foi tido como um passo importante para a educação.

3.2. A difusão dos ideais do escolanovismo na Paraíba do Norte

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova ganhara uma grande repercussão no Brasil, mas, em relação à Paraíba do Norte, manifestou-se de diversas formas, dentro das instituições escolares, a exemplo da Semana Pedagógica que a época ocorria no Grupo Escolar Thomaz Mindello. Como nosso objeto de estudo trata de analisar as práticas educacionais da Educadora Argentina Pereira Gomes, foi fundamental compreender como também se constituiu esse movimento no estado.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova tinha a preocupação de avançar em termos de instrução pública, o que incentivou o desenvolvimento do ensino primário, secundário, superior e técnico. Em virtude desse movimento que se espalhava pelo Brasil, antes mesmo de sua divulgação em 1932, na Paraíba foi realizada a substituição da Diretoria Geral da Instrução Pública para a nova Diretoria de Instrução Primária, decretada no dia 12 de setembro de 1931, nº 183, com o objetivo de avançar rumo ao progresso, assim:

A antiga Diretoria Geral da Instrução Pública, extinta no governo João Pessoa, foi substituída pela Diretoria do Ensino Primário (Decreto número 183, de 12 de Setembro de 1931), repartição nova, com os serviços triplicados, em virtude da criação de grande número de escolas e de medidas outras que vieram aumentar a responsabilidade de seus poucos funcionários administrativos, sem aparelhamento e com uma escrita ainda adaptada à antiga Diretoria Geral, teve de passar por completa reforma para poder orientar os trabalhos a seu cargo. Medidas diversas foram tomadas com o fim de colocar a repartição controladora das coisas do ensino à altura de sua real finalidade. (MELLO, 1996, p. 94).

Os programas de ensino também foram alterados com a nova Diretoria de Ensino, cujo objetivo era modificar as estruturas anteriores, dando assim, outra feição,

principalmente, ao curso primário, o que estaria voltada a realidade do país e do indivíduo.

A distribuição do ensino no curso primário obedecia ainda à antiga divisão e subdivisão de graus, fases ou classes [...] Adaptá-los às nossas necessidades foi logo medida da Diretoria de Ensino, dando à Instrução a ser ministrada uma feição mais prática, e, portanto, mais útil. (MELLO, 1996, p. 95)

Assim, devido às exíguas informações acerca desse movimento na Paraíba, nos preocupamos em levantar documentos bibliográficos, jornais e revista da época, além de teses e dissertações para que nos conduzisse a uma compreensão sobre os reais impactos dessa renovação educacional no estado.

Nesse sentido, tivemos a oportunidade de ler a dissertação defendida por Rosângela Chrystina Fontes de Lima, em 2010, intitulada: Grupo Escolar Thomas Mindello e a cidade: espaços de difusão dos ideais modernos (1916-1935), que também nos trouxe informações acerca desse movimento e suas implicações no estado da Paraíba, além do Jornal *A União* de 1933, 1934 e 1935 e a Revista do Ensino 1932 e 1937.

A Escola Nova, segundo Lima (2010), era caracterizada pelo movimento de modernização do Estado, levando em conta a necessidade do país e o seu período de transformação econômica, o que contribuiu para difundir as ideias de renovação do sistema educacional no país.

Segundo Pinheiro (2008, p. 23-24), o Grupo Thomaz Mindello, inaugurado no dia 09 de setembro de 1916, foi uma instituição de referência para o Estado, sendo o primeiro grupo escolar fundado na cidade da Paraíba do Norte, em homenagem a Thomas Mindello, um professor conceituado da elite paraibana, conforme Pinheiro(2008) como afirma a citação a seguir:

A figura abaixo mostra o Grupo Escolar Thomas Mindello, antes da reforma de 1931.



Figura18: Grupo Escolar Thomas Mindello

Fonte: PINHEIRO, 2008, Um Roteiro Histórico Educacional na Cidade de João Pessoa.

E para difundir os ideários do movimento da Escola Nova foram realizadas as Semanas Pedagógicas no referido grupo escolar, promovido pelo governo do interventor federal Gratuliano Brito, sendo que o primeiro encontro aconteceu em 1933 e somente em 1934 as repercussões tomaram outras proporções bem maiores na sociedade tornando-se uma ferramenta importante para divulgar os ideais da Escola Nova.

Animando o movimento de renovação, a Diretoria do Ensino instituiu anualmente, na Capital, a “Semana Pedagógica”, a partir de 1933. A primeira dessas reuniões teve lugar no auditório do grupo escolar “Dr. Tomás Mindello”, onde se realizaram interessantes palestras de caráter educativo e foram ministradas instruções sobre organização de classe, instituições escolares, levantamento de estatísticas educacionais, manuseio de material didático etc. A segunda “Semana Pedagógica”, de maiores proporções, constituiu um acontecimento memorável na história da instrução pública da Paraíba. Realizada no salão nobre da Escola Normal, onde se via inédita exposição de grandes quadros de estatística educacional, numa demonstração do que fizeram os governos revolucionários, foi um verdadeiro congresso

de educação. As suas sessões técnicas e plenárias concorridíssimas deixaram, pelos trabalhos executados, inapagável lembrança no espírito do nosso professorando que a ela afluíu, cheio de entusiasmo e desejoso de colher maiores frutos. (MELLO, 1996, p. 99).

Segundo Lima (2010), o jornal também foi utilizado como instrumento de transmissão do movimento da Escola Nova, haja vista que esse era o único meio de comunicação mais rápido e de acesso à população, o que foi instituída na coluna do Jornal *A União*, uma página para publicações de artigos que discutissem o movimento renovador da educação. A iniciativa de procurar o Jornal *A União* para publicação de temas e propostas sobre o movimento da Escola Nova foi do dirigente de Educação José Baptista de Mello, em 1931.

Na Paraíba do Norte, o referido dirigente e educador pode ser considerado o grande difusor da Escola Nova. Para este, o estado paraibano precisava de reformas significativas na educação para se modernizar. Para que houvesse avanços nesse sentido era preciso, segundo sua compreensão, que modificasse o “velho” modelo de instrução pública, substituindo-o por novas formas de educar, sob a ótica dos reformadores da Educação Nova.

[...] transformar a instrução de acordo com o meio e as necessidades da época. Bem longe de fazer seus alunos poetas e chorões e literatos pedantes, visando exclusivamente um título que, às vezes, só serve de entrave, o professor da escola nova ensina os primeiros passos da vida ativa, encaminhando os seus discípulos para as artes, para as agriculturas, para as indústrias e comércio, retirando-os da futura estufa que mata e define as energias, para guiá-los na liberdade da vida e da ação. (A UNIÃO, 19 abr. 1931, p. 2).

O ensino primário, segundo Mello, precisava de várias reformas para se modernizar e a pedido do interventor Argemiro de Figueiredo, José Baptista de Mello viajou para o Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, com intuito de analisar como estava sendo implantado o ensino primário nestas capitais. O saldo desta viagem se constituiu de um substancial relatório, contendo informações necessárias à renovação do ensino na Paraíba do Norte.

O Professor José Baptista de Mello a quem se encontra confiada a direção da Instrução Primária do Estado regressou há pouco de uma viagem que empreendeu ao sul do país com o objetivo de estudar as

novas normas em que ali prescreve esse ensino. (RELATÓRIO, 1935, p. 13)

Nessa viagem José Baptista de Mello teve contato direto com os reformadores da Escola Nova, entre eles, Lourenço Filho e Anísio Teixeira. Esse diálogo foi registrado no relatório para o interventor Argemiro de Figueiredo, contendo planos e ideias para reformar a educação do estado.

Assim é que tive o ensejo de conviver por largos dias com esses mestres admiráveis que são Anísio Teixeira, Lourenço Filho – Paulo de Assis Ribeiro – Gustavo Lessa – Celso Kelly e tantos outros que formam a vanguarda do movimento educacional da capital da República. Logo nos primeiros momentos tive uma idéia da grandiosidade do aparelho educativo do Rio de Janeiro onde espíritos de escola auxiliados pelo devotamento de um corpo de professores competentes e entusiastas fazem uma obra de renovação admirável. (RELATÓRIO, 1935, p.2)

Em seu relatório descreve o que viu nas instituições escolares no Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia e como o Movimento de Renovação Educacional já atingia todos os aspectos da educação, como mostra a seguir:

Em todos os seus aspectos, a escola do Rio vem sofrendo os influxos salutareos de uma politica educacional admirável, desde os métodos de ensino ao aparelhamento escolar, ao prédio, à renovação do professorado, ao cuidado ingente com a saúde dos estudantes. Instituições escolares sabiamente orientadas completam o movimento incessante das classes. O rádio, o cinema, a assistência médica e dentária, o teatro, o museu, a biblioteca, o laboratório, os exercícios físicos e o canto orfeônico encontram-se em todas as novas escolas, prestando um serviço inestimável à formação dos educandos. (RELATÓRIO, 1935, p.2).

A Revista do Ensino foi outro instrumento de renovação pedagógica, criada pela Diretoria Geral do Ensino na Paraíba, no dia 08 de junho de 1932, de circulação trimestral, sob o decreto nº 287, o que coincide também com o ano de criação do documento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, cuja finalidade era trazer também os discursos de renovação educacional e também manter uma ligação com os centros rurais, enviando informações do que estava acontecendo nas capitais em relação

à instrução pública, como medida de orientação e propostas educacionais nas cidades vizinhas e distantes de João Pessoa - PB.

Por sugestão da Diretoria do Ensino e com o fim de levar o professorado do interior não só o que se processa nos centros adiantados, em assuntos de educação, mas ainda para trazê-lo a par do movimento em relação ao Departamento da Instrução, foi criada a “Revista do Ensino”, por Decreto número 287, de 8 de Junho de 1932. Grande vantagem tem oferecido esse órgão de publicidade: reúne lições que podem servir de padrão, desperta o gosto pelas letras e serve de veículo de idéias novas aproximando elementos, estimulando-os ao mais eficaz desempenho de suas funções.

“Revista do Ensino” veio preencher sensível lacuna existente na Instrução Pública da Paraíba, levando conhecimento dos demais Estados o que temos feito e transmitindo ao magistério conterrâneo plano de aulas, instruções, etc.(MELO, 1996, p. 98).

A Revista do ensino, como proposta de orientação aos professores, foi utilizada na divulgação dos ideários do Movimento da Escola Nova e os educadores estavam engajados nas publicações de artigos com novas propostas para um novo ensino na Paraíba. Argentina Pereira Gomes foi uma das que publicou na revista do ensino trazendo métodos e conceitos sobre o ensino-aprendizagem.

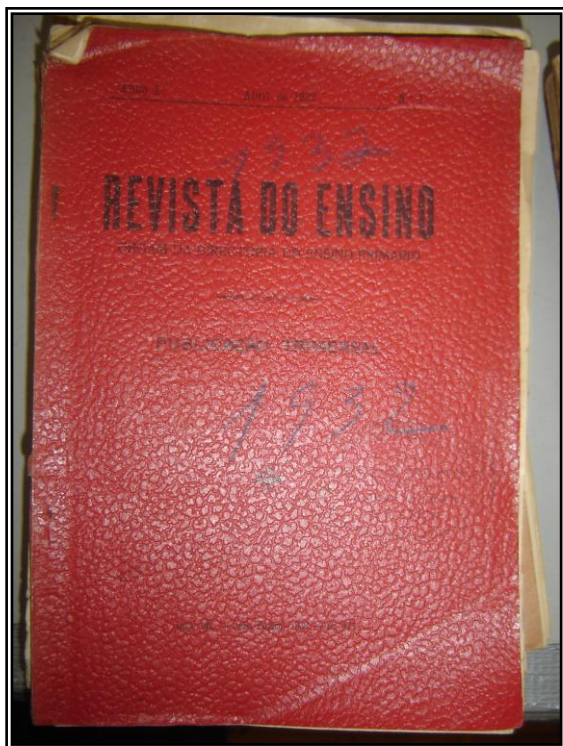


Figura 19: Capa da Revista do Ensino
Fonte: Revista do Ensino, 1932.

Só quem acompanhou a apathia com que era visto e tratado o aparelhamento pôde avaliar com justiça o trabalho que se vem fazendo em prol da sua efficiency e maior valia, pelo emprego dos methods modernos visando tornar a escola um prolongamento da vida socializada. Desse ambiente de verdadeiro renascimento é prova flagrante e por demais animadora a Revista do Ensino e o opusculo cuja referencia está inspirado estas ligeiras considerações, é digno da leitura de quantos se interessam pelos assumptos educacionaes.

Está elle repleto da colaboração variada dos nossos mais provectos preceptores. Desde os Methodos Didacticos do ensino de Mathematicas, do dr. José Coêlho, que aliás promette continual-o em futuros numeros da revista, até a bella sugestão, de coriolano de Medeiros, sobre Escolas Profissonaes são assumptos todos que reclamam estudo acurado e indicam a preocupações dos responsáveis por melhores dias para a nossa população escolar. Encerrando o volume em apreço, vêm os Programmas do Ensino a serem ministradas pelas escolas públicas, nos diversos grãos, os quaes vêm preencher com a unidade de technica que estabelecem uma grande lacuna de que se resentia a instrucção primaria entre nós. É por tanto, de louvar e realçar a dedicação da Directoria desse departamento da publica administração que, com o apoio decidido do Govêrno, vem integrando o grave problema educativo em sua desejada finalidade (A UNIÃO, 13 ago. 1932, p. 4).

A Revista do Ensino tinha uma finalidade pedagógica, pois, até aquele momento da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, não existiam matérias que servissem de bases para a educação de bases universais. Ou seja, em cada estado e município, buscava-se organizar uma forma de ensino, cabendo sempre aos professores a tarefa de seleccionar livros adequados para ministrar suas aulas.

A Semana Pedagógica e a Revista do Ensino, ambas tinham a finalidade de renovar a educação, a partir de palestras e orientações didáticas que pudessem ser aplicadas no sistema de ensino na Paraíba.

Como os professores da Escola Rural não tinham a facilidade de se locomover mais rapidamente a capital, pois, o sistema de transporte ainda estava em processo de modernização, a revista e os encontros promovidos pelo estado, auxiliava a transmissão de uma nova realidade educacional e, portanto, os docentes eram levados a fazerem os cursos na capital e, conseqüentemente, introduzirem novos caminhos da educação em sala de aula.

Assim, surgiram outras instituições que vieram contribuir para criar bases culturais para a educação brasileira, incentivados pelo movimento renovador e pelo intelectual Lourenço Filho, como as instituições auxiliares na Paraíba do Norte:

Biblioteca Escola; Caixas Escolares; Cinema Educativo; Círculo de Pais e Mestres; Curso e/ou Escola Complementar; Clubes Agrícolas Escolares; Jardim da Infância; Jornal Escolar; Museu Escolar; Rádio Educativo. As bibliotecas foram tomadas como referências, em particular, a Biblioteca Pedagógica Central, pois, era uma preocupação de Lourenço Filho, que a população e as crianças tivessem acesso à cultura.

Dessa, forma, a educação da época era alvo de transformações na Paraíba, pois, apesar das patentes negligências, eram consideradas uma forte ferramenta de transformação social e econômica. Apesar desses esforços históricos, percebemos que com o passar do século XX, as mudanças ocorreram de forma lenta e gradual, atendendo as necessidades de cada período/época. Nesse sentido, os sujeitos eram e são os elementos chaves para que este ciclo se movimentasse ao longo dos anos. Assim, a exemplo de outros intelectuais/educadores, Argentina Pereira Gomes esteve envolvida, fazendo parte e atuando no contexto de turbulências por um projeto nacional e estadual da educação.

3.3. O olhar de Argentina Pereira Gomes sobre o movimento da escola nova na Paraíba

O movimento da Escola Nova influenciou várias gerações de professores desde os primórdios da década de 1930, até a atualidade, com repercussões nas práticas e ideias sobre o fazer escolar. Na Paraíba destacamos que Argentina Pereira Gomes foi adepta desse movimento intelectual. Podemos afirmar esta condição através dos indícios deixados nos relatos de ex-alunos, amigos e familiares, bem como, em documentos impressos, tratando-se da metodologia de ensino aplicado em sua época.

Assim, para nos aproximar nesta pesquisa sobre a prática educativa de Argentina Pereira Gomes e sua relação com o Movimento da Escola Nova na Paraíba, incursionamos na investigação de duas fontes escritas deixadas por esta educadora na Revista do Ensino, datados de 1932 e 1937, bem como, das entrevistas realizadas para a pesquisa.

Argentina Pereira Gomes lecionou a disciplina de Português no Liceu Paraibano, no Grupo Escolar Epitácio Pessoa e, também, na Escola Nossa Senhora das Neves. Nesse percurso escreveu artigos na então relevante Revista do Ensino. Nas visitas que realizamos aos acervos da capital, a Revista do Ensino foi encontrada apenas no IHGP.

Os textos escritos pela mesma estavam voltados a sua própria profissão de professora da disciplina citada.

O artigo publicado na Revista do Ensino em 1932, intitulada: “Língua Materna”, período em que foi também divulgado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, descreve a preocupação de Argentina Pereira Gomes de como estavam sendo ministrada a disciplina de Português nas escolas, pois, tratava-se da própria língua nativa e a seriedade da missão do professor ao ato de ensiná-la.

O ensino da língua vernácula, em nossas escolas primárias é, incontestavelmente, o ponto de para onde deve convergir a atenção do professor e que exige de suas energias e de seu precioso tempo. Não temos aqui a pretensão de versar a matéria sob todos os seus aspectos. Nosso intento é, apenas, prestar um pequeno auxílio ao estudo da linguagem, valendo-nos para isso da experiência de alguns anos de magistério. (GOMES, 1932, p. 5).

A partir de sua prática escolar e de sua preocupação com a educação, a educadora passa a sugerir uma nova didática de ensino voltada para esta disciplina, considerando em seus escritos os elementos que pudessem levar o aluno a aprender, mas de forma significativa. No caso específico, Argentina Pereira Gomes apreciava as fases de desenvolvimento natural do aluno descritos por Pestalozzi: “[...] a partir da natureza das próprias coisas e não por palavras; deixar que ele veja, ouça, encontre as coisas, que caia e se levante de novo. Aquilo que pode fazer para si, que o faça, pois a natureza ensina melhor que os homens [...]”. (GILES, 1987, p. 189). “Toda a instrução devia seguir e estar em harmonia com as etapas que pautam o desenvolvimento da natureza humana”. (GILES, 1987, p. 191). Assim, “muito importa ao professor saber por onde o aluno começar e a ordem natural a seguir na aquisição dos conhecimentos”. (GOMES, 1932, p. 5).

Os elementos de uma aprendizagem que tenha um sentido na vida do indivíduo foi marcado na didática de Argentina Pereira Gomes, sendo assim, preconizava um processo em que o aluno assimilasse os novos conhecimentos, relacionando-os com os quais já existiam em sua experiência de vida cotidiana. Por isso, o método tradicional não incorporou as novas abordagens da Escola Nova, em que o processo educativo passava a configurar a realidade em que vivia cada indivíduo e também a função social do mesmo.

O menino leva para a escola sua linguagem familiar viva, interessante, fecunda. Aproveitamos-a, cuidadosamente, para ponto de partida de todos os ulteriores conhecimentos, subindo, gradativamente, até o nível intelectual do adulto. (GOMES, 1932, p.6).

Esse modelo de aprendizagem que leve em conta as fases de desenvolvimento do aluno veio contrariar o conceito de uma educação rígida e perversa que trazia constrangimento ao aluno. É importante segundo Gomes (1932) que a criança tenha motivação para aprender e que o leve a ter uma maturidade saudável quando chegar sua fase adulta. Então, “Evitemos, sobretudo, exigir da criança aquilo que é superior à sua inteligência atendendo que as grandes dificuldades arrastam vezes ao desânimo e à apathia”. (GOMES, 1932, p. 6).

As aulas descritas por Argentina Pereira Gomes partiram dessa concepção descrita no parágrafo anterior, dando a orientação de como o professor deveria ministrar suas aulas, sem o uso de instrumentos que levassem o aluno a aprender de forma mecânica ou arbitrária. Mesmo acreditando na educação sem intimidação, de uma educação construtivista, não descartamos a possibilidade das aulas desta educadora também evidenciar traços tradicionais, pois, não se pode desprender o Eu do professor em sala de aula, haja vista, que a mesma foi formada pelos moldes de uma educação tradicional, de uma cultura conservadora propagada no início do século XX.

Ou seja, mesmo evidenciando traços de mudança e dinâmica no exercício didático em sala de aula, como, também, constatado por ex-alunos, Argentina Pereira Gomes nutria ainda, certamente, muito dos comportamentos e tradições educativas de sua época.

Todavia, nos escritos abaixo, constatamos que Argentina Pereira Gomes se aliava a uma nova didática, propondo novas formas de ensino, conduzindo assim o professor a analisar sua prática de ensino fora dos padrões tradicionais, fora de uma perspectiva do temor e das tradições, tornando-a leve e agradável. Assim, deve:

[...] ser ministradas por meio de palestras agradáveis e leves, onde o mínimo seja levado a observar, formar frases, descrever objetos usuais, tirar conclusões, praticar, conversar, enfim. (GOMES, 1932, p. 5).

Argentina Pereira Gomes se dedicou por mais de 40 anos a educação e em relação a sua prática de ensino, procurou formar bons leitores, priorizando o enriquecimento do vocabulário exercido em sala de aula através da escrita, com as declamações, ditados de poesias, como afirma sua ex-aluna Linalda de Arruda Melo²⁰, após ser entrevistada em 2009:

Ela gostava de José de Alencar autor de Iracema. Ela gostava muito! O primeiro texto que vi com ela foi Iracema. Ela trabalhava com Antologia e cada autor havia um trechinho [...] Gostava do Parnasianismo de Raimundo Correia com Mal Secreto e as Pombas. Ela gostava de Bocage. (Entrevista concedida em 07/05/2009)

Segundo sua ex-aluna Linalda de Arruda Mello, o seu jeito didático, a forma poética e acolhedora de ensinar ia ao encontro aos ideais de uma educação renovada, nesse sentido:

Ela sempre disse, tanto que ela nunca discriminava por assim dizer o aluno atrasado, o aluno que tirasse nota baixa, o aluno que lesse mal, que lesse errado, sempre dava aquele estímulo. A gente via que ela dava aquele estímulo, não se mostrava decepcionada com o desempenho do aluno, mas estava sempre confiante, com esperança de uma melhora, então ela era a pessoa da esperança. (Entrevista concedida, em 07/05/2009).

Em outro depoimento do ex-aluno de Argentina Pereira Gomes, Haroldo Lucena, destaca na educadora traços de uma pedagogia renovada e uma preocupação com a aprendizagem do aluno e como ela estava sendo feita.

Não, longe disso, castigo de maneira nenhuma! [...] Uma excelente professora e uma excelente pessoa, muito compreensiva, não cobrava muito dos alunos. Na verdade metódica, também, gostava das coisas certas, gostava que a gente prestasse atenção à aula que aprendesse o que ela estava ensinando, mas não exigente aquele ponto de não permitir que as pessoas se mexessem na cadeira como era comum naquela época. (Haroldo Lucena, entrevista realizada em 04/05/2009).

Os exercícios de leitura eram feitos de forma que soubessem o que estavam lendo e o significado de cada palavra. O ditado realizado era diferente do que vinha

²⁰ Linalda de Arruda Melo não nos permitiu refazer a entrevista que foi feita em 2009 por motivos pessoais, por isso utilizamos a mesma realizada nesse período.

sendo feito no método tradicional, exigia-se que decodificassem e soubessem o significado, o sentido de cada palavra, não apenas decorar ou memorizar. A leitura era feita de forma que pudessem abrir novos caminhos.

Após algum tempo vêm os exercícios reiterados de composição, de fraseologia, pequenas historietas, leitura corrente e comentada, cópias, dictados, etc... tudo o que se possa desenvolver e enriquecer o espírito da criança, aumentar-lhe o vocabulário, retificar-lhe as ideias e ampliar-lhes os horizontes. (GOMES, 1932, p. 5).

Segundo a ex-aluna Linalda de Arruda Mello, no seu método intuitivo para ensinar à gramática, utilizava frases, inclusive poemas que eram colocados de forma errada no quadro negro, no sentido de que os alunos pudessem visualizá-los e corrigi-los. Muitos poemas de Fernando Pessoa, tais como, “Natal”, “O Mal Secreto” e as “Pombas” de Raimundo Correia, “Inania Verba” de Olavo Bilac e literatura, “Iracema” de José de Alencar, eram utilizados nessa metodologia de ensino como uma forma de estudar a gramática e a literatura, fazendo assim uma interdisciplinaridade de conteúdos. “Ela colocava grandes frases para corrigir, colocava frases no quadro, frases com erros e a partir daqueles erros ela ia mostrando como era o certo”.

Essa afirmação da ex-aluna também se fundamenta pelo seu artigo publicado em 1937 pela Revista Ensino, como revela a fonte:

Em oposição á Pedagogia então dominante por toda a parte, que tinha em grande conta as abstrações, os conceitos, as regras e definições, surge a Pedagogia Objetiva verdadeiramente científica, fundada na observação, no estudo da criança, de suas inclinações, de seus gostos e de seus interesses. Esta se assenta sobre a intuição. (Revista Ensino, 1937, p. 62).

Em relação ao método difundido nessa época, configurou-se o método mútuo de ensino muito discutido no século XIX. Este artifício consistia na utilização de monitores, sendo escolhidos os alunos mais adiantados na sala de aula com a finalidade de ajudar os outros alunos que estivessem com dificuldades de aprendizagem, algo que também facilitaria o trabalho do professor, contrapondo ao método individual²¹. Esta forma de educar foi pensada no intuito de ganhar tempo ensinando de forma rápida.

²¹ Tal método consistia em que o professor, mesmo quando tinha vários alunos, acabava por ensinar a cada um deles individualmente (FARIA FILHO, 2010, p. 140).

Segundo seus defensores, estabelecendo-se as condições materiais adequadas, dentre as quais a principal refere-se à existência de um amplo espaço, um professor, com a ajuda dos alunos mais adiantados, poderia atender a até mil alunos em uma única escola. Considerando, ainda, que os alunos estariam o tempo todo ocupados e vigiados pelos colegas e o estabelecimento de uma intensa emulação entre os estudantes, o tempo necessário ao aprendizado das primeiras letras seria bastante abreviado em comparação com o método individual. (FARIA FILHO, 2010, p. 141).

Portanto, ainda no século XIX o método mútuo foi substituído pelo método intuitivo, também defendido por Pestalozzi. Esta metodologia procurava evidenciar o ritmo de aprendizagem dos alunos. O professor só conseguiria ensinar levando em consideração os processos de ensino-aprendizagem de cada aluno. Argentina Pereira Gomes então se baseou fortemente nos fundamentos de Pestalozzi, o que concentrou sua didática ao aluno e não a si mesma como detentora do espaço escolar.

Assim, por variadas vias, a discussão sobre os métodos, que enfocava a questão da organização da classe, e o papel do professor como organizador e agente da instrução vão dando lugar às reflexões que acentuam a importância de prestar atenção aos processos de aprendizagem dos alunos, afirmando que o professor somente poderia ensinar bem se o processo de ensino levasse em conta os processos de aprendizagem do aluno. (FARIA FILHO, 2010, p. 143).

Sobre essa questão discorria Argentina Pereira Gomes:

Com efeito, é a intuição, segundo a etimologia do vocábulo, conhecimento que se alcança pela vista do objeto presente. Os pedagogos ampliaram a significação do termo e hoje temos como intuição o conhecimento direto de um objeto presente que se adquire por qualquer sentido, pela inteligência ou pela cooperação das faculdades cognoscitivas. (GOMES, 1937, p. 62).

Assim como Pestalozzi, a educadora procurou unir elementos que favorecessem o ensino da criança e os sentidos era um dos componentes importantes para chegar ao objetivo proposto, de fazer com que os alunos aprendam de forma suave, levando tais os conteúdos apreendidos para a vida prática em formação. “O homem não é puro espírito. Nenhum conhecimento do mundo exterior chega à sua inteligência sem que se tenha passado pelos sentidos”. (GOMES, 1937, p. 62). O que podemos supor que o método mútuo foi substituído pelo método intuitivo por considerar os elementos de

aprendizagem da criança o que o ensino mútuo não priorizou. Como afirma Faria Filho (2010, p. 143):

Essa etapa da observação minuciosa e organizada é condição para a progressiva passagem, pelos alunos, de um conhecimento sensível para uma elaboração mental superior, reflexiva, dos conhecimentos. Tal etapa inicia-se pelas “lições das coisas”, momento em que o professor deve criar as condições para que os alunos possam ver, sentir, observar os objetos. Podia-se realizar tal procedimento utilizando-se dos objetos escolares um dos objetos levados para escola (caneta, carteira, mesa, pedras, madeiras, tecidos...), ou realizando visitas excursões à circunvizinhança da escola, ou, ainda, possibilitando aos alunos o acesso a gravuras diversas, que tanto poderiam estar nos próprios livros, de “lições de coisas” ou de outros conteúdos, ou em cartazes especialmente produzidos para o trabalho com o método.

Os recursos utilizados pelo método intuitivo ou objetivo, seriam, no entanto, ilimitados, podendo recorrer a visitas a lugares fora do espaço escolar, de livros, cartazes, gravuras e de outros objetos que chegassem o conhecimento das coisas.

Seguindo em direção de Pestalozzi e de Froebel, os modernos são máxima importância ao conhecimento das cores, dos sons, das sensações do tacto, do movimento. Em summa, aos elementos da intuição reúnem as qualidades sensitivas, considerando os elementos activos da intuição superiores à apercepção e à vontade. (GOMES, 1937, p. 63).

Vemos assim, que as mudanças nos paradigmas da instrução pública desencadeadas, em particular, na década de 1930, fizeram com que Argentina Pereira Gomes demonstrasse outra preocupação, além do processo ensino-aprendizagem das crianças, de como estava sendo levada a disciplina de língua portuguesa nas escolas. Criticava a forma aligeirada dos conteúdos educacionais, para ela, algo que não se aprendia e nem se dominava com a rapidez desejada.

Um alumno de inteligência regular facilmente aprende a exemplos de substantivos, parece até distinguir o abstracto do concreto, faz toda aquella classificação. Levando o mestre a supor que este ponto está preparado e que, por conseguinte, deve passar a outro. Mande o professor que esse tal menino sublinhe num ditado de quinze linhas todos os nomes que encontrar e, posso assegurar, o resultado o deixará boquiaberto, taes e tantos os erros perpetrados. E que a creança não pode aprender tudo de um jacto. Só lentamente, á força de vários

exercícios e racapitulações poderá ella assimilar o aprendido e enraizar no cérebro o ensinamento do professor. (GOMES, 1932, p. 6).

Podemos dizer também, que as reformas educacionais contribuíram para pensar em uma nova de instrução pública, uma forma de melhorar a educação, mas, certamente, trouxe como inevitável, um processo de aceleração de uma gama de conhecimentos novos introduzidos, o que provavelmente acarretou prejuízos na qualidade de ensino da época. “Outro ponto que a nosso ver ocasiona grandes dificuldades para o estudo do português é a multiplicidade de materiais do curso primário que obriga o professor a correr pelos programas esquecendo-se, os menos práticos, de demorar nos essenciais”. (GOMES, 1932, p. 6). Com a equiparação do Liceu Paraibano, observamos a grande quantidade de disciplinas ministradas durante o curso ginásial, somando-se 20 disciplinas, o que compreenderia o aceleração dos conteúdos, mas não justificaria nos discursos ao buscar qualidade e melhores condições de ensino. Como afirma Melo (1996, p. 73):

A Equiparação do Liceu Paraibano – Os Decretos números 68, de 28 de dezembro de 1895, e 79, de 8 de Junho de 1896, reformaram o Liceu que passou a ter um curso de 7 anos, com as seguintes disciplinas:

- 1º. Matemática;
- 2º. Astronomia;
- 3º. Física;
- 4º. Química;
- 5º. História Natural;
- 6º. Biologia;
- 7º. Sociologia Moral;
- 8º. Geografia;
- 9º. História Universal;
- 10º. História do Brasil;
- 11º. Português;
- 12º. Francês;
- 13º. Inglês;
- 14º. Alemão;
- 15º. Latim;
- 16º. Grego;
- 17º. Literatura Nacional;
- 18º. Desenho;
- 19º. Música;
- 20º. Ginástica – evolução militares e esgrima.

A Escola Nova no processo de renovação começa a criticar a educação tradicional e a falta de preparação dos professores, principalmente, por compreender que ainda não existiam bases sólidas para os problemas e os fenômenos da educação, o que tentou relacioná-los aos fundamentos científicos dos estudos sociológicos, definindo a posição da escola em face da vida, na perspectiva de formação de uma consciência mais nítida da sua função social e da estreiteza relativa de seu círculo de ação. De acordo com relatório (1935, p.11) apresentado em 1935, ao interventor Argemiro de Figueiredo, sobre a instrução pública:

Com a escola nova, com os métodos de socialização do ensino, com a feição prática dominante na moderna pedagogia, a aprendizagem normal não comporta mais o modo empírico em que é presentemente baseado em a nossa Escola Normal Oficial...

O governo, que tem em vista uma completa reforma na Instrução, estou certo, também olhará com particular interesse para esse ramo do ensino público.

Urge a sua transformação em novos moldes, dando-se-lhe uma feição prática que se avizinha melhor da vida como ela é realmente vivida.

O que o movimento de renovação educacional questionou foi o fato de que muitos pesquisadores incorporaram os conhecimentos empíricos aos problemas da educação, sendo que, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, trouxe essa nova problemática, visando uma construção de fundamentos sociológicos e filosóficos destinados à educação.

Onde se tem de procurar a causa principal desse estado antes de inorganização do que de desorganização do aparelho escolar, é na falta, em quase todos os planos e iniciativas, da determinação dos fins da educação (aspectos filosóficos e social) e da aplicação (aspectos técnicos) dos métodos científicos, na resolução dos problemas da administração escolar. Esse empirismo grosseiro, que tem presidido ao estudo dos problemas pedagógicos, postos e discutidos numa atmosfera de horizontes estreitos, tem as suas origens na ausência total de uma cultura universitária e na formação meramente literária de nossa cultura. (MANIFESTO, 1932, p. 1).

A postura de Argentina Pereira Gomes nos faz relacioná-la ao movimento da Escola Nova e também revisitar a educação, entendendo como esse processo foi sendo estruturado na Paraíba nos moldes dessa agitação renovadora. Em relação à estrutura física da escola, o modelo clássico das salas de aulas eram carteiras enfileiradas, uma

atrás da outra e a mesa do professor à frente das carteiras para que pudessem vê-lo como uma figura suprema do espaço escolar. A essa regra Argentina Pereira Gomes se submeteu, mas, soube administrar seu espaço para que os alunos tivessem a liberdade de se aproximar, pois, utilizava desse ambiente não como intimidação, mas, como um local onde os alunos pudessem conversar com o professor. Mesmo assim, não modificou a estrutura de organização em sala de aula.

Ela era muito disciplinada, a aula dela ela ficava muito sentada ao birô, pouco me lembro dela em pé. Ela ficava muito sentada, um estilo pouco conferência, não era conferência, era como se fosse o que a gente diria hoje na igreja de homilia, uma conversa, ela ficava ali ao birô, mais como em conversa e a gente ficava de cá ouvindo, perguntando o que quisesse e ela muito tranquilamente não se espantava de nada, nunca se espantou de nenhum erro. Seguiu bem aquela expressão de São Paulo *“Não pasme nem te espante”*, era isso com Dona Argentina, muito discreta, por nada ela se espantava, sublinhava ali o erro, discreta, reservada, respeitadora, era uma pessoa admirável. (Linalda de Arruda Mello, em 07/05/2009).

Em relação aos castigos físicos aplicados no século XVIII e perpetuados ainda no século XIX, percebemos através das primeiras entrevistas realizadas em 2009 com o seu sobrinho-neto João Pereira Gomes Filho e dos seus sobrinhos de primeiro grau Maria Martha Dieckman e José Hermano Dantas Gomes, que Argentina Pereira Gomes não teria sido adepta a palmatória, sendo que o primeiro, apesar de não ter convivido com sua tia diretamente afirmou em entrevista que a educadora Argentina Pereira Gomes fazia uso dos castigos físicos, a exemplo da palmatória. Esta afirmativa causou espanto aos outros familiares entrevistados que, peremptoriamente, afirmaram desconhecer essa condição punitiva na história das práticas pedagógicas da referida educadora.

Como sabemos, o uso da palmatória era um instrumento muito utilizado como uma ferramenta de punição para castigar os alunos indisciplinados, feito de madeira e formado por um círculo e uma haste. E de acordo com Galvão (1998, p. 199), “na Paraíba, o uso da palmatória foi aconselhado como meio de aprendizagem pela primeira vez, oficialmente em 1837, em decreto da Assembleia Legislativa [...]”.

No Brasil o uso deste instrumento, há muitos anos esse método é considerado um crime, bem como qualquer outro tipo de castigo físico inflingido a estudantes. Apesar de já ser repudiado desde as primeiras décadas do século XX, somente a partir

do Estatuto da Criança e do Adolescente Lei Nº 8069, de 13 de Julho de 1990, Art. 5º, esta condição tornou-se mais explícita: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

Argentina Pereira Gomes, por mais que a época permitisse e aprovasse o uso regular da palmatória ou outros tipos de castigos físicos, jamais foi adepta desse método de punição, segundo ex-alunos a postura da educadora não condizia com essa prática conservadora:

Era muito boa! Ela era assim, muito acolhedora! Era muito de ouvir, ouvia mais do que falava, muito respeitadora! Dava as direções aos alunos nas redações, nunca ouvi nenhuma vez dona Argentina ter censurado nenhum conteúdo de redação, ela respeitava, achava tudo bem! Às vezes ela chamava e perguntava assim: Foi verdade ou é ficção? Aí se a gente dissesse assim que era ficção: Porque, não pode não? Aí ela dizia: Tá bom! [...] Os quatros anos que estudei com ela não houve nenhum caso de alunos que ela precisasse chamar a atenção de ninguém, nem esperar silêncio de ninguém, só a presença dela, e ninguém tinha medo dela. Sabe como criança que fica ouvindo a avó contar histórias e ficam os meninos assim bem atentos, que nem se mexe? Assim ficava a gente bem atento a dona Argentina! (Linalda de Arruda Melo, entrevista concedida em 07/05/2009).

De uma bondade extrema. Nenhum aluno desmerecia. Todos eram iguais. De forma que ela era muito querida. Todos os alunos gostavam dela. Muito justa. Ela era muito bondosa. Eu digo por mim mesma que eu era muito severa. Considerei-me muito severa quando ensinava, mas eu tenho a grata satisfação de encontrar minhas ex-alunas e dizerem que só aprenderam porque eu era muito severa. O negócio é ser severa e justa. (Analice de Miranda Peregrino, entrevista concedida em 23/03/2012).

Argentina Pereira Gomes tinha relação muito próxima e afetiva com seus sobrinhos entrevistados, no entanto, por ter lecionado em algumas instituições de ensino as quais os mesmos foram alunos, a vigilância tornava-se mais objetiva e presente, acompanhando e corrigindo possíveis indisciplinas cometidas. Sobre esse aspecto, a sobrinha entrevistada, Maria Martha Dieckman, nos relata uma de suas artimanhas como criança e o medo de ser punida pela escola e, principalmente, por sua tia:

Um dia eu preguei o manto da irmã, fizeram uma aposta que eu não fazia isso, as minhas colegas, eu disse: eu faço! Prender com alfinete no recreio o manto da irmã com o manto da mini-interna, eu me lembro, se chamava Nereida e era muito amiga da irmã e a gente tinha raiva, porque as duas ficavam conversando no recreio juntas, passeando, aí eu fui por trás e preguei. Quando tocou o sinal do recreio para separar [...] quem foi, quem não foi, ninguém aparecia, eu também não aparecia! Então chegaram à classe: vai ser a classe todinha de castigo! E todas olhando uma para as outras. Eu disse: irmã não coloca a classe todinha de castigo não, fui eu! Apostaram viu irmã, e eu ganhei a aposta! Aí ela disse: vamos para o gabinete da supervisora, aí eu tive que me ajoelhar, né?! Era o gabinete da supervisora e a superiora ia chamar o Padre Almeida e Argentina, eu estava lascada para o resto da vida! (Maria Marta Dieckman, entrevista concedida em 20/03/2012).

Os castigos que eram dados aos seus sobrinhos não eram castigos físicos. Se cometessem algo que não era considerado aos olhos de seus tios adequados, ficava sem ir à praça, local de encontro da época tido como lazer, ou sem brincar com os colegas no final de semana. Por estudarem durante a semana, cerceamento ao mundo público era o pior castigo que podiam receber na infância e na adolescência: deixar de vivenciar o mundo da rua, das brincadeiras:

[...] eu estava na casa de meu tio Padre, porque eu morava nessa época com meu tio padre e no domingo às vezes a gente podia sair para a praça João Pessoa passear, brincar na lagoa e eu não ia, porque estava de castigo. Eu passava a semana toda estudando no final de semana queria brincar. Era esse o castigo, nunca apanhei! (Maria Martha Dieckman, entrevista concedida em 20/03/2012).

Em outra fonte impressa da Revista Ensino de 1937, traz outro artigo escrito por Argentina Pereira Gomes, com o título “Principios básicos do Methodo didactivo” e que coloca em evidência metodologias para serem aplicadas embasadas na linha de educação, na direção que contribuiu para pensar na criança, como Herbart, Froebel, Pestalozzi. São esses fundamentos que também serviram de base de sustentação ao método didático descrito por esta educadora.

Pestalozzi considerado, em geral, como iniciador da Nova Methodologia, distinguiu-se, principalmente, pela revolução que operou nos domínios da Pedagogia e por seu devotamento à causa da educação. Nenhum educador compreendeu tão profundamente a sensibilidade infantil nem ha pregado com mais ardor as necessidades

da educação. Por isto é Froebel Chamado, com toda justiça, o Apostolo da primeira infancia. Herbart atribuiu grande valor aos processos aperceptivos da intuição. Com elle a Pedagogia adquire uma base scientifica. (GOMES, 1937, p.62).

Assim, resumiu as formas de ensino em: preparação, apresentação, associação, recapitulação e aplicação. Portanto, para que o aluno pudesse aprender era preciso que os preparasse para receber os conteúdos, apresentação para posterior associá-lo, recapitular o que foi exposto como forma de fixar e, por fim, aplicar. Para compreender melhor essas formas de ensino mostraremos a seguir um quadro em que Argentina Pereira Gomes descreve passo a passo cada uma delas:

Preparação	O fim deste primeiro passo é preparar a mente do alumno para a apresentação da matéria. O professor procura recordar as ideias já conhecidas que se relaciona com o assumpto da nova lição, evocando as semelhanças, os contrastes, etc.
Apresentação	O segundo passo tem por objetivo expor a verdade de que se trata, analysar e discutir o assumpto que é apresentado. É muito variável. Depende tanto da idade e desenvolvimento mental dos alunos como da materia ensinada.
Associação	Chega o ponto em que se deve reunir e comparar as ideias novas com as preadquiridas, combinando todo o conhecimento novo com o antigo, e estabelecendo o maior número possível de associações.
Recapitulação	Neste quarto passo vamos descobrir o que há de abstracto nas cousas mais importantes da matéria estudada, relacionando tudo como os conhecimentos anteriores assimilados. Muito ajudam as perguntas habilmente dirigidas pelo mestre.
Aplicação	Este quinto e ultimo passo formal tem por objetivo a adaptação dos conhecimentos à vida pratica, por meio de uma série de exercícios em tórno da matéria estudada.

Este método não é uma forma pronta e absoluta, tratava-se apenas de uma orientação e uma direção ao trabalho escolar, sem prejuízo às outras possibilidades de orientação didática.

Na Escola Nova, um dos pontos-chaves era relacionar o ensino geral para poder entender as especificidades de cada região, de cada cultura. E para entender partes de um processo era necessário conhecer realidade que a envolvia em suas circunstâncias históricas. Assim,

Para as crianças que se encontram na fase fantástica ou sensitiva o melhor processo de aprendizagem é o ensino global, pois nessa primeira fase os meninos percebem o todo, as generalidades. As qualidades especiais das coisas e os processos parciais são conhecidos de modo muito deficiente. Desta maneira entra justificação a doutrina da Escola Nova no que respeita à metodologia do ensino, nesta primeira fase da vida escolar”.(GOMES, 1937, p. 66).

Na teoria construtivista, para que o aprendizado fosse consolidado, era fundamental a utilização dos três sentidos do ser humano: o tato, a audição e a visão. Na prática de ensino utilizada por Argentina Pereira Gomes, havia um empenho em fugir da educação de ótica bancarista e mecânica, sem apego excessivo nas aulas à visão e a audição nos processos de aprendizagem, por isso, o método intuitivo ganhou força, haja vista considerar todos esses fatores para um bom desenvolvimento integral da criança.

É claro que a aprendizagem não pode seguir outro caminho, pois todos os nossos conhecimentos são alcançados pelos sentidos. Sem ver, apalpar, cheirar, a criança não aprende. (GOMES, 1937, p. 62).

Nesta perspectiva de entender os métodos apropriados para a aprendizagem do aluno, a educadora Argentina Pereira Gomes relacionava-se, certamente, a doutrina da Escola Nova, por tentar compreender a fase evolutiva da criança no ambiente escolar. “Desta maneira encontra justificação a doutrina da Escola Nova no que respeita à metodologia do ensino, nesta primeira fase da vida escolar”. (GOMES, 1937, p. 66).

Por essa compreensão, podemos dizer que a Escola Nova se preocupou com a educação infantil procurando bases também na teoria de Froebel ao pensar o Jardim da Infância, cujo objetivo era:

Enquanto ser único, a criança deve desenvolver-se conforme seu próprio ritmo. Enquanto realidade distinta, a personalidade da criança possui muitas dimensões. Estas devem ser orientadas através do processo educativo de tal maneira que cresçam para formar um todo harmonioso. Enquanto universal, a criança deve ser levada à

consciência da sua identidade com todo universo. Portanto, o processo educativo deve levar também um desabrochar da essência divina no homem. (GILES, 1987, p. 202)

Portanto, Argentina Pereira Gomes em sua trajetória didática de ensino procurou levar em consideração o desenvolvimento da criança, algo que foi auxiliado e incentivado pelo movimento da Escola Nova na época. Assim, dedicou a vida ao projeto de qualificação e aprimoramento modernizador da educação, em especial, na forma de lecionar. A exemplo de muitos outros profissionais da educação do país, fundamentou conhecimentos sobre os nascentes métodos renovadores, colaborando em sua realidade, com as ideias “revolucionárias” preconizadas à época pelos pioneiros.

Por fim, podemos afirmar com base nas fontes perscrutadas, que Argentina Pereira Gomes fundamentou suas preocupações com os conhecimentos de base social e psicológica da Educação. Investindo assim, na concepção que para ser um bom professor, o mesmo não poderia prescindir dos processos que envolviam o cognitivo da criança e as múltiplas formas de assimilação dos seus conhecimentos, aliando-se as ideias renovadoras que se disseminavam no Brasil da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Argentina Pereira Gomes foi uma educadora que se dedicou quarenta anos à educação paraibana e, apesar de não ter nascido no estado, dedicou sua vida ao magistério e a religião, contribuindo com a formação de diversas gerações paraibanas, dos sobrinhos, cuja responsabilidade familiar era condição primária, aos demais alunos que vivenciaram suas experiências pedagógicas nas instituições escolares da época. Em artigo publicado por Albuquerque (1962, p.6): “Em vida Argentina Pereira Gomes, como educadora, nunca renunciou uma impecável linha moral e constante dedicação pelo Magistério”.

É lamentável que, nas instituições escolares em que Argentina Pereira Gomes atuou, tais como, o Liceu Paraibano, a Escola Nossa Senhora das Neves e o Grupo Escolar Epitácio Pessoa, não existam arquivos que preservem às suas memórias, seus legados, algo que só foi possível nesta pesquisa através das lembranças de ex-alunos, amigos e familiares, além de escassos documentos oficiais e não oficiais levantados.

Assim, neste estudo foi possível verificar o contexto educacional em que a educadora estava inserida, desde sua formação à construção de sua carreira profissional. Vale salientar que no momento em que assumiu o cargo de professora primária, em 1916, na cidade de Borborema-PB, ainda eram poucas as mulheres que tinha acesso e privilégio de exercer uma profissão docente. Como nos informa Machado (2006), nessa época, mulheres começaram a ganhar espaço no mercado de trabalho, através da educação, rompendo os limites impostos por uma sociedade patriarcal.

Nesse sentido, nas décadas seguintes, as mulheres passaram a reivindicar com mais veemência o acesso à educação e a participação na cidadania política. Por sua vez, Argentina Pereira Gomes, ao contrário de outras educadoras da sua época, não se envolveu ativamente com os nascentes movimentos feministas, tendo se dedicado, exclusivamente aos projetos da Igreja Católica e, posteriormente, dos movimentos da Ação Católica.

Na condição de docente dedicada ao magistério, procurou compreender com profundidade os processos educativos, na perspectiva de aprimorar, particularmente, a metodologia de ensino. Sensível aos ventos da renovação da educação da sua época, publicou na Revista de Ensino, nos anos de 1932 e 1937, questões relacionadas às novas abordagens sobre o desenvolvimento infantil, destacando a urgente necessidade de

aperfeiçoamento e qualificação do professor, em face das exigências que se anunciavam no cenário da educação do Brasil.

Antenada com o debate educacional do seu tempo, procurou embasamentos teóricos em pensadores da educação, tais como: Pestalozzi, Froebel, Herbart e outros, sempre com a perspectiva de melhor conhecer e pôr em prática instrumentos pedagógicos voltados às fases da evolução cognitiva da criança.

Dessa forma, podemos afirmar que o Movimento dos Pioneiros da Educação Nova, influenciou, significativamente, em sua prática educacional, pois, através dele foi estimulada a conhecer e aplicar novos métodos de ensino, na construção do saber dialógico e criativo, como preconizava Freire (1996). Pare este autor, ensinar não é transferir conhecimento, mas, criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.

Em 1962, Argentina Pereira Gomes, com idade avançada, se afasta das atividades, vitimada por um nefasto câncer de vesícula, interrompendo assim, uma carreira de atuação e dedicação ao magistério de quarenta anos. Sobre essa questão, afirma Analice de Miranda Peregrino: “Ela chegou de viagem [...] com crise de vesícula e fomos ao hospital Santa Isabel. Ela morreu em casa! [...] um CA de Vesícula! Ela se operou no outro dia, se eu não me engano, no dia 03 de Abril e morreu no dia 10 de abril” (Analice de Miranda Peregrino, entrevista realizada em 14/05/2009).

A morte de Argentina Pereira Gomes teve destaque em notas de homenagens no Jornal A União (1962, p. 6): “Via-se, na nobre mestra que ontem desapareceu, da existência terrena, um coração terno, afastados das mesquinharias dos dias atuais, onde a pureza de atitudes constituía expressivo exemplo às gerações que se aproximaram da professora [...]”.

Em Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em 2009, intitulado: “Da Memória À História: Argentina Pereira Gomes e as suas contribuições à educação paraibana”, tive a oportunidade de contribuir, preliminarmente, com a organização dessa memória, fundamental à história da educação da Paraíba. Após a conclusão do referido trabalho, doei ao “arquivo” da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Argentina Pereira Gomes, um exemplar do estudo realizado como forma de revivar o legado da educadora, na citada comunidade escolar da capital. Ainda como consequência desta pesquisa, foi escrito pela jornalista Lindjane Pereira, do Jornal O Norte, no dia 1 de Janeiro de 2012, um artigo intitulado: “Dedicação à arte de Ensinar” (ver Anexo J),

destacando a atuação e legado de Argentina Pereira Gomes, utilizando-se deste trabalho monográfico como referência, pois até o momento da publicação não havia nenhum documento organizado sobre Argentina Pereira Gomes. Portanto, com este trabalho dissertativo, tenho a plena consciência de ter aprofundado e contribuindo com a visibilidade do legado educacional de Argentina Pereira Gomes, relacionando-a aos desafios educacionais do seu tempo. E, apesar das dificuldades de localização de fontes, sou forçada a afirmar que as pesquisas historiográficas estão sempre em construção e, ainda há muito a ser investigado sobre a memória dessa educadora, seguindo pistas, rastros, vestígios.

Por fim, concluo com a citação da entrevista da ex-aluna Linalda de Arruda Melo concedida em 07/05/2009, que expressa sentimento de gratidão e reconhecimento à Argentina Pereira Gomes:

Cada pessoa deve ser autêntica, ela viveu a autenticidade dela, nenhum professor era do jeito dela, nem no jeito de ensinar, nem do jeito de conviver na sala de aula[...]! Ela não seguia padrão, ela era seu próprio padrão, não se importava de ser diferente, nem sei se ela entendia que era diferente, se ela percebia que era diferente!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, C.C. **A educação da mulher**: a feminização do magistério. Teoria & Educação, 4: 22-40, 1991.

AVELAR, Alexandre de Sá. **A retomada da biografia histórica**: problemas e perspectivas. In: Oralidades: Revista de Historia Oral. São Paulo: NENHO, 2007.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

AZEVEDO, Fernando de. et al. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: A Reconstrução Educacional no Brasil – ao Povo e ao Governo**. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>. Acessado em 31 de maio de 2011. (Original publicado em 1932).

BARMAN, Roderick, J. **Princesa Isabel do Brasil**: gênero e poder no século XIX. São Paulo: UNESP, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales** (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. 2 ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CASTANHO, Sérgio. Institucionalização das Instituições Escolares: Final do Império e Primeira República no Brasil. LOMBARDI, José Claudinei, et al.(orgs). **Instituições**

escolares no Brasil: conceito e reconstruções históricas. Campinas: Autores Associados, 2007.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. In: **Estudos históricos**, n. 3, vol. 7. Rio de Janeiro, 1994, pp. 97-113.

CUNHA, Jorge Luis da; MONTAGNER, Rosangela. História oral: uma metodologia para a história da educação. In: **IV Congresso Iberoamericano de História de La Educación Latinoamericano**. Santa Catarina: UFSC, 2003.

CUNHA, Marcus Vinicius. Estado e Escola Nova na História da Educação Brasileira. In: Dermeval Saviani, org. **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira**. Vitória: EDUFES, 2010. p. 251 – 280.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta:** vida e obra. Natal: UFRN, 1995.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução Elementar no Século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil** (orgs). 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 135-150.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antonio & FINGER, Matheus (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Pentaendro Publicidade e Artes Gráficas, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INÁCIO FILHO, Geraldo; SILVA, Maria Aparecida. Reformas educacionais durante a primeira República no Brasil (1889-1930). In: Dermeval Saviani, org. **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira**. Vitória: EDUFES, 2010. p. 219 – 250.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Amansando meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rego (1890 – 1920)**. João Pessoa: ed. Universitária, UFPB, 1998.

GILES, Thomas Ransom. **História da educação**. Tradução de Roberto Leal. São Paulo: EPU, 1987.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOODSON, I. **Dar a voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional**. In: NÓVOA, Antonio (Org.). Vida de professores. Lisboa: Porto Editora, 1995.

HOLANDA. Fabiola. MEIHY, José Carlos Sebe B. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: contexto, 2007.

J. JUNIOR, Pe. Hilário Dick S. **O caminho se faz: história da Pastoral da Juventude do Brasil**. Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude, 1999.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 3 ed. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. 3 ed. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. 3 ed. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura (1887-1945)**. São Paulo: Editora Ática, 1984.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Rosângela Chrystina Fontes de. 2010. 232f. **Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello e a Cidade: espaços de difusão dos ideais modernos (1916-1935)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba – Programa de Pós-Graduação em Educação. João Pessoa. Brasil.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero e magistério: identidade, história, representação**. São Paulo: Escrituras Editoras, 1997.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Mulher e educação: história, práticas e representações**. João Pessoa: Editora UFPB, 2005.

_____. **Zila Mamede: trajetórias literárias e educativas**. Campina Grande: Editora EDUEPB, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MELLO, José Baptista de. **Evolução do ensino na Paraíba**. João Pessoa: SEC, 1996.

MEMÓRIA João Pessoa. Disponível em:
<http://www.memoriajoaopessoa.com/acervo/acervo_g/34_grupo_escolar_epitacio_pessoa/grupo_escolar_epitacio_pessoa.pdf> Acesso em: 05 de jul.2011.

NÓVOA, Antonio (org). **Vida de professores**. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Lisboa: Porto Editora, 1995.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPED**, n.º 5, set. 1993.

PASSOS, Lídia M. V. Gênero, Mulher e Mulheres: aprimorando ferramentas e retomando narrativas em outro tempo.... In: FERREIRA, Celso. BEZERRA, Holien

Gonçalves. LUCA, Tênia Regina (Orgs). **O Historiador do seu tempo: encontros com a história**. São Paulo: UNESCO: ANPUH, 2008.p. 189-201.

PERROT, Michelle. **Mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, S. P.: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Um roteiro histórico educacional na cidade de João Pessoa (em textos e imagens)**. João Pessoa: UFPB, 2008.

_____. **As novas abordagens no campo da história da educação brasileira**. XAVIER, Libânea. TAMBARA, Elomar. PINHEIRO, Antonio Carlos (org). **História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI**. Vitória: EDUFES, 2011, v. 5.

_____. A era das Escolas Rurais Primárias na Paraíba (1935 a 1960). In: MACHADO, Charliton José dos Santos. SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Pesquisa historiográfica da educação brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 133-159.

_____. **Um roteiro histórico educacional na cidade de João Pessoa (em texto e imagens)**. João Pessoa: UFPB, 2008.

RODRIGUES, Walfredo. Memória João Pessoa. **Grupo Escolar Epitácio Pessoa**. Disponível em http://www.memoriajoaopessoa.com/acervo/acervo_g/34_grupo_escolar_epitacio_pessoa/grupo_escolar_epitacio_pessoa.pdf. Acesso em 16 nov. 2011a.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spínola Silveira. **História e documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira**. Vitória: EDUFES, 2011.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Silvio Romero: hermeneuta do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história Oral**. Tradução de Lólio Lourenço. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VENANCIO FILHO, Alberto. **O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova 1932**. Rio de Janeiro: [s.n], 1989.

VIANA FILHO, Luís. **Anízio Teixeira: a polêmica da educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

YAMAZAKI, Sérgio Choiti. **Teoria de aprendizagem significativa de David Ausubel**. Disponível em:
http://fisica.uems.br/profsergiochoitiyamazaki/2008/texto_1_referenciais_teoricos_ausubel.pdf. Acesso em 5 de janeiro de 2012.

FONTES DOCUMENTAIS IMPRESSAS E MANUSCRITAS

Periódicos

Jornal A União, ano XXVII, Parahyba, 1919;

Jornal A União, ano XXXIX, Paraíba, 1931;

Jornal A União, ano XL, Parahyba, 1932;

Jornal A União, 11 de Abril de 1962, p.6.

Jornal A União, 11 de Abril de 1962, p. 3.

Relatórios

PARAHYBA DO NORTE. **RELATORIO** apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Argemiro de Figueiredo, M. D. Governador do Estado, pelo Bel. José Marques da Silva Mariz, Secretário do Interior e Segurança Publica, 1935, P. 11.

Revistas

GOMES, Argentina Pereira Gomes. **Principios basicos do methodo didactivo**. Revista do Ensino: Orgam da Directoria do Ensino Primario. Anno 1, n. 1, p. 5-6, 1932.

GOMES, Argentina Pereira Gomes. **Língua materna**. Revista do Ensino: Orgam da Directoria do Ensino Primario. Anno V, n. 14, p. 61-67, 1937.

FONTES ORAIS

DIECKMAN, Maria Marta. **Maria Marta Dieckman**. Depoimento [02/06/2009]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2009.

DIECKMAN, Maria Marta. **Maria Marta Dieckman**. Depoimento [20/03/2012]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2012.

AGUIAR, Eleonora Dantas. **Eleonora Dantas Aguiar**. Depoimento [20/03/2012]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2012.

FILHO, João Pereira Gomes. **João Pereira Gomes Filho**. Depoimento [02/01/2009]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2009.

GOMES, Hermano José Dantas. **Hermano José Dantas Gomes**. Depoimento [02/06/2009]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2009.

GOMES, Hermano José Dantas. **Hermano José Dantas Gomes**. Depoimento [20/03/2011]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2012.

FILHO, João Pereira Gomes. **João Pereira Gomes Filho**. Depoimento [02/01/2009]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2009.

MELO, José Otávio de Arruda. **José Otávio de Arruda Melo**. Depoimento [19/09/2008]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2008.

MELO, Linalda de Arruda. **Linalda de Arruda Melo**. Depoimento [07/05/2009]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2009.

PEREGRINO, Analice de Miranda. **Analice de Miranda Peregrino**. Depoimento [02/06/2009]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2009.

PEREGRINO, Analice de Miranda. **Analice de Miranda Peregrino**. Depoimento [23/03/2012]. Entrevistadoras: Márcia Cristiane Ferreira Mendes e Viviane Freitas da Silva. João Pessoa: 2012.

ANEXOS

Anexo A: Dados bibliográficos sobre Argentina Pereira Gomes**Dados Bibliográficos da Professora Argentina Pereira Gomes**

Argentina Pereira Gomes, nasceu em Carpina – Pe, em 26 de Janeiro de 1894, filha de João Gregório Pereira Gomes e Carpitulina Pereira Gomes.

Iniciou-se sua vida em Carpina com 09 anos. Em João Pessoa – PB continuou seus estudos ingressando na Escola Norma Oficial do Estado. Em 1916 concluiu o Curso Normal, sendo logo após, nomeada professora primária com exercício em Borborema no município até 1919. No mesmo ano regressa à João Pessoa pra lecionar no grupo Escolar Epitácio Pessoa. Em 1930, participou do concurso público para professor de Português da Escola Normal, com extinção da Escola Normal, passou lecionar no Liceu Paraibano, onde, dedicou todos os esforços até seus últimos dias.

No âmbito educacional, desenvolveu intensas atividades, inclusive em sua residência, ministrando cursinhos para provas de seleção. Pertenceu também ao quadro docente do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora das Neves como professora de Português.

A professora Argentina Pereira Gomes não contraiu núpcias. Após toda uma vida de dedicação exclusiva ao magistério, Argentina Pereira Gomes faleceu em 10 de Abril de 1962.

Fonte: Dados cedidos pela professora Julieta, do Colégio Estadual Argentina Pereira Gomes.

Anexo B: Arquivo Público do Estado da Paraíba**GOVERNO DO ESTADO**

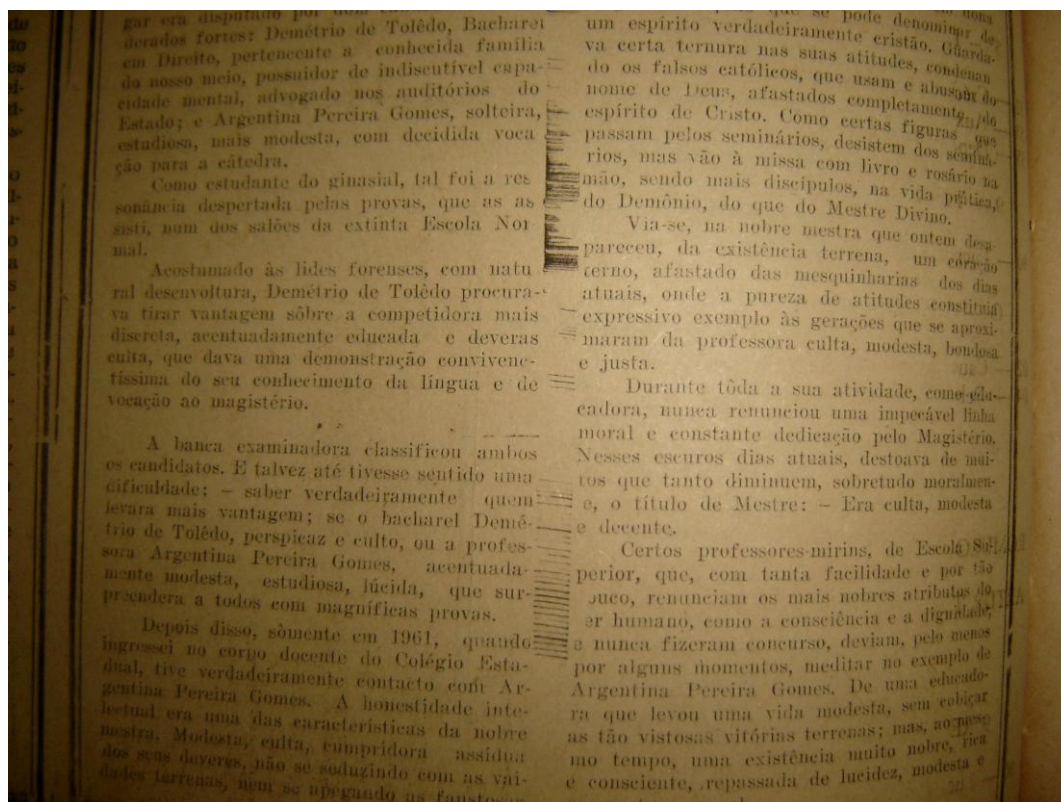
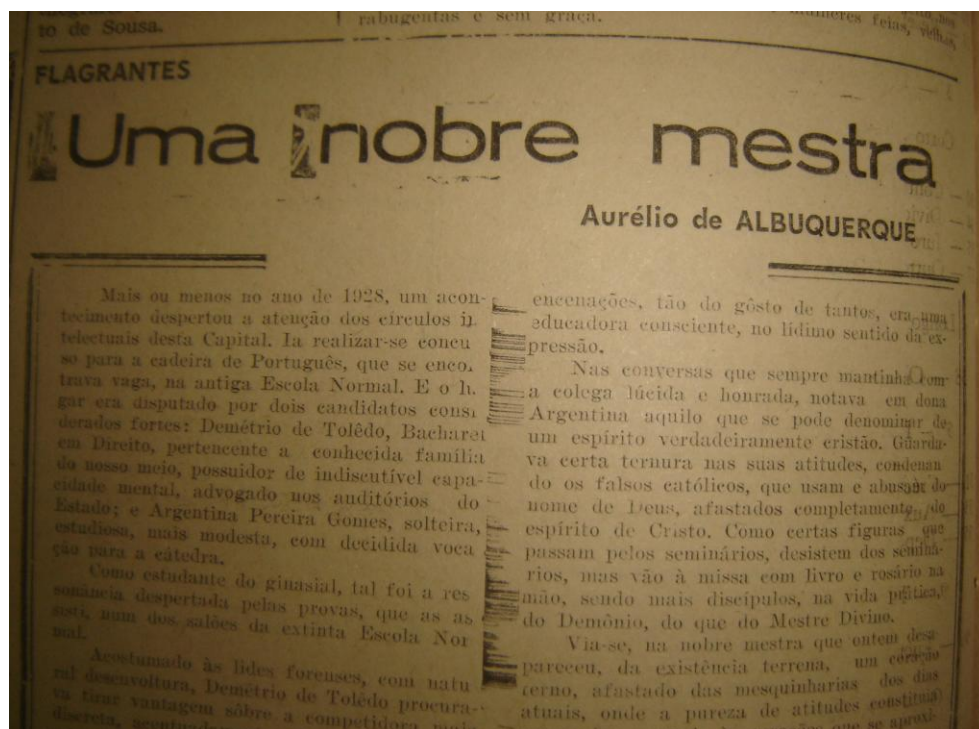
Nº55 Parahyba, em 28 de janeiro de 1916

O 1º Vice-Presidente do Estado, de acordo com o artº.25 da lei nº.412 de 9 de outubro de 1915, resolve nomear a professora normalista D. Argentina Pereira Gomes para reger a cadeira mixta do ensino primário de Borborema, devendo solicitar seu título na Secretaria de Estado.

Antonio da Silva Pessoa

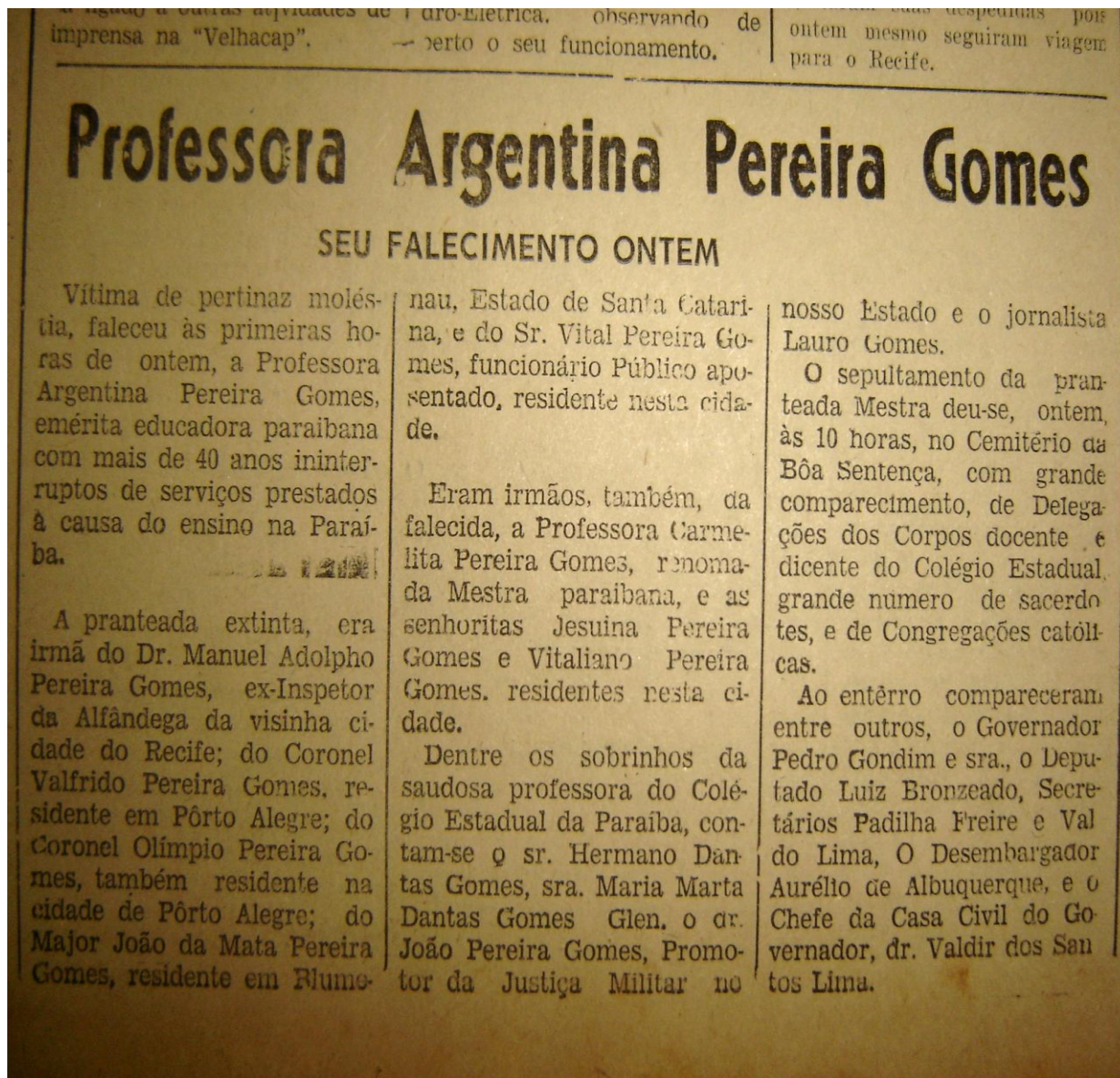
Fonte: Caixa 011 – Anos de 1915, 1916 e 1917. Arquivo Público do Estado da Paraíba. Fundação Espaço Cultural – FUNESC

Anexo C: Recorte do Jornal A união homenageando Argentina Pereira Gomes após sua morte.



Fonte: Jornal A união, 11 de Abril de 1962, p.6.

Anexo D: Recorte do Jornal A União noticiando o falecimento de Argentina Pereira Gomes. João Pessoa – PB, em 11/04/1962.

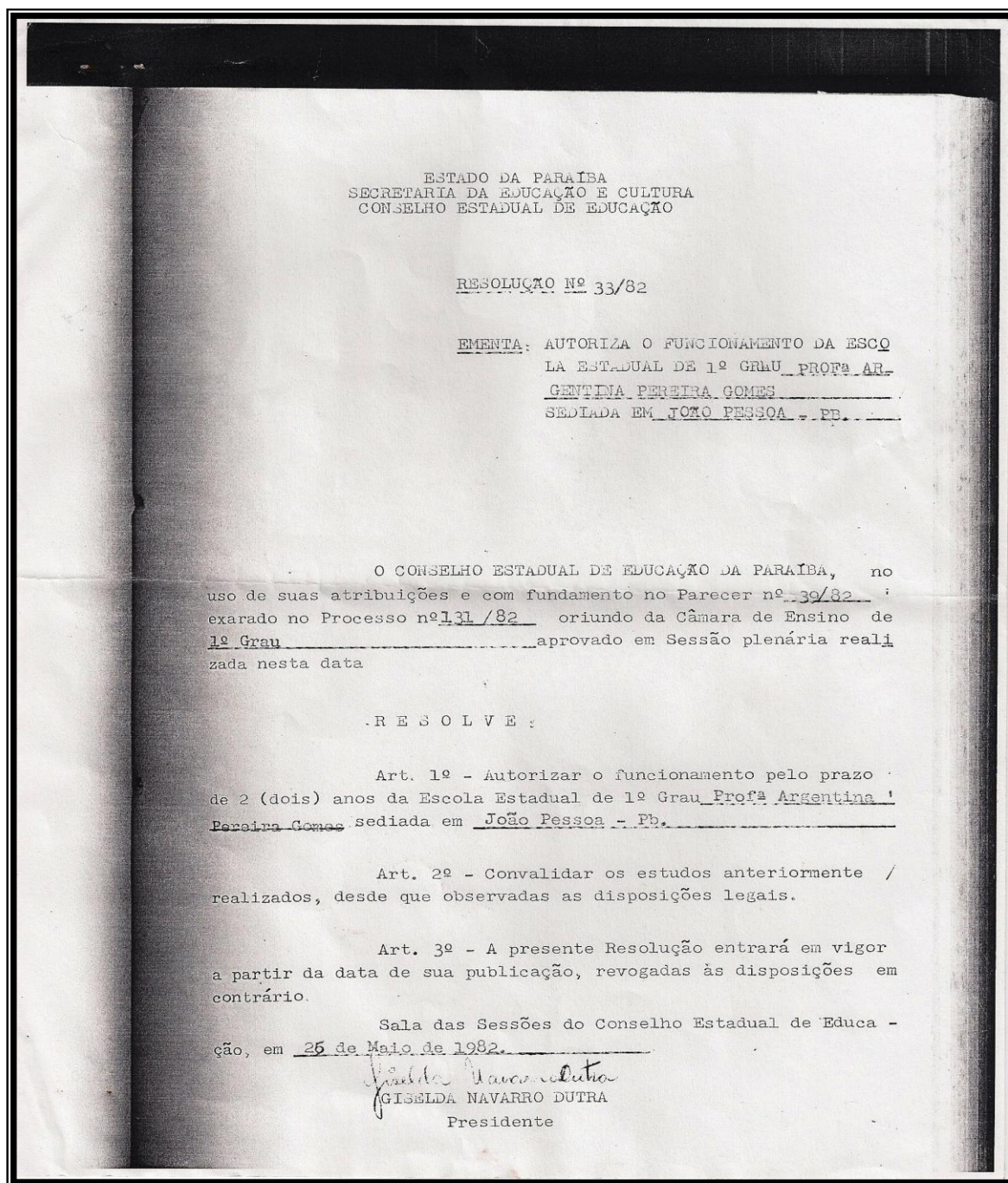


Fonte: Jornal A união, 11 de Abril de 1962, p. 3.

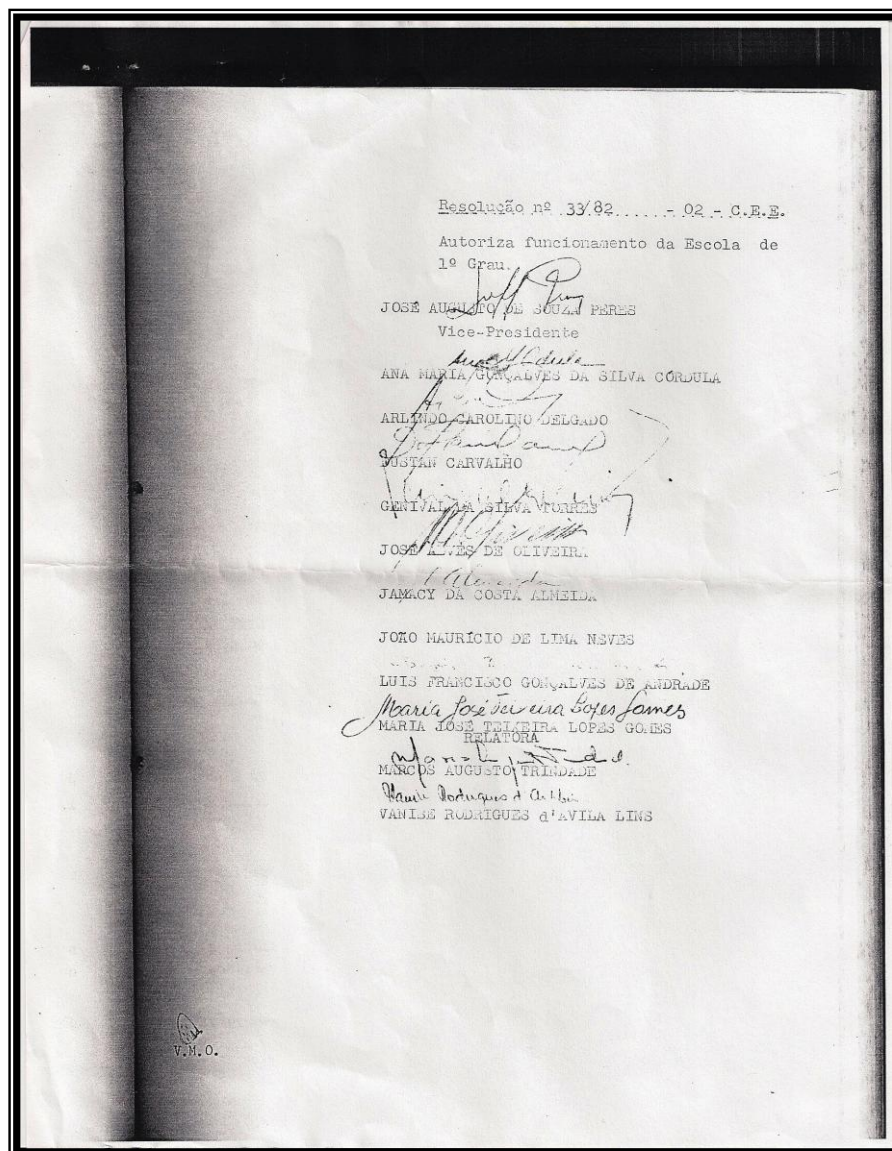
Anexo E: Quadro de funcionamento de escolas cedidas pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba

GRE	Município	Escola	UTB	Documento 1	Documento 2	MEC01
01	João Pessoa	EEEF Profa Adelia de França	1021	Decreto Nº 4907 de 23/02/1986	Decreto Nº 23133 de 28/06/2002	25094718
01	João Pessoa	EEEF Profa. Antonia R de Farias	1056	Decreto Nº 8964 de 13/03/1981		25095013
01	João Pessoa	EEEF Profa. Aracy Leite	1085	Decreto Nº 11054 de 08/11/1985		25095102
01	João Pessoa	EEEF Profa. Argentina Pereira Gomes	1003	Decreto Nº 3353 de 18/08/1977		25094041

Anexo F: Autorização de funcionamento da escola Estadual de Ensino Fundamental profa. Argentina Pereira Gomes.



Anexo G: Continuação da documentação do anexo F da Autorização de funcionamento da escola Estadual de Ensino Fundamental profa. Argentina Pereira Gomes.



Anexo H: Publicação de um artigo da professora Argentina Pereira Gomes na Revista do Ensino

Fonte: 1932, n. 1. P. 5-6

LINGUA MATERNA

O ensino da lingua vernacula, em nossas escolas primarias é, incontestavelmente, o ponto para onde deve convergir a atenção do professor e que exige de suas energias e de seu precioso tempo.

Não temos aqui a pretensão de versar a materia sob todos os seus aspectos. Nosso intento é, apenas, prestar um pequeno auxilio ao estudo da linguagem, valendo-nos para isso da experiencia de alguns annos de magisterio.

Assim apresentamos neste rapido esforço alguns pontos que podem ser tomados em consideração por aquelles que se dedicam à ingrata e sublime missão de ensinar.

ESTUDO PREMATURO DA GRAMMATICA

Muito importa ao professor saber por onde deve o alumno começar e a ordem natural a seguir na aquisição dos conhecimentos.

As primeiras lições da língua materna, na escola, devem ser ministradas por meio de palestras agradaveis e leves, onde o minimo seja levado a observar, formar phrases, descrever objetos usuaes, tirar conclusões, praticas, conversar, enfim.

Muito cuidado deve ter o mestre em não usar uma linguagem superior à compreensão do alumno para que este não tenha a ilusão de que é estrangeiro, quando estuda a sua língua materna.

Após algum tempo vêm os exercicios reiterados de composição, de phraseologia, pequenas historietas, leitura corrente e comentada, copias, dictados, etc... tudo o que possa desenvolver e enriquecer o espirito da creança, augmentar-lhe o vocabulario, retificar-lhe as ideas e ampliar-lhe os horizontes.

Seja o livro de leitura, como que, o eixo de todo o ensino.

Em derredor dele desenvolvam-se os conhecimentos das diversas matérias accomodadas á condição do educando.

Nem tenha o professor a preocupação de colocar a grammatica nas mãos do alumno, pois isto só lhe poderia trazer resultados desastrosos.

Sirvamo-nos da grammatica somente quando se tornar necessario disciplinar os factos adquiridos pela experiencia.

A PRESSA NO AVANÇO DOS PROGRAMMAS

Outro ponto que a nosso a ver acarreta grandes dificuldades para o estudo do português é a multiplicidade de materias do curso primario que obriga o professor a correr pelos programas esquecendo-se, os menos práticos, de demorar-se nos essenciaes.

Um alumno de intelligencia regular facilmente aprende a exemplos de substantivos, parece até distinguir o abstracto do concreto, faz toda aquella classificação. Levando o mestre a supor que este ponto está preparado e que, por conseguinte, deve passar a outro.

Mande o professor que esse tal menino sublinhe num dictado de quinze linhas todos os nomes que encontrar e, posso assegurar, o resultado o deixará boquiaberto, taes e tantos os erros perpetrados.’

O mesmo acontecerá quanto ao conhecimento dos qualificativos e, mais tarde, com a distinção das palavras invariaveis.

E que a creança não pode aprender tudo de um jacto. Só lentamente, á força de vários exercícos e racapitulações poderá ella assimilar o aprendido e enraizar no cérebro o ensinamento do professor.

VICIOS DE PROSODIA

Incumbe-nos, em grande parte, a responsabilidade dos vicios de prosódia de que em sua maioria são victimas os nossos estudantes.

A todo momento sentimos os nossos ouvidos revoltados com a aspereza de uns tantos sons que muito desagradam.

Ora é português, cóllegio, ora acredite, arcébispo, etc.

De modo que a nossa língua tão esbelta, tão bela, tão suave e tão dôce se apresenta “mais remendade que capa de pedinte”.

A’ syllaba uz são a pronuncia uz dão a pronuncia uiz e, analogamente, pronunciam az, ez, oz: perfaiz, feiz, arroiz.

O r e l finaes são engolidos. Assim dizem: amá, fazê, naturá, havendo também quem pronuncie natural, papéu, etc.

Isto para não falar em muitos outros erros que seria enfadonho enumerar.

O menino leva para a escola sua linguagem familiar viva, interessante, fecunda. Aproveitamol-a, cuidadosamente, para ponto de partida de todos os ulteriores conhecimentos, subindo, gradativamente, até o nível intelectual do adulto.

Evitemos sobretudo exigir da creança aquillo que é superior á sua intelligência atendendo que as grandes difficulades arrastam muitas vezes ao desanimo e á apathia.

Anexo I: Publicação de outro artigo da professora Argentina Pereira Gomes na Revista do Ensino

Fonte: Dezembro de 1937, Anno V, n. 14. P. 61-67

Principios basicos do Mothodo didactivo

Bem longe, estamos, felizmente, dos tempos em que a escola sufocava os interesses nativos da creança, logo na primeira phase de sua evolução.

O maravilhoso desenvolvimento que se operou em todos os sectores da vida scientifica, economica e social invadiu também o campo da educação e do ensino.

A escola, sofreu uma modificação profunda.

Ruiram as velhas praxes methodologicas com as idéas errôneas, a respeito do menino e a ignorância completa da orientação scientifica e psychologica.

Sob a influencia da época, á Pedagogia acentuou o caracter educativo do ensino, distanciando-nos imenso do verbalismo antigo.

Hoje, na escola domina a lei da espontaneidade.

A aprendizagem surge, institivamente, das atividades próprias do alumno, estabelecendo essa connexão íntima entre a experiência, os valores e os interesses da creança.

Pedagogos eminentes houve, sem duvida, nos tempos medievais e na Renascença. Entretanto, estes pioneiros da Pedagogia moderna tinham de acomodar os processos do ensino á rudeza do seculo em que viviam.

Victorino de Feltro, Luis Nives, Comenius e outros saudaram, de longe, o advento da Escola Nova.

Com o aparecimento de J. J. Rousseau é que a pedagogia começa a orientar-se para a observação do menino, para o estudo de sua natureza e de seus interesses.

Apezar de seu naturalismo pedagogico inçado de erros, teve o philosopho genebrino o grande mérito de attrahir a atenção de seus contemporaneos para a questão fundamental do ensino, para o problema de que todos os outros dependem.

Nos começos do seculo XIX, avulta a figura maxima de Pestalozzi, de quem diz Kerscheustainer que nelle sobresaie não tanto o desejo de formar individualidades intellectuais, mas a idéia de salvar a sociedade da ruina moral e elevar a classe dos desherdados, dos pobres abandonados a um puro conceito de humanidade.

Pestalozzi considerado, em geral, como iniciador da Nova Methodologia, distinguiu-se, principalmente, pela revolução que operou nos domínios da Pedagogia e por seu devotamento á causa da educação.

Froebel deu um passo além de seu predecessor.

Não compreendia intuição desligada da acção.

“O que o menino vê, ha de fazel-o também com as mãos” é a idea que ressalta do principio froebeliano.

Nenhum educador compreendeu tão profundamente a sensibilidade infantil nem ha pregado com mais ardor as necessidades da educação. Por isto é Froebel chamado, com toda justiça, o Apostolo da primeira infancia.

Herbart atribuiu grande valor aos processos aperceptivos da intuição. Com elle a Pedagogia adquire uma base scientifica.

Acompanhado o grandeoso progresso dos tempos, seguindo esse brilhante movimento pedagogico , a Pedagogia entra em uma nova phase de triumphos.

Nasce a Nova Escola Nova alegre, attrahente e formosa fundada nas leis psychologicas do aprendizado, na observação e na experiencia.

PEDAGOGIA OBJECTIVA

O homem não é puro espirito. Nenhum conhecimento do mundo exterior chega á sua intelligencia sem que sem que tenha passado pelos sentidos; nenhuma producção intellectual se realizará em sua mente sem a impressão dos órgãos sensoriaes.

Resulta que a educação das faculdades da ama ha de edificar-se sobre a vida sensitiva e, qualquer desvio, qualquer falha que attingir os sentidos irá refletir-se nas construcções mentaes fornecidas pelas informações que vêm já viciadas.

O grau de cognoscibilidade infantil é proporcional ás suas impressões sensitivas.

Assim, o ensino para ser efficiente deve ser objectivo.

A escola tradicional tornava-se desinteressante e inefficaz, justamente porque era por demais intellectualista, abstracta, numa palavra, não se ajustava aos postulados da psychologia infantil.

Em opposição á Pedagogia então dominante por toda a parte, que tinha em grande conta as abstracções, os conceitos, as regras e definições, surge a Pedagogia objectiva verdadeiramente scientifica, fundada na observação, no estudo da creança, de suas inclinações, de seus gostos e de seus interesses. Esta assenta sobre a intuição.

Com effeito, é a intuição, segundo a etymologia do vocábulo, conhecimento que se alcança pela vista do objecto presente. Os pedagogos ampliaram a significação do termo e hoje

temos como intuição o conhecimento directo de um objecto presente que se adquire por qualquer sentido, pela intelligencia ou pela cooperação das faculdades cognoscitivas.

É claro que a aprendizagem não pôde seguir outro caminho, pois todos os nossos conhecimentos são alcançados pelos sentidos.

Sem vêr, apalpar, cheirar, a creança não aprende.

As impressões fornecidos pela experiencia conferem em uma noção real do objecto e fixam-se no espirito ductil do menino para não desaparecerem jamais.

O grande pedagogo de Burgdot fez do processo intuitivo a base de todo o ensino geral, principalmente na escola primaria, considerando-o como ponto de partida, fundamento absoluto de todo conhecimento humano.

Elevou o ensino intuitivo á altura de um methodo didactico e ofereceu-nos, pela primeira vez, como elemento da intuição a *forma, o numero e a palavra*.

Sendo estes, conjunctamente, os meios elementares da instrucção, pois que a somma total das propriedades exteriores se reúne ao circulo de sua extensão e á relação de seu numero dos quaes nos apropriamos por meio da linguagem, é evidente que a aprendizagem na de relacionar-se com os primeiros effeitos das forças elementares, base de toda a educação objectiva.

Nos primeiros annos, sobretudo, é imprescindivel o aprendizado pelos processos intuitivos.

É este o meio usado pelas mães, que, despreocupadas de qualquer idéa de instrucção, tomam em regaço o filhinho querido e, pondo-o em contacto com a natureza, tornam-lhe facil, agradável e attrahente a pratica da intuição e os conhecimentos que dela procedem.

Sem o pensar, a mãe descuidosa com o unico fito de distrahir seu bebê abre-lhe as portas do mundo, exercita-lhe os sentidos e inicia o desenvolvimento da attenção e da capacidade intuitiva.

E que somma de cónhecimentos não adquire o menino na idade preescolar!

Se nos faltam muitas vezes recursos para offerecer ás creanças a intuição natural, valhamo-nos da intuição artificial, apresentando á classe imitações, fac-similes, pinturas, etc.

O giz nas mãos intelligentes do professor faz verdadeiros prodigios.

Seguindo na direcção de Pestalozzi e de Froetel, os modernos são maxima importancia ao conhecimento das côres, dos sons, das sensações do tacto, do movimento. Em summa, aos elementos da intuição reúnem as qualidades sensitivas, considerando os elementos activos da intuição superiores á apercepção e á vontade.

Tornar-se evidente que o uso activo das forças formativas e expositivas é muito mais importante que o receber e mirar de modo passivo.

A APRENDIZAGEM: SEUS PROCESSOS

São dois os processos de aprendizagem: o estudo e a experiencia propria e o ensino formal.

Quer no estudo pessoal, quer na instrucção formal existe sempre a auto-educação de quem aprende.

Esta affirmação já em voga entre os pedagogos antigos, vamos encontral-a no *De Mogistro*, de S. Thomás.

De facto, o educando é o principal agente de sua propria. Com uma participação alegre no trabalho da aprendizagem, elle procura, voluntariamente, vencer as difficuldades que se lhe deparam.

Papel do mestre é penetrar a alma do menino, comprehender-lhe os sentimentos e as tendencias, para depois encaminhal-o ao fim previamente traçado, por meio de uma pedagogia que se ajuste á capacidade, á experiencia e ao desenvolvimento mental.

O professor, mais do que o medico e o psychologo, deve conhecer os phenomenos do espirito e o desenvolvimento mental da creança que educa.

É necessario que elle saiba ler na alma do menino. Só assim poderá respeitar com todo carinho e veneração, essa natureza humana, no seu despontar para a vida.

A ingnorancia da natureza infantil, do desenvolvimento psysio-psychologia dos educandos é a causa *mater do fracassp da educação*.

Que de consequências desastrosas não acarretam esses methods quando suffocam os actos espontaneos da creancinha que apenas começa a agir!

Para ser efficiente o ensino, é necessario que os horarios, methods e programmas se adaptem ás leis das funções psychicas do educando.

DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO

A concepção ou a elaboração do mundo experimental, segundo Meumann, percorre, no jovem, três estadios distinctos: SYNTHESE PHANTASTICA, ANALYSE INDUCTIVA E SYNTHESE RACIONAL.

1º Estadio

Nas primeira phase, que vae até o fim do VI anno, a concepção do mundo para o menino é meio real, meio phantástica. Dahi os erros de perspectiva, o animismo, os mythos.

Os desenhos infantis são um flagrante desse estadio.

Quando o menino, por exemplo, pinta a figura de um homem a cavallo, bota as duas pernas de um só lado; do mesmo modo deixa apparecer uma pessoa que elle pretende representar atraz do muro.

As mentiras infantis têm a sua causa não só na deficiencia do vocabulario do menino, como, principalmente, na exaltação de sua phantasia.

Se a creança vê um pedaço de papel queimar, em um quarto, grita logo: A casa está pegando fogo!

Um menino de 5 annos e meio, interrogado a respeito dos seres inanimados disse, na sua linguagem, que os nomes emanam das proprias cousas, ou vêm de Deus. Por exemplo, sendo-lhe perguntado:

- Como se sabe que o sol tem este nome?
- Eu não sei, respondeu, é porque se vê.
- E você, como soube que elle se chamava assim?
- Eu o vejo. E Mamãe me diz.
- E sua mãe, como soube ella o nome do sol?
- Porque ela vê o sol.

Essa primeira phase caracteriza-se pelo conhecimento das totalidades do geral. As qualidades especiaes das cousas e os processos parciais são conhecidos de modo muito deficiente.

2º *Estadio* - ANALYSE INDUCTIVA.

Nesse período o menino desce a observar as qualidades e as relações existentes nos sêres.

A concepção do mundo infantil torna-se um tanto real. Sua percepção vae dispindo a interpretação phantastica e alcançando um conhecimento mais exacto do mundo exterior.

3º *Estadio* – SYNTHESE RACIONAL

Entra o menino no reino das abstrações. É um novo periodo da synthese, mas com um character completamente distincto da primeira época; elle já tem a comprehensão intellectual. Percebe as qualidades e as causas das cousas e relaciona com as noções adquiridas no periodo anterior.

No primeiro periodo o menino vivia como numa terra encantada, num paiz de lendas. No terceiro já tem o sentido da realidade.

O VALOR DOS ESTADIOS DE MEUMANN, NA PEDADOGIA

Estas experiencias são comprovadas pelas categorias de Stern, quando estuda a marcha evolutiva do senso de observação e pelas demonstrações de notáveis *psychologos* como Pohlmann, Preyer, etc.

O valor desse invento que Meumann reivindica para si, pode ser equiparado á escala metrica da intelligencia de Binet que, segundo De la Valsière, a obra prima da Pedagogia moderna.

Elle marca o roteiro firme na marcha da aprendizagem.

Daqui se vê que não é possível ensino scientifico sem a observação da criança para conhecer as leis do desenvolvimento physico e adaptar os ensinamentos ás capacidades nativas e aos seus interesses.

Nella se baseiam os grandes principios do methodo didactivo – *ordem, gradação e harmonia*.

O bom professor precisa conhecer o menino para guial-o na vida, tendo em vista suas inclinações.

Além disso, só uma pedagogia scientifica baseada na analyse individual do alumno poderá offerecer ao professor elementos para applicação efficiente dos mothodos.

Por este principio se alcança o grave erro em que incorrem Draghicesso, Durkheim e outros que admitem a Pedagogia niveladora das mentes.

Ora, não encontramos dois meninos perfeitamente iguaes. Elles apresentam taes diferenças nas tendencias , no desenvolvimento physico, nas manifestações da vontade e da intelligencia como nas aptidões particulares, que tornam falsos e muito prejudiciais os methodos uniformes.

Logo, a pedagogia deve ser objectiva, concreta, com base na experiencia própria de cada menino de modo que acompanhe seu desenvolvimento intellectual.

Sendo impossivel instruir cada alumno de per si porque esse processo acarretaria muitos inconvenientes e a educação social traz grandes vantagens ao educando, adaptou-se o ensino simultaneo.

Por este modo, os meninos são divididos em classes, de acordo com a idade, aptidões e, principalmente, com o desenvolvimento mental, de maneira que offereçam todos um nivel intellectual mais ou menos identico.

O professor cuidadoso, ao mesmo tempo que visa a educação as colectividade, não descarta os interesses do mais humilde de seus alumnos.

A todos interroga, corrige-lhes os themas, etc, mantendo assim a classe em constante actividade e adaptando o ensino á capacidade de cada um.

A GLOBALIZAÇÃO DO ENSINO

Para as creanças que se encontram na phase phantastica ou sensitiva o melhor processo de aprendizagem é o ensino global, pois nessa primeira phase os meninos percebem o todo, as generalidades. As qualidades especiaes das cousas e os processos parciais são conhecidos de modo muito deficiente.

Desta maneira encontra justificação a doutrina da Escola Nova no que respeita á methodologia do ensino, nesta primeira phase da vida escola.

O methodo global agrupa as matérias de acoôrdo com os interesses, as associações da creança, as correlações entre os estudos.

Não ha materiais ensinadas separadamente> uma aula de hsitoria outra de arithmetica, outra de desenho , etc., que se tornam desinteressantes por falta de realidade. Todas as noções fazem parte de uma unidade relacionan-se com o assumpto ou projecto que se pretende effectuar ou com o centro de interesse.

Deste modo, um incidente qualquer dá margem a investigações dobre arithmetica, linguagem, geographia, astronomia, com vivo interesse para o alumno, pois as lições versam em torno de casos concretos relativos ás necessidades reaes da creança.

Nos passos subconsequentes, a globalização tem alguma utilidade, como um estímulo á observação do alumno.

No terceiro estadio, dos 4 aos 12 amnos, ha necessidade de levar o menino ao terreno das abstrações, graduando o ensino, conforme o desenvolvimento metal.

Assim, do concreto passa-se ao abstracto, ás applicações, ás regras, as definições em que intervenham a reflexão e a razão.

CENTROS DE INTERESSE

Os methodos globaes comprehendem os centros de interesse, os projectos, o jogo, o ensino colectivo livre, etc.

Convém notar, que os centros de interesse estão ainda em periodo de prova, não constituem em um postulado de sciencia. Tanto assim, que na ultima reforma do ensino que se realizou na Austria não houve logar para eles.

E a razão é clara, Visando-se as associações e connexões das cousas, entre si, viola-se o principio de ordem e de gradação.

O menino, com effeito, vê-se obrigado, muitas vezes a entrar em assumptos superiores aos seus conhecimentos e a resolver problemas ou situações a que não está ainda devidamente preparado.

OS PASSOS FORMAIS DA INSTRUCÇÃO

Attendendo a estas e a outras considerações importantes, eminentes pedagogicos têm tratado de estabelecer um processo geral de aprendizagem, applicavel e todas as matérias.

Hesbart, o mais profundo discípulo do Pestalozzi, deu-nos uma formula que é conhecida pelo nome de theorta, dos passos formaes da instrucção.

Ainda que o formula herbatiana não se ajuste a todas as materias e a todos os graus da aprendizagem, os passos formaes constituem um meto excellente de organizar o assumpto de uma lição.

Dirigi-se, ao mesmo tempo aos sentidos, á intelligencia, á memoria, ao coração e á vontade.

Os cinco passos formaes do ensino são: *preparação, apresentação, associação, recapitulação e applicação*.

Preparação(1) O fim deste primeiro passo é preparar a mente do alumno para a apresentação da materia.

O professor procura recordar as idéas já conhecidas que se relacionam com o assumpto da nova lição, evocando as semelhanças, os contrastes, etc.

É necessario que as forças que jazem adormecidas no alumno entrem em actividade, do contrarto, a aula correrá fria, sem nenhum resultado.

Apresentação.- O segundo passo tem por objeto expor a verdade de que se trata, analysar e discutir o assumpto que é apresentado. É muito variavel. Depende tanto da idade e desenvolvimento mental dos alumnos como da materia ensinada.

O professor deve considerar que o fim do ensino não é fazer aprender, ás cadeiras, portanto, é necessario que os exercicios sejam multiplos e variados, até que a lição fique bem assignalada.

Associação. Chega o ponto em que se deve reunir e comparar as idéas novas com as preadquiridas, combinando todo o conhecimento novo com o antigo, e estabelecendo o maior numero possivel de associações.

Recaptulação. Neste quarto passo vamos descobrir o que ha de abstracto nas cousas mais importantes da materia estudada, relacioanando tudo com os conhecimentos anteriores assimilados. Muito ajudam as perguntas hablimente dirigidas pelo mestre.

Aplicação. Este quinto e ultimo passo formal tem por objetivo a adaptação dos conhecimentos á vida pratica, por meio de uma série de exercicios em tórno da materia estudada.

Aqui, encontra o educador campo vasto para agir sobre a vontade e o coração do educando.

Os passos formaes, como todas as formulas didacticas, apresentam vantagens e inconvencias.

Não constituem technica didactica. Sua principal utilidade é proporcionar ao mestre attitude mental favoravel á ordem, orientação e direcção do trabalho escolar.

Anexo J: Publicação de Artigo no Jornal o Norte da Paraíba: Dedicção à arte de ensinar

Fonte: 1 de Janeiro de 2012.

11 >> O NORDE - João Pessoa, domingo, 1º de janeiro de 2012 dia a dia

HISTÓRIA DA PARAÍBA

Dedicção à arte de ensinar

Argentina Pereira Gomes é considerada uma das melhores professoras da Paraíba

Lindjane Pereira
lindjaneperiera@gmail.com.br

Na Avenida Camilo de Holanda, uma das escolas mais conhecidas de João Pessoa recebeu em 1976, quando fundada, o nome de uma professora que se dedicou ao ensino durante quatro décadas: Argentina Pereira Gomes, pernambucana radicada na Paraíba desde os nove anos, quando se mudou para a capital paraibana com a família e fincou raízes no Estado, no qual até hoje é lembrada não por ter recebido prêmios ou ocupados cargos públicos, mas por ter sido uma professora atenciosa que ensinou a várias gerações.

A vida da professora Argentina não tem episódios extraordinários, mas representa a história da Paraíba constituída de pessoas que viveram para ensinar e educar.

"Argentina Pereira Gomes dedicou-se ao ensino paraibano por 40 anos, sendo considerada uma professora culta e que transmitia aos que conviveram com ela o seu conhecimento, sem externar qualquer desejo de reconhecimento ou vaidade. Lecionou em uma pequena escola na cidade de Borborema, no início da sua carreira profissional, posteriormente nas prestigiadas: Escola Normal, Escola Epitácio Pessoa, Colégio Nossa Senhora das Neves e, por fim, no Liceu Paraibano, instituição onde se dedicou por mais tempo às atividades do magistério", destaca a mestrande em Pedagogia Márcia



Arquivo de Ana Alice Miranda

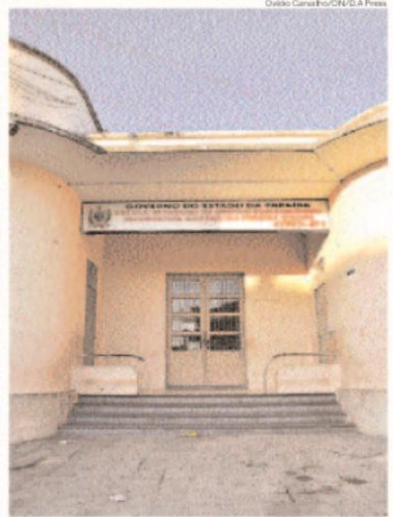
Nascida na cidade de Carpiná (PE) em 26 de janeiro de 1894, Argentina Pereira mudou-se para João Pessoa (então Paraíba do Norte) aos nove anos junto com os pais João Gregório Pereira e Capitulina Pereira Gomes, em busca de melhores condições de vida.

"Segundo a sua sobrinha Maria Martha Dieckman, a vida da família de Argentina Pereira Gomes para a cidade de João Pessoa se deu pelo fato de seu pai João Gregório Pereira Gomes ter perdido o emprego no jogo do bicho. Assim, em virtude disso e por ter perdido sua única fonte de rentabilidade, foi movido a procurar outros horizontes", destaca Márcia Mendes.

Em João Pessoa, em pouco tempo, Argentina vai morar com uma irmã na Avenida João Machado, Centro, nas proximidades da Igreja de Lourdes que costumava frequentar.

Morando na capital, matriculou-se na Escola Normal do Estado, criada em 1874, e se formou em 1916 quando passa a atuar como professora. Com carisma e competência consegue em 1928 ser apro-

Educadora atuou durante quatro décadas



Orlando Carneiro/GN e A Press

Professora foi homenageada com o nome da Escola Argentina Pereira Gomes

vada em um concurso público, empatando com um advogado, como conta a mestrande Márcia Mendes. "Nas pesquisas realizadas até então, não há indícios que comprovem outra ocorrência que iguale ou sobreponha o que aconteceu no citado concurso, em que são nomeados a partir do ponto de vista dos examinadores, dois candidatos: Argentina Pereira Gomes e Demétrio de Toledo a vaga de português, reconhecendo a potencialidade intelectual destes candidatos, dando-lhes o primeiro lugar e, logo em seguida, nomeando-os para a vaga de Português da Antiga Escola Normal".

Além de ser sempre lembrada como uma das melhores professoras do Estado na sua época, Argentina Pereira era conhecida no meio cultural da capital paraibana por ser frequentadora assídua de saraus, segundo Márcia Mendes, tendo predileção pela poesia de Olavo Bilac, tendo sido uma fomentadora da prática e dos estudos poéticos.

PAIXÃO PELO MAGISTÉRIO

Os depoimentos colhidos pela mestrande Márcia Mendes demonstraram a paixão de Argentina Pereira pelo ensino e também a sua capacidade de ensinar. Linalda de Arruda Melo, ex-aluna de Argentina, diz que a professora tinha a capacidade de prender a atenção dos alunos: "sabe como criança que fica ouvindo a avó contar histórias e ficam os meninos assim bem atentos, que nem se mexem? Assim ficava a gente bem atento a dona Argentina".

O sobrinho da professora, João Pereira Gomes, outra fonte de pesquisa da mestrande em Pedagogia, lembra que para Argentina ensinar era prioridade. "Amante do ensino, louca por seus alunos (...) nunca quis fazer outra coisa da vida, conquanto dissesse que ouve convites para assumir posto na Secretaria de Educação (...) ela nunca quis se afastar da cátedra, nunca quis sair de sala de aula, todo convite que ela recebia, ela dizia: 'desde que não afaste da sala de aula'". A professora Argentina Pereira Gomes faleceu no dia 10 de abril de 1962.

PAIXÃO PELO MAGISTÉRIO

APÊNDICE

Apêndice A: Roteiro de Entrevista ex-alunos

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
MESTRANDA: Márcia Cristiane Ferreira Mendes

HORA:

DATA:

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **Memórias e Práticas Educacionais da Educadora Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário educativo da Paraíba (1916-1962).**

Roteiro de Entrevista/ Ex-alunos

1. Gostaríamos de saber seu nome completo?
2. Sua idade?
3. O seu Estado civil?
4. O seu grau de instrução?
5. Qual o grau de aproximação com o objeto pesquisado?
6. As primeiras alfabetizações de Argentina Pereira Gomes se deram a onde?
7. Argentina Pereira Gomes foi casada? Teve filhos?
8. Se teve poderia nos dizer quantos filhos e seus nomes?
9. Qual foi o período de sua convivência com Argentina Pereira Gomes?
10. O que levou Argentina Pereira Gomes a escolher a profissão de professora?
11. Quais as instituições escolares em que Argentina trabalhou?
12. Argentina Pereira Gomes foi adepta aos castigos físicos como palmatória?
13. Argentina Pereira Gomes escreveu alguma obra literária ou publicou em jornais da época?

14. Mediante o contexto da época é do seu conhecimento, a educadora se envolveu em algum movimento político? Qual?
15. Em seus arquivos pessoais existem fotografia ou outro documentos que fale da memória da educadora Argentina Pereira Gomes?
16. Quais os lugares que Argentina Gomes costumava frequentar?
17. Pode nos informar pessoas que conviveram com Argentina Pereira Gomes e que ainda estão vivos?
18. Como Argentina Pereira Gomes se relacionava com seus alunos?
19. Quais as contribuições que esta educadora deixou para sua formação intelectual e moral?
20. Existe outra informação que poderia nos deixar e que ainda não foi perguntado?

Gostaríamos de encerrar agradecendo pelas contribuições deixadas nesta entrevista sobre a educadora Argentina Pereira Gomes.

Apêndice B: Roteiro de Entrevista de Familiares

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
MESTRANDA: Márcia Cristiane Ferreira Mendes

HORA:

DATA:

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **Memórias e Práticas Educacionais da Educadora Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário educativo da Paraíba (1916-1962).**

Roteiro de Entrevista/ Familiares

1. Gostaríamos de saber seu nome completo?
2. Sua idade?
3. O seu Estado civil?
4. O seu grau de instrução?
5. Grau de aproximação com o objeto pesquisado?
6. A alfabetização de Argentina Pereira Gomes se deram a onde?
7. Qual a formação profissional de Argentina Pereira Gomes?
8. Argentina Pereira Gomes foi adepta a castigos físicos como palmatória?
9. Qual a primeira residência de Argentina de Argentina Pereira Gomes na cidade de João Pessoa? Existiram outras residências?
10. Argentina Pereira Gomes foi casada? Teve filhos?
11. Se tiver poderia nos dizer quantos filhos e seus nomes?
12. Qual foi o período de sua convivência com Argentina Pereira Gomes?
13. Quais as instituições escolares que Argentina trabalhou?

14. É do seu conhecimento se Argentina Pereira Gomes escreveu alguma obra literária ou publicou em jornais da época?
15. Caso tenha publicado possui um exemplar ou uma cópia em suas mãos?
16. Mediante o contexto da época é do seu conhecimento, a educadora se envolveu em algum movimento político? Qual?
17. Em seus arquivos existem fotografia ou outro documentos impresso que fale da memória da educadora Argentina Pereira Gomes?
18. Quais os lugares que Argentina Pereira Gomes costumava frequentar?
19. Pode nos informar pessoas que também conviveu com Argentina Pereira Gomes e que ainda estão vivos?
20. Como Argentina Pereira Gomes se relacionava com seus familiares?
21. Quais as contribuições que esta educadora deixou para sua formação intelectual e moral?
22. Existem outras informações que poderia nos deixar e que ainda não foi perguntado?

Gostaríamos de encerrar agradecendo pelas contribuições deixadas nesta entrevista sobre a educadora Argentina Pereira Gomes.

Apêndice C: Roteiro de Entrevista de Amigos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
MESTRANDA: Márcia Cristiane Ferreira Mendes**

HORA:

DATA:

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **Memórias e Práticas Educacionais da Educadora Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário educativo da Paraíba (1916-1962).**

Roteiro de Entrevista/ Amigos

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Estado civil:
5. Grau de instrução:
6. Grau de aproximação com o objeto pesquisado?
7. Argentina Pereira Gomes foi casada? Teve filhos?
8. Qual a formação profissional de Argentina Pereira Gomes?
9. As primeiras letras de Argentina Pereira Gomes se deram a onde?
10. Argentina Pereira Gomes foi adepta a castigos físicos como palmatória?
11. Quais as contribuições que esta educadora deixou para sua formação intelectual e moral?
12. Qual foi o período de sua convivência com Argentina Pereira Gomes?
13. Quais as instituições escolares que Argentina trabalhou?
14. Argentina Pereira Gomes escreveu alguma obra literária ou publicou em jornais da época?
15. Esta educadora se envolveu em algum movimento político? Qual?

16. Em seus arquivos existem fotografia ou outro documentos impresso que fale da educadora Argentina Pereira Gomes?
17. Quais os lugares que ela costumava frequentar?
18. Pode nos informar pessoas que também conviveu com Argentina Pereira Gomes e que ainda estão vivos?
19. Como Argentina Pereira Gomes se relacionava com seus amigos, familiares e ex-alunos?
20. Existem outras informações que poderia nos deixar e que ainda não foi perguntado?

Gostaríamos de encerrar agradecendo pelas contribuições deixadas nesta entrevista sobre a educadora Argentina Pereira Gomes.